

## **Sumário**

<b>Editorial</b>	<b>PDF</b>
Sidi Facundes (UFPA)	2-4
Marília Fernanda Pereira de Freitas (UFPA)	
<b>Sistemas de classificação nominal no Sudoeste amazônico</b>	<b>PDF</b>
Hein Van Der Voort (MPEG/MCTI)	5-22
<b>De compostos nominais produtivos a um sistema incipiente de classificação nominal em Apurinã (Aruák)</b>	<b>PDF</b>
Sidi Facundes (UFPA)	23-50
Marília Fernanda Pereira de Freitas (UFPA)	
<b>Classifiers in Paresi-Haliti (Arawak)</b>	<b>PDF</b>
Ana Paula Brandão (UFPA)	51-67
<b>Termos de classe em Wapixana (Aruák)</b>	<b>PDF</b>
Manoel Gomes dos Santos (UFRR)	68-81
<b>Mudança sintática em andamento: o caso dos “classificadores genitivos” em línguas caribes</b>	<b>PDF</b>
Sérgio Meira (MPEG)	82-103
<b>Alternâncias causativas em Ikpeng (Karib)</b>	<b>PDF</b>
Angela Fabiola Alves Chagas (UFPA)	104-128
<b>Uma questão de essência: classificadores para o corpo humano em Apinayé</b>	<b>PDF</b>
Laísa Tossin (Unicamp)	129-140
<b>Expressando conceitos de qualidade em Xavante: adjetivos ou verbos?</b>	<b>PDF</b>
Adriana Machado Estevam (UQAM)	141-165
<b>Classificação nominal em línguas Tupi</b>	<b>PDF</b>
Luciana Storto (USP)	166-175
Jéssica Clementino da Costa (USP)	

## Editorial

O presente trabalho apresenta fenômenos gramaticais, fonológicos e areais em diferentes línguas indígenas brasileiras dos principais grupos genéticos encontrados no País: Aruák, Caribe e Jê. Van der Voort examina sistemas de classificação nominal que são compartilhados por diversas línguas da região do Sudoeste amazônico, nomeadamente Kwazá, Kanoé, Aikanã, Movima, Itonama, Latundê/Lakondê, Cavineña, Arikapú, Baure e Karo. Tais sistemas de classificação incluem formas multifuncionais que podem derivar novos nomes, ser incorporados ao verbo e modificar nomes, dependendo da língua (fenômenos análogos àqueles descritos em profundidade em três línguas Aruák nesta edição, Facundes e Freitas, Brandão, e Santos); incluem ainda uma raiz semanticamente vazia que ancora classificadores, um classificador genérico ou neutro e, em algumas dessas línguas, classificadores possessivos. Dada a heterogeneidade genética que caracteriza a região do Sudoeste amazônico, incluindo línguas da família Nambikwara do Norte, Pano-Tacana, Macro-Jê, Aruák e Tupí, Van der Voort conclui que esses sistemas classificatórios constituem um dos traços areais dessa região, ao lado de algumas formas lexicais, morfemas gramaticais, e certas estruturas gramaticais.

Em Facundes e Freitas, o termo “nome classificatório” é utilizado para designar um sistema de classificação nominal que apresenta, por um lado, algumas características de classificadores nominais, pois, em sua maioria, são formas constituídas de raízes nominais que expressam propriedades semânticas relacionadas a formas, consistências e dimensões dos referentes dos nomes compostos dos quais fazem parte, e podem ser incorporados aos verbos e retomar metonimicamente referentes previamente mencionados no texto, enquanto, por outro lado, são às vezes usados para derivar novos itens lexicais. Os domínios semânticos fontes dos nomes classificatórios, a partir dos quais o sentido é estendido a outros domínios, é parte de plantas, elementos da natureza (tais como água, terra e pó), e algumas partes do corpo. Diferentemente de classificadores numerais, porém, nomes classificatórios não são usados com palavras quantificadoras. Por outro lado, tais nomes classificatórios são também comparáveis aos temas de classe atestados em línguas do Sudeste Asiático, já que

são usados produtivamente na formação de compostos produtivos. Diferem-se destes, entretanto, pela possibilidade de serem incorporados aos verbos e de retomarem metonimicamente referentes de termos previamente mencionados no texto.

Brandão apresenta uma análise de termos classificatórios que compartilham de várias propriedades dos nomes classificatórios descritos por Facundes e Freitas para Apurinã. No entanto, ao contrário de Facundes e Freitas, que enfatizam o caráter peculiar dos nomes classificatórios, compartilhando propriedades tanto de classificadores nominais quanto de termos de classe em Apurinã, Brandão mostra que os elementos nominais classificatórios em Paresi estão mais próximos de classificadores mais típicos, já que podem ser usados também em expressões quantificadoras.

Santos apresenta um sistema de classificação nominal em Wapixana como um sistema de termos de classe que compartilha das principais características daqueles descritos para Apurinã e Paresi: são constituídos de nomes obrigatoriamente possuídos que são usados produtivamente na formação de compostos nominais, podem ser incorporados ao verbo e, como em Paresi, são usados em construções comparativas. Diferentemente de Apurinã e Paresi, o domínio semântico fonte dos termos de classe em Wapixana inclui termos de parentesco.

Meira apresenta o primeiro dos dois artigos que abordam línguas da família Caribe. Embora seu objetivo seja analisar “classificadores genitivos” nas línguas Apalaí e Panare, ele o faz através de uma análise comparativa que toma por base a análise de construções apositivas em Tiriyo, outra língua da mesma família. Demonstrando que as construções apositivas em Tiriyo apresentam semelhanças entre si que as distinguem de sintagmas nominais típicos, Meira propõe ser a segunda a provável origem histórica, não apenas dos “classificadores genitivos” em Tiriyo, como também destes, possivelmente, em Apalaí e Panare.

Chagas trata da segunda língua da família Caribe nesta publicação, Ikpeng, em que analisa alternâncias causativas e sua relação com valência verbal, transitividade e marcação de caso. A partir dos usos das formas prefixais usadas para marcar diferentes argumentos verbais, Chagas conclui que enquanto os verbos de estrutura semântica monádica são marcados por Sp, os verbos com estrutura semântica diádica são marcados por prefixos do tipo Sa.

Tossin apresenta dados da primeira língua Jê, a língua Apinayé. A autora descreve alternâncias morfológicas atestadas em termos para partes do corpo nessa língua, e sua relação com a categorização do universo Apinayé e a cosmovisão desse povo, sugerindo a possibilidade de uma certa relevância de elementos da organização em metades cerimoniais desse povo para a classificação de palavras na língua.

Estevam aborda a segunda das duas línguas Jê desta publicação, Xavante. A autora analisa termos de propriedade nessa língua, e apresenta dados que indicam que tais termos apresentam propriedades verbais. Como consequência, Estevam conclui que termos de propriedade em Xavante constituem uma classe verbal, ao invés de nominal.

Finalmente, Storto e Costa apresentam um estudo-comparativo entre cinco línguas da família Tupi, cada uma representando um ramo distinto dessa família: Mekéns (Tupari), Karitiana (Arikém), Gavião (Mondé); Karo (Ramarama) e Munduruku (Munduruku). Quatro formas classificatórias já haviam sido reconstruídas, como nomes, em estudos anteriores, e uma quinta forma foi reconstruída na proto-língua por Storto e Costa, também como nome — o que indica que ao menos alguns classificadores sejam inovações na família Tupi. Entretanto, a forma reconstruída por esses autores possivelmente tinha uso classificatório, embora sendo um nome. Este último detalhe reforça a presença de nomes classificatórios distintos daqueles considerados mais típicos na literatura linguística, descritos em outras partes do mundo, como uma característica importante nas línguas amazônicas.

Através dessa seleção de temas e artigos, esta edição oferece uma amostra importante e representativa da diversidade encontrada em línguas indígenas brasileiras, por meio da apresentação de alguns fenômenos linguísticos de diferentes grupos genéticos. Dos nove artigos que constituem esta edição, seis se dedicam à questão dos sistemas de classificação nominal; um se volta para alternâncias causativas e valência verbal; um discute certas alternâncias morfológicas em termos para partes do corpo e sua relação com questões ligadas à cosmovisão Apinayé; e um trata de termos de propriedade e seu comportamento verbal. Com essa diversificação de temas, busca-se contribuir para a difusão e ampliação das discussões em torno da pluralidade cultural e linguística, especialmente sobre sistemas de classificação nominal, existente no País.

Prof. Dr. Sidi Facundes

Profa. Ms. Marília Fernanda Pereira de Freitas

Revista Moara – Edição 43, Vol. 2 – jul - dez 2015, Estudos Linguísticos

ISSN: 0104-0944

# Sistemas de classificação nominal no Sudoeste amazônico

## *Nominal classification systems in the Southwestern Amazon*

Hein VAN DER VOORT\*

Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG/MCTI)

**RESUMO:** Enquanto línguas africanas são conhecidas por ter sistemas fechados e altamente gramaticalizados de classes flexionais de substantivos e sistemas de concordância de gênero, línguas asiáticas e austronésicas tipicamente têm sistemas relativamente abertos de uma natureza mais lexical, que envolvem múltiplos termos de medida e de classe. Considerando estes tipos de classificação nominal como extremos opostos em um espectro heterogêneo, sistemas de classificação nas línguas amazônicas tendem a ocupar uma posição intermediária. Em várias línguas amazônicas encontra-se um sistema léxico-grammatical de classificação que combina características dos dois outros extremos. Esses sistemas tipicamente envolvem um número considerável de morfemas classificatórios presos, que têm uma distribuição ampla e que podem ter funções diversas, como concordância, anáfora e derivação. Essa caracterização não está limitada às línguas do Noroeste amazônico, mas vale também para várias línguas do Sudoeste amazônico. Além disso, é evidente que esses sistemas de classificação podem se espalhar arealmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Classificadores. Sudoeste amazônico. Difusão areal

**ABSTRACT:** Whereas African languages are known for closed and highly grammaticalised systems of nominal inflection classes and gender agreement systems, Asian and Austronesian languages typically have relatively open systems of a more lexical nature that involve multiple terms of class and measure. Considering these types of nominal classification as opposite extremes on a heterogenous scale, classification systems in Amazonian languages tend to occupy an intermediary position. In various Amazonian languages a lexico-grammatical system of classification is found that combines characteristics of both extremes. These systems typically involve a considerable number of bound classifying morphemes that have a wide distribution and that may have diverse functions such as agreement, anaphor, and lexical derivation. These characteristics are not limited to northwestern Amazonia, but they also hold for various languages of southwestern Amazonia. It is furthermore evident that those classification systems can spread areally.

**KEY WORDS:** Classifiers. Southwestern Amazonia. Areal diffusion

## Introdução

No Sudoeste amazônico, que neste artigo é considerado como a região incluindo partes das terras baixas da Bolívia e do Brasil em ambos os lados do rios Guaporé/Iténez e Mamoré, são ainda faladas mais de cinquenta línguas indígenas. Essas línguas pertencem a seis famílias ou troncos linguísticos: Arawák, Macro-Jê, Nambikwara, Pano-Tacana,

---

\* Pesquisador associado, Coordenação de Ciências Humanas (CCH), Área de Linguística, Museu Goeldi, Belém (PA). E-mail: hvoort@museu-goeldi.br

Txapakúra e Tupí. Além disso, há ainda 11 línguas isoladas, ou seja, línguas que não são membros de famílias/troncos conhecidos: Aikanã, Canichana, Cayubaba, Iranxe/Mÿky, Itonama, Kanoê, Kwazá, Leko, Mosestén/Chimané, Movima, Yurakaré. É uma diversidade genético-linguística extrema, talvez a maior das Américas, que deve ser resultado de vários milênios de migração e desenvolvimento populacional. Uma das questões importantes para os linguistas é de natureza interdisciplinar: como exatamente surgiu esta diversidade e o que isso nos ensina sobre a pré-história do continente? Para refletir sobre essas questões, é necessário ter conhecimento detalhado e profundo sobre todas as línguas da região, na forma de gramáticas descritivas, dicionários, coleções de textos e documentação multimídia. Nesse respeito, há ainda muito a fazer, em um contexto em que, infelizmente, muitas destas línguas estão seriamente ameaçadas de extinção, devido à dizimação e desintegração das comunidades indígenas e a destruição do meio-ambiente pelos colonizadores, o que faz parte de um problema mundial.

Das aproximadamente 50 línguas que ainda sobrevivem na região, a metade tem menos de 50 falantes, e aproximadamente um terço tem 10 falantes ou menos. Felizmente, nos últimos 25 anos, desde que a “questão das línguas ameaçadas” foi colocada como prioridade na agenda dos linguistas (HALE et al. 1992), houve um grande número de projetos e iniciativas nacionais e internacionais para documentar e analisar as línguas da região, levando a descrições abrangentes de boa qualidade de quase 20 línguas do Sudoeste Amazônico. Esses trabalhos não só estão começando a possibilitar um melhor entendimento da diversificação interna das famílias linguísticas, dos contatos entre as línguas e das relações entre os povos da região, como também estão já levando a novas hipóteses tipológicas e teóricas sobre a língua humana em geral.

Apesar da grande diversidade genético-linguística, as línguas do Sudoeste amazônico, aqui definido como a região Guaporé-Mamoré, mostram semelhanças entre si. Mesmo sendo línguas não relacionadas, elas compartilham características fonológicas, estruturas gramaticais e elementos lexicais e morfológicos, cruzando fronteiras genético-linguísticas. Essas semelhanças são resultado de contatos milenares entre as línguas da região, que levaram a empréstimos e convergências. Quando se tratam de traços gramaticais encontrados numa região delimitada independentemente das relações familiares entre as línguas, pode-se falar de traços areais, resultado de difusão areal, numa determinada área linguística. O exemplo clássico de uma “área linguística” é a região

balcânica. Há várias áreas linguísticas conhecidas no mundo, como a região caucasiana, a região báltica, o planalto da Etiópia, o sul e sudeste da Ásia, Indonésia do leste com Papua, o litoral noroeste da América do Norte, América Central, e o Noroeste amazônico. Resultados de trabalhos descritivos recentes mostram que também a região Guaporé-Mamoré representa ou contém uma ou algumas subáreas linguísticas.

Como mostrado em um artigo sucinto seminal por Crevels e van der Voort (2008), várias línguas da região Guaporé-Mamoré compartilham elementos lexicais, como palavras para banana, milho, galinha, marico, chicha, estrela, lua; morfemas gramaticais, como aplicativos, classificadores e outros; e estruturas gramaticais, como ‘citativos’<sup>1</sup> para expressar tempo e modo, a ordem possuidor-possuído, uma alta incidência de prefixos, número verbal, distinção entre inclusivo e exclusivo nos sistemas pronominais e, ainda, sistemas multifuncionais de classificação nominal. Neste artigo discutirei sistemas de classificação nominal em línguas da região Guaporé-Mamoré, as semelhanças e diferenças entre eles e a sua difusão.

## **1 Sistemas de classificação gramatical**

Na linguística, sistemas de classificação representam maneiras de categorizar elementos nominais. Desde meados dos anos 70, a classificação nominal e a sua realização nas línguas do mundo começou a receber bastante atenção pelos linguistas. A classificação nominal pode ser feita de maneiras muito diferentes, seja na morfologia flexional, lexicalmente, ou por derivação, e é provavelmente por isso que Allan (1977) supõe que todas as línguas têm classificadores. Desde meados dos anos 80, classificação nominal nas línguas da América do Sul começou a assumir um papel maior nas discussões tipológicas sobre o assunto (por exemplo: PAYNE 1987, CRAIG 1986, DERBYSHIRE; PAYNE 1990, AIKHENVALD 2000, GRINEVALD 2000, GRINEVALD; SEIFART 2004). Enquanto línguas africanas são conhecidas por terem sistemas fechados e altamente gramaticalizados de classes flexionais para nomes (ou substantivos) e sistemas de concordância de gênero, as línguas asiáticas e austronésicas de modo típico apresentam sistemas relativamente abertos de natureza mais lexical, que envolvem múltiplos termos de medida e de classe. Considerando estes tipos de

---

<sup>1</sup> Construções que não são necessariamente usadas para citação de fala, mas também para expressar desejos, intenções, tempo futuro, entre outros (vide VAN DER VOORT 2013).

classificação nominal como extremos opostos em um espectro heterogêneo, os sistemas de classificação nas línguas amazônicas tendem a ocupar uma posição intermediária. A seguinte tabela resume a tipologia de sistemas de classificação e a terminologia envolvida, apresentada em uma “clina de gramaticalização”:<sup>2</sup>

**Tabela 1: Tipologia de sistemas de classificação nominal**

LEXICAL	INTERMEDIÁRIO	GRAMMATICAL
termos de medida	classificadores numéricos	marcadores de gênero
termos de classe	classificadores sortais	marcadores de classe nominal
	classificadores mensurais	
	classificadores de nomes	
	classificadores verbais	

Em várias línguas amazônicas encontra-se sistemas léxico-gramaticais de classificação que combinam características dos dois extremos. Esses sistemas tipicamente envolvem um número considerável de morfemas classificatórios presos, que têm uma distribuição ampla e que podem ter funções diversas, como concordância, anáfora e derivação. Porém, como Seifart e Payne (2007) afirmam, os sistemas do Noroeste amazônico representam um tipo coerente próprio e não devem ser considerados como sistemas “mistos” ou “múltiplos”. Como van der Voort (no prelo) demonstra, essa caracterização não está restrita às línguas do Noroeste amazônico, mas vale também para várias línguas do Sudoeste amazônico. Além disso, já é evidente que os sistemas de classificação podem ser sujeitos a espalhamento areal.

Talvez surpreendentemente, Crevels e van der Voort (2008, p.167; 170) mencionam como um dos traços areais da região Guaporé-Mamoré a relativa ausência de classificadores. Somente três das 24 línguas investigadas apresentam sistemas de gênero (Warí, Movima e Mometén), e somente oito destas línguas têm classificadores. No entanto, os sistemas de classificadores encontrados na região revelam tendências similares inegáveis: 1<sup>a</sup>.) envolvem grande número de classificadores; 2<sup>a</sup>.) os

<sup>2</sup> Inglês: “*cline of grammaticalisation*”, que refere a uma escala gradual de elementos menos gramaticalizados a mais gramaticalizados. A terminologia em inglês correspondente a Tabela 1:

LEXICAL	INTERMEDIATE	GRAMMATICAL
measure terms	numeral classifiers	gender markers
class terms	sortal classifiers	noun class markers
	mensural classifiers	
	noun classifiers	
	verbal classifiers	

classificadores são elementos gramaticais com conteúdos semânticos bastante lexicais; 3<sup>a</sup>.) os classificadores têm uma distribuição ampla, ocorrendo em várias posições gramaticais (em nomes, verbos, adjetivos, demonstrativos, etc.); 4<sup>a</sup>.) às vezes as formas dos classificadores são parecidas; 5<sup>a</sup>.) os sistemas mostram similaridades com os do Noroeste amazônico.

A seguir, apresento as distribuições e funções de classificadores no Sudoeste amazônico, baseadas em dados de 10 línguas indígenas. Na tabela 2 foram listadas as línguas com a sua classificação genética e localização geográfica:

**Tabela 2: Línguas discutidas neste artigo<sup>3</sup>**

1	Kwazá	ISOLADAS	Brasil
2	Kanoê		
3	Aikanã		
4	Movima		Bolívia
5	Itonama		
6	Latundê/Lakondê	NAMBIKWARA DO NORTE	Brasil
7	Cavineña	PANO-TACANA	Bolívia
8	Arikapú	JABUTÍ, MACRO-JÊ	Brasil
9	Baure	ARAWÁK DO SUL	Bolívia
10	Karo	RAMARAMA, TUPÍ	Brasil

## 2 Nomes

Várias línguas da região, que não são geneticamente relacionadas entre si, têm sistemas de classificadores multifuncionais com uma ampla distribuição. Os classificadores podem ocorrer em várias posições diferentes. A produtividade, funcionalidade e distribuição exata dos mesmos dependem da língua em questão, mas na maioria delas os classificadores são verificados como sufixos nominais encontráveis em nomes substantivos. Observem-se as semelhanças estruturais nos seguintes exemplos de línguas pertencentes às famílias Arawák, Nambikwara, Macro-Jê e Tupí e, ainda, incluindo quatro línguas isoladas:

<sup>3</sup> Os dados das línguas Aikanã (ISOLADA), Kwazá (ISOLADA) e Arikapú (MACRO-JÊ) vêm do meu próprio trabalho no campo com falantes nativos destas línguas. Os valores aproximativos dos símbolos usados nos exemplos destas línguas correspondem com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), com exceção de <y>, <ü>, <x>, que representam [i], [y], [ʃ], respectivamente. Os dados das outras línguas vêm de trabalhos por colegas, devidamente identificados na lista de referências. Serão mencionadas ainda outras línguas que ocupam um espaço marginal na discussão em foco no presente artigo.

- |     |   |                               |
|-----|---|-------------------------------|
| (1) | <i>yaki-so</i><br>fôgo-CL:pau<br>'lenha'                            | (Baure, Danielsen 2007, p.97) |
| (2) | <i>tiporek-po 'e</i><br>galinha-cabeça<br>'cabeça de galinha'       | (Baure, Danielsen 2007, p.96) |
| (3) | <i>'wajh-ki 'nñn- 'te</i><br>açai-CL:redondo-REF<br>'fruta de açai' | (Latundê, Telles 2002, p.185) |
| (4) | <i>atxixi-to</i><br>milho-CL:caroço<br>'caroço de milho'            | (Kwazá)                       |
| (5) | <i>mãdere-zu</i><br>machado-CL:osso<br>'cabo de machado'            | (Aikanã)                      |
| (6) | <i>mutyry-ko-mũ</i><br>açai-CL:coco-CL:líquido<br>'vinho de açai'   | (Kanoê, Bacelar 2004, p.102)  |
| (7) | <i>kape:-vas</i><br>café-BR:farinha<br>'café em pó'                 | (Movima, Haude 2006, p.211)   |
| (8) | <i>mĩrẽ-ka</i><br>caba-CL:fruta<br>'ninho de cabas'                 | (Arikapú)                     |
| (9) | <i>maʔẽ káʔ</i><br>panela CL:concavo<br>'panela'                    | (Karo, Gabas Jr. 1999, p.217) |

Entre as funções dos classificadores, está a criação de novas palavras derivadas, como nos exemplos (5), (3), (6) e (8). Outros exemplos mostram modificações nominais mais transparentes com interpretações mais previsíveis, como em (1) e (4). Nota-se que o elemento preso no exemplo (7), da língua Movima, não representa um classificador. Haude (2006) analisa estes elementos como raízes nominais presas, que podem ter funções similares às de classificadores.

As línguas Arikapú (8) e Karo (9) têm um número relativamente pequeno de classificadores. Os classificadores do Karo ocorrem somente com substantivos, e, como Gabas (1999, p.228) observa, o sistema do Karo mostra propriedades tipológicas tanto

do extremo lexical (opcionalidade, morfemas livres) como do extremo gramatical (poucos itens, concordância, cf. Tabela 1). Às vezes é difícil fazer a distinção entre substantivos modificados por classificadores e substantivos compostos. O exemplo (2) mostra uma estrutura composta em Baure, onde o segundo membro da composição pode funcionar como classificador. Veja Aikhenvald (1994) para um tratamento extenso de classificadores nas línguas Aruák.

### 3 Verbos

Classificadores de várias destas mesmas línguas também podem ocorrer incorporados em verbos. Porém, essa posição de ocorrência é mais rara. Observem-se os seguintes exemplos de línguas Arawák, Nambikwara e duas línguas isoladas:

- (10) *ro=aromo-se-wapa to yašor* (Baure, Danielsen 2007, p.208)  
 3SG.M=afundar-CL:oval-COS ART barco  
 ‘O barco afundou.’
- (11) *ro=ni-po-a-po šep* (Baure, Danielsen 2007, p.209)  
 3SG.M=comer-CL:pequeninho-LK-PRFLX chivé  
 ‘Ele comeu chivé (farinha de mandioca torrada).’
- (12) *oh-(ke’jat)-ki’nñn-’tã:n* (Latundê, Telles 2002, p.244)  
 socar-(milho)-CL:redondo-1SG.IMPF  
 ‘Estive socando caroços (de milho).’
- (13) *’hu? sipi’pi-’kah-’tãn-ta* (Latundê, Telles 2002, p.191)  
 arco pequeno-CL:comprido-IMPF-ANT  
 ‘O arco é pequeno.’
- (14) *’mãn-ka’loh ’hãn-ka’loh-’tãn-ta* (Latundê, Telles 2002,191)  
 roupa-CL:plano branco-CL:plano-IMPF-ANT  
 ‘As roupas estão limpas.’
- (15) *awãta-xy-da-ki* (Kwazá)  
 ver-CL:folha-1SG-DEC  
 ‘Estou olhando no papel.’
- (16) *aky-djay-tse* (Kwazá)  
 dois-CL:cobra-DEC  
 ‘Tem dois cobras/lacráias/etc.’
- (17) *wai-xy-ki* (Kwazá)  
 bom-CL:casa-DEC  
 ‘É uma casa bonita.’ (não: ‘uma boa casa’)

- (18) *hitsa wikere taw-ka-pa-ẽ* (Aikanã)  
 eu amendoim quebrar-1SG-CL:grande-DEC  
 ‘Quebrei amendoim.’
- (19) *mene-dü-ẽ* (Aikanã)  
 fresco-CL:ramo-DEC  
 ‘O ramo está fresco.’
- (20) *txitxipu hadi-pe-ẽ* (Aikanã)  
 grilo vermelho-CL:redondo-DEC  
 ‘O grilo é vermelho.’

Os exemplos mostram como os classificadores podem ter funções anafóricas, referindo a ou concordando com o objeto do verbo (exemplos 11, 12, 15, 18) ou com o sujeito (10, 13, 14, 16, 17, 19, 20). Em Movima há incorporação de substantivos ao verbo. Na língua Itonama há dois sistemas de classificadores separados: um que somente ocorre com substantivos e outro que somente ocorre com verbos (CREVELS 2012).

#### 4 Outras categorias

Na grande maioria dos casos, os hospedeiros de classificadores nas línguas da região são substantivos e verbos. Nas línguas Karo e Cavineña existe uma categoria de adjetivos. Em Cavineña esses não ocorrem com classificadores, mas em Karo existe uma concordância obrigatória, se um substantivo classificado é modificado por um adjetivo:

- (21) *naʔyop cí? cú cí?* (Karo, Gabas Jr. 1999, p.225)  
 folha CL:fino.plano grande CL:fino.plano  
 ‘folha grande’

É possível argumentar que classificadores também ocorrem com raízes adjetivais, numerais e demonstrativos nas línguas Kwazá e Latundê, mas essas raízes são de natureza verbal. De outro modo, há alguns casos raros de classificadores ocorrendo com advérbios em Kwazá:

- (22) *a-toto-xy* (Kwazá)  
 Ø-DR:para.cima-CL:casa  
 ‘em cima da casa’

- (23) *tsiritsa-mũ* (Kwazá)  
 meio-CL:líquido  
 ‘no meio do rio’

## 5 Nominalização

Em poucas línguas da região classificadores podem ter um efeito nominalizador. *Stricto sensu*, isso foi atestado somente em Latundê e Kwazá.

- (24) *laʔ-ni-‘te* (Latundê, Telles 2002, p.200)  
 novo-CL:hemisférico-REF  
 ‘casa nova’
- (25) *pan-ki’nñn-‘te* (Latundê, Telles 2002, p.200)  
 dois-CL:redondo-REF  
 ‘dois inhames’
- (26) *axy-dy-xa-tsy-kane awyi-da-ki* (Kwazá)  
 casa-CAUS-2-POT-CL:tábua ver-1SG-DEC  
 ‘Vi tábuas para você fazer uma casa.’

Em Movima, raízes nominais presas podem ter a capacidade de nominalizar verbos:

- (27) *as am-a:-buñ-ra* (Movima, Haude 2006, p.478)  
 ART.N entrar-BDR-BR:massa-BE:neutro  
 ‘a coisa em que coloquei a massa’

Nas línguas isoladas Kanoê e Aikanã, classificadores são sufixados em raízes verbais, mas eles não têm um poder nominalizador, porque necessitam ainda de morfemas nominalizadores específicos:

- (28) *etsivi-kwa-e* (Kanoê, Bacelar 2004, p.112)  
 urinar-CL:pequeno-NOM  
 ‘bexiga’
- (29) *txitxipu hadi-pe-i* (Aikanã)  
 gafanhoto vermelho-CL:redondo-NOM  
 ‘gafanhoto vermelho’

## 6 Origem nominal

Classificadores tendem a ser reflexos de substantivos presos e semanticamente “desbotados”. Onde há dados relevantes à questão da origem de classificadores, a sua

origem etimológica mostra-se ser nominal. Em Kanoê e Kwazá, classificadores não ocorrem como morfemas livres, mas muitos classificadores são etimologicamente relacionados a substantivos existentes na língua. Em Kwazá, por exemplo, os substantivos *tsoro* ‘braço’, *dihu* ‘colher’, *deda* ‘cobra’ provavelmente deram origem aos classificadores *-koro* ‘braço, ramo’, *-tehu* ‘colher’, *-djay* ‘cobra/lacráia/centopéia’, respectivamente. Em algumas línguas com sistemas de classificação, certos substantivos podem também ocorrer como classificadores, por exemplo, em Baure e em Aikanã:

- (30a) *po-mes-is* (Baure, Danielsen 2007, p.145)  
 um-mesa-um  
 ‘uma mesa’
- (30b) *po-amoko-š* *mes* (Baure, Danielsen 2007, p.145)  
 um-CL:plano.elevado-um *mesa*  
 ‘uma mesa’
- (31) *küri=ji* (Aikanã)  
 babaçu=folha  
 ‘palha de babaçu’
- (32) *(ji) txiri-di-ẽ* (Aikanã)  
 folha murchar-CL:folha -DEC  
 ‘A folha está murchando.’

Os classificadores nas línguas Nambikwara do Norte (Mamaindê e Latundê) são bem parecidos. São morfemas presos, contudo eles foram atestados em Latundê também como morfemas livres, enquanto isso não é possível em Mamaindê:

- (33) *ka'loh* *ᵘ-ᵘ-tân-ta* (Latundê, Telles 2002, p.193)  
 CL:plano grande-IMPF-ANT  
 ‘A tábua é grande.’, ‘As roupas são grande.’, etc.
- (34) *mãn-kalo-tu* (Mamaindê, Eberhard 2009, p.504)  
 quente-CL:plano-FNS  
 ‘roupa/coisa plana e quente’

## 7 Classificador genérico

Em algumas línguas da região, o classificador faz parte obrigatória da estrutura de certos tipos de palavras. Se não há um classificador relevante ou se o falante não o quer especificar, o campo obrigatório é preenchido com um elemento semanticamente



- (40) *e-mũ* (Kwazá)  
Ø-CL:líquido  
'líquido'

Essa construção com uma raiz vazia para dar *status* independente a classificadores, é largamente confirmada nas línguas da região. Além disso, a forma da raiz vazia é muito similar entre as línguas. Os seguintes exemplos mostram a ubiquidade desta construção:

- (41) *e-kai* (Kwazá)  
Ø-CL:perna  
'perna de baixo', 'perna de baixo dele'
- (42) *i-kuta* (Kanoê, Bacelar 2004, p.130)  
Ø-CL:cabeça  
'cabeça', 'cabeça dele'
- (43) *ka-supá* (Aikanã)  
Ø-CL:rosto  
'rosto'
- (44) *nun- 'i* (Movima, Haude 2006, p.254)  
OSSO-Ø  
'osso'
- (45) *ĩ-ka 'loh-te* (Latundê, Telles 2002, p.96)  
Ø-CL:plano-REF  
'tábua'
- (46) *e-rami* (Cavineña, Guillaume 2008, p.410)  
Ø-carne  
'carne'
- (47) *e-ser* (Baure, Danielsen, 2007, p.120)  
Ø-dente  
'um dente'
- (48) *i-kə* (Arikapú)  
1SG-pele  
'papel', 'papel dele', 'minha pele'

Nota-se que a forma e a natureza dessa construção não são idênticas em todas as línguas. Mesmo que predomine a raiz vazia *e-* ou *i-*, em Aikanã a raiz é *ka-*. Por sua vez, em Movima, o elemento é representado por um sufixo e o mesmo não é para transformar um morfema preso em um morfema livre; é somente para garantir o número mínimo de sílabas, exigido para todas as palavras independentes. Em Arikapú, trata-se de um prefixo

de flexão pessoal, usado como morfema *dummy* ('fantoche'), como foi atestado também na língua irmã Djeoromitxi (CASTRO 2013). Além disso, os elementos “vazios” não são necessariamente analisados assim pelos linguistas referidos neste artigo. Apesar de tudo isso, as semelhanças são notáveis, e, diante da diversidade genética das línguas, são muito provavelmente devidas a contato entre as línguas ou seus ancestrais protolinguísticos. Parece que esse traço areal não se limitou ao Sudoeste amazônico, porque foi atestado também no Noroeste, como por exemplo em Muinane (WITOTO), língua na qual um morfema *i-* é usado como formativo nominal de classificadores (PETERSEN DE PIÑEROS 2007, VENGOECHA 2005).

## 9 Classificadores possessivos

Em várias línguas da região, classificadores também ocorrem em construções possessivas. Por exemplo, em Kwazá os mesmos classificadores, que ocorrem em outras construções, são também usados em expressões possessivas:

- (49) *olu-dy-kai* (Kwazá)  
mutum-POS-CL:perna  
'perna de mutum'

Porém, o Kwazá não tem classificadores dedicados a construções possessivas, e, além disso, tais “classificadores possessivos/genitivos” não são especialmente comuns na região. Classificadores possessivos específicos são conhecidos da Oceania (vide, p.ex., LICHTENBERK 2009), mas foram atestados também na América do Sul. Foram descritos para as línguas Macro-Jê por Rodrigues (1997) e foram encontrados em várias línguas do Gran Chaco (MESSINEO; GERZENSTEIN 2007, FABRE 2007). No Sudoeste amazônico ocorre em Yurakaré (ISOLADO, VAN GIJN 2006); em línguas Arawák pelo menos em Baure e, em línguas Tuparí, (TUPI) pelo menos em Mekéns (GALUCIO 2001) e Makuráp (BRAGA 2005). Os seguintes exemplos são ilustrativos da natureza dessa construção:

- (50) *o-iko* *apara* (Mekens, Galucio 2001, p.33)  
1SG-comida banana  
'minha banana'

- (51) *ti-tiba* *talipa* (Yurakare, Van Gijn 2006, p.117)  
 1SG-animal.domestico frango  
 ‘meu frango’

No tronco Tupí, fora do ramo Tupí-Guaraní, classificadores possessivos provavelmente não são comuns. É possível que Mekens e Makurap ou proto-Tuparí adquiriram esta construção por contato com línguas Arawák ou Tupí-Guaraní. O assunto merece uma pesquisa mais aprofundada.

## 10 Similaridades formais

Além de estruturas semelhantes, existem palavras lexicais e morfemas gramaticais que foram difundidas em línguas da região. Em van der Voort (2005, p.386) e Crevels e van der Voort (2008, p.167) foram mencionadas algumas dessas palavras, como os termos para ‘milho’, ‘banana’, ‘estrela’, e morfemas gramaticais, tais como morfemas aplicativos, enfáticos e classificatórios. Na tabela abaixo estão listados os classificadores que têm formas e sentidos similares em línguas da região:

**Tabela 3: Difusão areal de classificadores**

	Kwazá	Kanoê	Aikanã	Arikapú	Nambikwara
casca	<i>-kalo</i>				<i>-kalo, -kaloh</i>
osso	<i>-xu</i>		<i>-zu</i>		<i>-su<sup>3</sup></i>
fruta	<i>-ko</i>	<i>-ko</i>			
cabelo	<i>-xyj</i>		<i>(ji) -di</i>		
líquido	<i>-mũ</i>	<i>-mũ</i>	<i>-mũ</i>		
pamonha	<i>-mẽ</i>			<i>-mrẽ</i>	
pó, massa	<i>-nũ</i>	<i>-nũ</i>	<i>-nũ</i>	<i>nũ</i>	<i>-nũx<sup>3</sup>, -nũ, -inun</i>
redondo	<i>-tɛ</i>	<i>-tæ</i>	<i>-ðãw</i>		
espinho	<i>-nĩ</i>			<i>-nĩ</i>	
dente	<i>-mãi</i>		<i>-mũj</i>		

As formas são muito semelhantes, às vezes idênticas, o que sugere que a sua difusão foi relativamente recente. Caso contrário, elas teriam mudado muito mais e se diversificado ao longo do tempo, por causa de processos de desenvolvimento independente nas línguas individuais.

## Conclusões

Por não ser nosso propósito, não ficou enfatizado bastante neste artigo como as línguas da região diferem entre si, não somente do ponto de vista genético-histórico,

mas também tipologicamente. Contudo, as línguas da região não são muito similares e nem sempre contam com as mesmas categorias. Até mesmo nos sistemas de classificação descritos acima há diferenças consideráveis. O objetivo deste artigo foi mostrar que, apesar dessas diferenças, há traços inegavelmente compartilhados. Por exemplo, tomando-se por base da análise descritiva rigorosa do Movima feita por Haude (2006), essa língua não apresenta uma categoria de classificadores. Porém, em comparação com outras línguas da região, há estruturas na língua que se parecem com as de classificação. A tabela a seguir resume as propriedades dos sistemas de classificação nas línguas da região:

**Tabela 4: Propriedades dos sistemas de classificadores**

	Kwazá	Kanoé	Aikanã	Movima	Itonama	Latundê	Cavineña	Baure	Karo	Arikapu
no. total de CLs	150	100	45	70	25	20	130	135	10	10
modificação subst.	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
argumento verbal anafórico	+	+	+	+	+	+		+	-	(+)
concordância	-	-	+	-	-	+	-	+	+	-
nominalização	+	-	-	+	-	+	-	-	-	-
CL genérico	+	-	-	+	-	(-)	-	-	-	-
morfema vazio	+	+	+	+	-	+	+	+	-	-
CL livre	-	-	-			+	(+)		+	-
subst. como CL			+					+	-	+

A explicação para as semelhanças entre as línguas da região com respeito a, por exemplo, aplicativos, citativos, estruturas possessivas e sistemas de classificação provavelmente não deve ser em termos de relações de parentesco ou em termos de universais tipológicos. A explicação deve ser procurada nos contatos entre os povos, levando à difusão areal de itens lexicais e estruturas gramaticais.

## Abreviaturas

A=agente; ABS=absentia; ADJ=adjetivo; ADV=advérbio(/ial); ANT=anterior; AO=objeto animado; ART=artigo; BDR=voz direto bivalente; BE=elemento preso; BR=raiz preso; CAUS=causativo; CD=classificador/direcional; CL=classificador; COS=mudança de estado; DEC=declarativo; DEM=demonstrativo; FNS=sufixo nominal final; IMP=imperativo; IMPF=imperféito; LK=ligador; M=masculino; NEUT=neutral (aspecto);

NOM=nominalizador; PE=plural exclusivo; O=objeto; PI=plural inclusivo; PL=plural; POS=possesivo; POT=potencial; PRFLX=perfectivo reflexivo; REF=referencial; SG=singular; SUB=subordinador; TRA=transitivizador; VOL=volitivo

## Agradecimentos

Os dados das línguas Aikanã, Arikapú e Kwazá vêm do meu próprio trabalho de campo. Agradeço às comunidades das T.I.s Tubarão-Latundê, Kwazá do São Pedro, Rio Branco e Rio Guaporé pela hospitalidade. Agradeço mais especificamente aos meus professores Mário Kwazá, Raimunda Aikanã, Manoel Aikanã e Nazaré Arikapú pelo ensino das suas línguas nativas. Agradeço ao Laércio Bacelar os comentários carinhosos e correções cuidadosas. Também agradeço correções ao Sidi Facundes que me incentivou e aceitou meu artigo na última hora. Agradeço à Organização Neerlandesa de Pesquisa Científica (NWO), à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará (FAPESPA) e à Fundação Volkswagen (VWS, programa DoBeS), o apoio financeiro aos meus projetos de pesquisa e documentação do que este artigo é um dos resultados, e à FUNAI e ao CNPq as autorizações e licenças concedidas. Os meus professores e colegas citados neste artigo não necessariamente concordam com as minhas interpretações. A responsabilidade pelo conteúdo deste artigo é a minha.

## REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. Y. Classe nominal e gênero nas línguas Aruák. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia*, Belém, v. 10, n. 2, p. 137-259, 1994.

AIKHENVALD, A. Y. *Classifiers: a typology of noun classification devices*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ALLAN, K. Classifiers. *Language*, Chicago, v. 53, n. 2, p. 285-311, 1977.

BACELAR, L. N. Gramática da língua Kanoê. Tese doutoral - Katholieke Universiteit Nijmegen, Nijmegen, 2004. Disponível em: <[http://webdoc.ubn.kun.nl/mono/b/bacelar\\_l/gramdalik.pdf](http://webdoc.ubn.kun.nl/mono/b/bacelar_l/gramdalik.pdf)>. Acesso em: 12/02/2014.

BRAGA, A. de Oliveira. Aspects morphosyntaxiques de la langue makurap. Tese doutoral - Université Toulouse II, Toulouse, 2005.

CASTRO, Th. de. Estratégias de categorização nominal em Djeoromitxí. Apostila acompanhando palestra na IV CIELLA, 25 de abril de 2013, UFPA, Belém, 2013.

CRAIG, C. (Org.). *Noun classes and categorization: proceedings of a symposium on categorization and noun classification*, Eugene, Oregon, October 1983. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1986.

CREVELS, M. Itonama. In: CREVELS, M.; MUYSKEN, P. (Orgs.), *Lenguas de Bolivia, II: Amazonia*. La Paz: Plural Editores. 2012, p. 233-294.

CREVELS, M.; VAN DER VOORT, H. The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area. In: MUYSKEN, P. (Org.). *From linguistic areas to areal linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins. 2008, p. 151-179.

DANIELSEN, S. *Baure: an Arawak language of Bolivia*, ILLA 6. Leiden: CNWS, 2007.

DERBYSHIRE, D. C.; PAYNE, D. L. Noun classification systems of Amazonian languages. In: PAYNE, D. L. (Org.), *Amazonian linguistics: Studies in Lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press. 1990, p. 243-271.

EBERHARD, D. M. *Mamaindê grammar: a Northern Nambikwara language and its cultural context*. Utrecht: LOT Publications, 2009. Disponível em: <<http://www.lotpublications.nl/index3.html>>. Acesso em: 12/02/2014.

FABRE, A. Morfosintaxis de los clasificadores posesivos en las lenguas del Gran Chaco (Argentina, Bolivia y Paraguay). *UniverSOS. Revista de Lenguas Indígenas y Universos Culturales*, Valencia, v. 4, p. 67-85, 2007.

GABAS Jr., N. A grammar of Karo, Tupi (Brazil). Tese doutoral - University of California, Santa Barbara, 1999.

GALUCIO, A. V. The morphosyntax of Mekens (Tupi). Tese doutoral - University of Chicago, Chicago, 2001.

GRINEVALD, C. A morphosyntactic typology of classifiers. In: SENFT, G. (Org.), *Systems of nominal classification*, Cambridge: Cambridge University Press. 2000, p. 50-92.

GRINEVALD, C.; SEIFART, F. Noun classes in African and Amazonian languages. *Linguistic Typology*, Berlin, v. 8, n. 2, p. 243-285, 2004.

GUILLAUME, A. *A grammar of Cavineña*. Berlin;New York: Mouton de Gruyter, 2008.

HALE, K.; KRAUSS, M.; WATAHOMIGIE, L. J.; YAMAMOTO, A. Y.; CRAIG, C.; LAVERNE MASAYESVA, J.; ENGLAND, N. C. Endangered languages. *Language*, Chicago, v. 68, n.1, p. 1-42, 1992.

HAUDE, K. A grammar of Movima. Tese doutoral - Radboud Universiteit, Nijmegen, 2006. Disponível em: <[http://webdoc.uibn.ru.nl/mono/h/haude\\_k/gramofmo.pdf](http://webdoc.uibn.ru.nl/mono/h/haude_k/gramofmo.pdf)>. Acesso em: 12/02/2014.

LICHTENBERK, F. Attributive possessive constructions in Oceanic. In: MCGREGOR, W. B. (Org.), *The expression of possession*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter. 2009, p. 249-292.

MESSINEO, C.; GERZENSTEIN, A. La posesión en dos lenguas indígenas del Gran Chaco: toba (guaycurú) y maká (mataguayo). *Linguas Indígenas Americanas (LIAMES)*, Campinas, v. 7, p. 61-79, 2007.

PAYNE, D. L. Noun classification in the Western Amazon. *Language Sciences*, s.l., vol. 9 / n. 1, p. 21-44, 1987.

PETERSEN DE PIÑEROS, G. Nominal classification in Uitoto. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 73, n. 4, p. 389-409, 2007.

RODRIGUES, A. D. Nominal classification in Karirí. *Opción*, Maracaibo, v. 13, n. 22, p. 65-79, 1997.

SEIFART, F.; PAYNE, D. L. Nominal classification in the North West Amazon: issues in areal diffusion and typological characterization. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 73, n. 4, p. 381-387, 2007.

TELLES, S. Fonologia e gramática Latundê/Lakondê. Tese doutoral - Vrije Universiteit, Amsterdam, 2002.

VAN DER VOORT, H. Kwaza in a comparative perspective. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 71, n. 4, p. 365-412, 2005.

VAN DER VOORT, H. Fala fictícia fossilizada: o tempo futuro em Aikanã. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências Humanas)*, Belém, v. 8, n. 2, p. 359-377, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n2/09.pdf>>. Acesso em: 12/02/2014.

VAN DER VOORT, H. Development and diffusion of classifier systems in Southwestern Amazonia. In: WICHMANN, S.; MCGREGOR, W. B. (Orgs.). *The diachrony of classification*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins. No prelo.

VAN GIJN, R. A grammar of Yurakaré. Tese doutoral - Radboud Universiteit, Nijmegen, 2006. Disponível em: <[http://webdoc.ubn.ru.nl/mono/g/gijn\\_e\\_van/gramofyu.pdf](http://webdoc.ubn.ru.nl/mono/g/gijn_e_van/gramofyu.pdf)>. Acesso em: 12/02/2014.

VENGOECHEA, C. Morphosyntax of Muinane: typological remarks. *Amerindia, revue d'ethnolinguistique amerindienne*, Villejuif, v. 29-30, p. 119-140, 2005.

# De compostos nominais produtivos a um sistema incipiente de classificação nominal em Apurinã (Aruák)

*From productive noun compounding to an incipient noun classification system in*

*Apurinã (Arawak)*

Sidi FACUNDES\*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Marília Fernanda Pereira de FREITAS\*□

Universidade Federal do Pará (UFPA)

**RESUMO**<sup>1</sup>: A natureza semântica dos sistemas de classificação nominal tem recebido muita atenção na literatura linguística, em termos de sua semântica subjacente, gramática e, em menor extensão, de propriedades discursivo-pragmáticas (ADAMS, 1986; vários artigos em CRAIG, 1986; CORBETT, 1991; AIKHENVALD, 2003; entre muitos outros). Menos atenção, no entanto, tem sido dada a sistemas de classificação também usados com funções mais derivacionais, em que um nome classificatório é frequentemente usado para expandir o vocabulário da língua. A fim de ilustrar a propriedade definidora de tais nomes classificatórios, podemos compará-los com um sistema de classificação típico, tal como os classificadores numerais tailandeses (Sino-Tibetano, Tailândia). Em tailandês, um classificador numeral como *kon*, usado para pessoas, como em *kruūu song kon* (professor dois CLF) ‘dois professores’, é empregado para quantificar referentes humanos no discurso. Em Apurinã (Aruák), um nome classificatório como *tāta* ‘casca (de árvore)’ pode ser produtivamente usado para derivar novos lexemas, tais como *uku-tāta* (uku-casca de árvore) ‘casca de “uku” (espécie de árvore)’; e *uky-tāta* (olho-casca) ‘óculos’. Se descrevermos as propriedades de tais nomes classificatórios como mapeamentos de uma fonte para domínios semânticos alvo, é possível determinar qual informação semântica está sendo perdida ou preservada, já que cada nome classificatório é usado como parte de diferentes formas de palavras. Tendo estabelecido os domínios fonte e alvo, podemos encontrar as propriedades semânticas específicas sendo mapeadas entre os domínios. Os resultados revelam um sistema de propriedades semânticas nucleares subjacentes aos vários mapeamentos, o qual emerge em termos de esquemas comparáveis àqueles usados para motivar metáforas (LAKOFF, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1986; JOHNSON, 1987). Finalmente, tendo encontrado as propriedades semânticas subjacentes ao uso dos nomes classificatórios em Apurinã, podemos compará-los a termos de classe típicos em tailandês e, em seguida, abordar a questão do lugar de tais sistemas classificatórios na tipologia geral de sistemas de classificação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nomes Classificatórios. Classificação Nominal. Apurinã. Aruák.

---

□ Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará e da Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, na mesma instituição. E-mail: sfacundes@gmail.com.

□ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Professora Assistente da Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, na mesma instituição. E-mail: mfpf31@yahoo.com.br.

<sup>1</sup>Este artigo retoma e atualiza a análise de um fenômeno inicialmente identificado na dissertação de mestrado de Facundes (1994), discutido no capítulo 4 da tese de doutorado da sua tese de doutorado (2000), e em artigo publicado em inglês, pelo mesmo autor (2009).

**ABSTRACT:** The semantic nature of noun classification systems has received much attention in the linguistic literature in terms of their underlying semantic, grammatical and, to a less extent, discourse-pragmatic properties (ADAMS, 1986; various papers in CRAIG, 1986; CORBETT, 1991; AIKHENVALD, 2003, among many others). Less attention, however, has been given to classifying systems also used with more derivation-like functions, where the classifying noun is often used to expand the vocabulary of the language. To illustrate the defining property of these classifying nouns, we can compare it to a typical classifier system such as the Thai (Sino-Tibetan, Thailand) numeral classifiers. In Thai a numeral classifier such as *kon*, used for people, as in *kruŋu song kon* (teacher two CLF) ‘two teachers’, is employed to quantify human referents in discourse. In Apurinã (Arawak, Brazil), a classifying noun such as *tãta* ‘(tree) bark’ can be productively used to derive new lexemes, such as *uku-tãta* (uku tree-bark) ‘bark of “uku” tree’, and *uky-tãta* (eye-bark) ‘eye glasses’. If we describe the properties of such classifying nouns as mappings from source to target semantic domains, it is possible to determine which semantic information is being lost or preserved as each classifying noun is used as part of different word forms. Having established source and target domains, then we can arrive at the specific semantic properties being mapped between domains. The results reveal a system of core semantic properties underlying the various mappings and which emerges in terms of schemas comparable to those used to motivate metaphors (LAKOFF, 1987; LAKOFF and JOHNSON 1986; Johnson, 1987). Finally, having arrived at the semantic properties underlying the use of classifying nouns in Apurinã, we can compare them to typical class terms in Thai, and then address the question of the place of such classifying systems in the general typology of classifier systems.

**KEYWORDS:** Classificatory nouns. Noun Classification. Apurinã. Aruák.

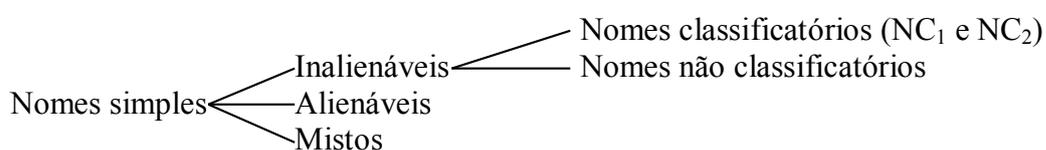
## Introdução

Este artigo apresenta uma análise dos *nomes classificatórios* (noção que explicaremos mais adiante) em Apurinã, partindo do pressuposto de que a natureza semântica de tais nomes pode ser mapeada, por meio de mapeamentos metafóricos, em que as propriedades de um dado domínio fonte são projetadas em determinados domínios alvo. Assim, inicialmente, apresentamos uma caracterização para o que temos chamado de nomes classificatórios; em seguida, discutimos as funções e natureza tipológica dos nomes classificatórios em Apurinã, comparando-os a dados em tailandês; em seção subsequente, apresentamos uma análise voltada para a caracterização da natureza semântica dos nomes classificatórios em Apurinã, propondo um modelo metafórico e definindo as propriedades semânticas salientes de nomes classificatórios na língua; por fim, apresentamos, em quadros, exemplos de nomes classificatórios em Apurinã e um gráfico de suas propriedades semânticas recorrentes.

## 1 Nomes classificatórios como nomes simples inalienáveis

Os nomes em Apurinã são definidos por Facundes (1994, 2000, 2009) com base em critérios gramaticais e formam a classe de palavras cujos membros caracterizam-se

por: i) serem os únicos que podem ocorrer com os sufixos de posse e não posse, funcionando como núcleos em construções dessa natureza; ii) serem lexicalmente ou morfológicamente marcados como femininos ou masculinos, o que não ocorre nas demais classes de palavras<sup>2</sup>; iii) poderem receber marcação morfológica de número. Quanto à classificação, feita com base nos padrões de marcação morfológica dos nomes, o autor distingue nomes *simples* de *compostos*, como um primeiro nível de classificação. No interior de cada uma dessas categorias há subcategorizações. Apresentamos, no esquema abaixo, apenas as subcategorizações inscritas na classe dos nomes simples, uma vez que o foco deste artigo, os *nomes classificatórios*, representa uma das subcategorizações dos nomes simples. Assim, temos:



Os *nomes simples* correspondem àqueles que apresentam uma única raiz nominal, podendo ser *inalienáveis*, *alienáveis* ou *mistos*. A distinção alienável/inalienável/ misto reflete os diferentes padrões de marcação morfológica de nomes em Apurinã: os primeiros são não marcados na forma possuída, um subconjunto destes podendo ser marcado pelo sufixo *-txi*<sup>3</sup> na forma não possuída (por exemplo: *ny-ākypa* ‘meu coração’/ *ākypa-txi* ‘coração de’<sup>4</sup>); os segundos são marcados na forma possuída e não marcados na forma não possuída (*nhi-ximaky-te* ‘meu peixe’/ *ximaky* ‘peixe’); já os últimos são marcados tanto na forma possuída quanto na forma não possuída (*nhi-nhipuku-re* ‘minha comida’/ *nhipuku-ry* ‘comida’). Como já mencionado, sendo o escopo deste trabalho os *nomes classificatórios*, nos preocuparemos apenas em definir aqueles aspectos relevantes para a compreensão desses últimos.

Classificados como nomes *simples* (aqueles constituídos por apenas uma raiz nominal) e *inalienáveis* (não marcados na forma possuída), os nomes classificatórios (doravante NCs) têm, segundo Facundes (1994, 2000, 2009), a posse como parte

<sup>2</sup> A única outra palavra que apresenta gênero inerente na língua corresponde à forma pronominal de 3ª pessoa.

<sup>3</sup> A transcrição dos dados de Apurinã faz uso da ortografia atual da língua, a qual faz uso de grafemas do português exceto pelo seguinte: y=vogal alta central não arredondada, “til” indica a nasalidade da vogal; i= vogal alta anterior não arredondada (como em português) antes e depois de consoantes, mas corresponde à aproximante palatal nos demais ambientes; x=fricativa alveopalatal; h=fricativa glotal; tx=africada alveopalatal; th=oclusiva palatal; ts=africada alveolar.

<sup>4</sup> Aqui, o termo *ākypa* ‘coração de’, inclui em sua glosa o “de”, pelo fato de ser analisado, por Facundes (2000), como obrigatoriamente possuído, em que a posse faria parte da entrada lexical de tal nome, assim como de todos os nomes inalienáveis.

integrante de sua entrada lexical, assim como os demais inalienáveis; em outros termos, todas as raízes nominais inalienáveis são obrigatoriamente possuídas, isto é, presupõem a posse como parte de seu significado lexical (por isso, sempre glosadas como o exemplo dado mais acima, *ãkypa-txi* ‘coração de’, com a preposição). O autor, no entanto, propõe uma marca de posse - $\emptyset$  para os inalienáveis, o que parece não “combinar” com o fato de a posse fazer parte da entrada lexical desses nomes, uma vez que tal fato pressupõe a não necessidade de marcação morfológica para a posse, visto que esta se manifestaria lexicalmente. Atualmente, Freitas (*em preparação*), propõe a não existência desse morfema zero para a marcação da posse inalienável dos nomes em Apurinã.

No que se refere à subcategorização dentro dos nomes inalienáveis, o que diferencia, entre outros aspectos, os NCs dos *nomes não classificatórios* é o fato de os primeiros serem fonologicamente formas presas, podendo possuir a propriedade de ocorrer recorrentemente<sup>5</sup> como parte de nomes compostos, tendo uma função classificatória, o que não ocorre com os nomes não classificatórios. Nos exemplos abaixo, em (1a), vemos como *-tsuta* pode participar na formação de um composto nominal. Em (1b), temos outro exemplo, com a forma *-tãta*:

1a. *ãmyna-tsuta*  
    árvore-tronco.de  
    ‘tronco de árvore’

b. *ãamyna-tãta*  
    árvore-casca.de  
    ‘casca de árvore’

Vejamos mais detalhadamente as propriedades que diferenciam os NCs dos demais inalienáveis. Em primeiro lugar, NCs são nomes fonologicamente presos, pois ocorrem quer como parte de uma palavra composta base (como em *uku-tsuta* ‘tronco de “uku” (espécie de árvore)’), quer com um marcador pronominal ligado a eles, como em:

2. *y-tsuta*  
    3SG.M-tronco.de  
    ‘tronco dele’

---

<sup>5</sup>Abreviações: AUX = auxiliar; CAUS = causativo; M = masculino; NC = nome classificatório; OBJ = objeto; PL = plural; RzN = raiz nominal; SG = singular; TERM.CLASS = termo de classe; VBLZ = verbalizador.

Em segundo lugar, certos NCs podem recorrer como parte de nomes compostos; ou seja, até onde a semântica permitir, determinados nomes classificatórios podem ocorrer repetidamente como parte de vários nomes compostos, como ilustrado em (3). Os nomes compostos formados com nomes não classificatórios mais um (ou mais) nome(s) classificatório(s) são aqui chamados *nomes compostos produtivos* (exemplos de FACUNDES, 2000, p.163).

- |  |           |                       |
|--|-----------|-----------------------|
| 3a. <i>ãã-myna-tsuta</i><br>planta-tronco.de-tronco.de | RzN+NC+NC | ‘tronco de árvore’    |
| b. <i>mãku-tsuta</i><br>manga-tronco.de                | RzN +NC   | ‘tronco de mangueira’ |
| c. <i>uku-tsuta</i><br>uku-tronco.de                   | RzN+NC    | ‘tronco de “uku”’     |

Os tipos de compostos que apresentam NCs acima lembram alguns nomes compostos em português, tais como *pé de banana*, *pé de manga*, *pé de jaca* etc., em que *pé* também é recorrente como parte de compostos. Diferente do português, no entanto, palavras usadas com um sentido genérico como parte de um composto, em Apurinã, são formativos presos. Mesmo se falantes aceitassem um neologismo tal como *kema-kywy* ‘cabeça de anta’ (digamos, como um tipo de cabeça diferente daquela de outros animais), ainda assim o nome inalienável não classificatório *kywy* ‘cabeça de’ não teria a propriedade de recorrer como parte de nomes compostos. Em outros termos, o nome não classificatório *kywy* não poderia ser sistematicamente usado como parte dos nomes compostos em (3) (FACUNDES, 2000, p.164):

- |  |         |                    |
|--|---------|--------------------|
| 4a. <i>*kyky-kywy</i><br>homem-cabeça.de | RzN+RzN | (cabeça de homem)  |
| b. <i>*syty-kywy</i><br>mulher-cabeça.de | RzN+RzN | (cabeça de mulher) |
| c. <i>*hãkiti-kywy</i><br>onça-cabeça.de | RzN+RzN | (cabeça de onça)   |

Nomes não classificatórios como *kywy* são usados sistematicamente em construções sintáticas possessivas, mas não em nomes compostos, como mostrado em

(5). A principal diferença entre nomes compostos e sintagmas nominais ramificados é que o primeiro carrega apenas um acento primário – omitido na transcrição utilizada aqui – enquanto que o segundo carrega tantos acentos primários quantas forem as palavras fonologicamente independentes presentes na construção sintagmática (op. cit., p.164).

- 5a. *kyky*     *kywy*     ‘uma cabeça de homem’  
homem   cabeça.de
- b. *sytu*     *kywy*     ‘uma cabeça de mulher’  
mulher   cabeça.de
- c. *hãkiti*   *kywy*     ‘uma cabeça de onça’  
onça   cabeça.de

Como formativos presos, NCs parecem aproximar-se da forma *-berry* em inglês (como em *cranberry*, *strawberry*, *blackberry*, etc.). No entanto, as similaridades param por aí. A terceira propriedade especial de NCs (mais precisamente, um subconjunto desses nomes) é que estes podem ser incorporados ao verbo para se referir a propriedades semânticas de uma forma nominal previamente referida no discurso. Assim, em (6a) o nome classificatório *-pe* ‘massa de’ é incorporado à base verbal *ysunãkataka* ‘secar-VBLZ-INTENS’ para se referir a uma propriedade de consistência de *kumyry* ‘mandioca’, que precede o verbo na mesma sentença. Em (6b) o nome classificatório *xiti* ‘terra de’ é incorporado à base verbal *iutikata* ‘queimar-VBLZ’ para se referir à propriedades da forma nominal *kikiu* ‘roçado’, a qual havia sido previamente mencionada no texto, conforme exemplos (op. cit., p. 165):

- 6a. *atha* *kumyry*     *ysunãka-pe-ta-ka*  
1PL   mandioca   secar-massa.de-VBLZ-CAUS  
‘Nós colocamos a massa de mandioca pra secar.’

b. Contexto precedente: ‘Primeiro, nós preparamos o roçado cortando as árvores...depois...’

- atha* *iutika-xiti-ta*     *txa-ru*  
1PL   queimar-terra.de-VBLZ     AUX-3M.OBJ  
‘...nós queimamos (o roçado).’

Por fim, há uma quarta e decisiva característica que distingue NCs de nomes não classificatórios, ligada a propriedades que motivam subcategorizações no interior dos NCs: há um subconjunto de NCs que apenas pode ser usado com seu *sentido literal* (domínio fonte); enquanto que um outro subconjunto pode também ter seu significado *estendido metaforicamente* (domínio alvo), ou seja, para além de seu sentido literal. Assim, NCs podem ser produtivamente usados para se referir a seu significado fonte (literal) ou significados alvo<sup>6</sup>, que consistem em extensões do significado fonte. Essa distinção, portanto, motiva a existência de dois subconjuntos de NCs: NC<sub>1</sub> (usado apenas em seu sentido fonte, literal) e NC<sub>2</sub> (pode ser usado com sentidos alvo, extensões metafóricas).

Com relação aos primeiros, de acordo com Facundes (2000, p. 167, *tradução nossa*): “NC<sub>1</sub>s sempre têm seu significado fonte preservado quando ocorrem”. Nos exemplos abaixo, o NC<sub>1</sub> *-katy* tem como significado fonte ‘galho fino de’, sendo que este significado fonte se mantém nos diferentes contextos em que tal NC<sub>1</sub> ocorre:

7a. *ymamary-katy*

jenipapo-galho.fino.de

‘galho de jenipapo’

b. *ãa-myna-katy*

planta-tronco.de-galho.fino.de

‘galho de árvore’

c. *kumyry-katy*

mandioca-galho.fino.de

‘galho de mandioca (pé de mandioca, cujo tronco geralmente é fino, como galhos)’

O quadro abaixo mostra os NC<sub>1</sub>s até então atestados:

---

<sup>6</sup> A noção de ‘significado’ relevante para a discussão precedente é a que remete ao ‘significado lexical’ (ao invés do ‘proposicional’ ou ‘pragmático’). “Fonte” e “alvo” aqui correspondem aos termos “source” e “target” usados na literatura sobre metáfora (Lakoff e Johnson, 1986), e que correspondem, respectivamente, ao significado literal de uma forma linguística e ao uso dessa mesma forma linguística para significar algo diferente. Exemplo disso seriam os significados de “pé” em “pé de alguém (parte do corpo)” vs. “pé da montanha” (parte inferior da montanha); parte do corpo seria o significado fonte, e parte inferior da montanha seria o significado alvo de “pé”.

**Quadro 1:** Nomes Classificatórios 1 (NC<sub>1</sub>s)

CN	Glosa	Plantas/ elementos da floresta	Partes do corpo
iri ~ rĩ	‘fruta de; grupo de’	+	-
katy	‘copa de árvore de; galho fino de’	+	-
kutsa	‘raiz de’	+	-
piti	‘pena de; cabelo de’	-	+
pury	‘galho grosso de’	+	-
taku	‘talo fino de’	+	-
tsuta	‘tronco de’	+	-
xiti	‘terra de’	+	-
iũka	‘local de’	-	+

Fonte: Facundes (2000, p.169, *tradução nossa*).

Na medida em que a semântica dos NC<sub>1</sub> se restringe aos subdomínios das partes de plantas/elementos da floresta e das partes do corpo, tais nomes não são tão produtivos quanto se possa imaginar, por isso são considerados *quase-produtivos* e *pseudo-classificatórios* (seu potencial produtivo e classificatório está restrito à sua semântica).

Com relação aos NC<sub>2</sub>, formam o subconjunto de nomes classificatórios que, adicionalmente a seu domínio fonte, incluem domínios alvo (extensões metafóricas do domínio fonte). Os domínios fonte para os NC<sub>2</sub> são os mesmos dos NC<sub>1</sub>, e seus domínios alvo são partes do corpo e elementos manufaturados. De modo mais simples, NC<sub>2</sub> são aqueles que sofreram “desbotamento” semântico e que, como consequência, podem se referir a propriedades semânticas mais gerais de um amplo inventário de nomes, portanto, ocorrendo mais produtivamente e com o poder funcional de classificadores nominais. Como os NC<sub>2</sub> se tornam semanticamente “desbotados”, já que perde parte da substância semântica original, eles tendem a preservar apenas as propriedades físicas mais salientes/proeminentes do significado fonte (literal) em seus significados alvo.

Em (8a), a forma *-myna* tem como significado fonte ‘tronco de’. Já em (8b-e), *-myna* ocorre com o significado alvo correspondendo a ‘grande, longo, roliço’ ou, em uma só palavra, ‘cilíndrico’ – como o tronco grosso de uma árvore:

- |   |                       |                              |
|---|-----------------------|------------------------------|
| 8a. <i>ãã-myna</i><br>planta-tronco.de              | RzN + NC <sub>2</sub> | ‘tronco de árvore’           |
| b. <i>lãtenha-myna</i><br>lanterna-tronco.de        | RzN + NC <sub>2</sub> | ‘tubo da lanterna’           |
| c. <i>pitxi-myna</i><br>pênis-tronco.de             | RzN + NC <sub>2</sub> | ‘(corpo do) pênis (da anta)’ |
| d. <i>kiri-myna</i><br>nariz-tronco.de              | RzN + NC              | ‘nariz de animal; focinho’   |
| e. <i>ãã-myna-katy</i><br>planta-tronco.de-galho.de | RzN + NC + RzN        | ‘galho (grosso) de árvore’   |

Em (8b), *-myna* se refere à forma ‘cilíndrica’ de um tubo de lanterna; em (8c) faz referência à forma ‘cilíndrica’ do órgão genital de uma anta macho (em um contexto específico de uma narrativa Apurinã); (8d) remete a um tipo de forma ‘cilíndrica’ do nariz (focinho) de um animal (por exemplo, de uma anta, um peixe-boi, uma vaca, um cavalo, etc.). O exemplo (8e) mostra que a formação de compostos nominais produtivos com (pelo menos alguns) NCs pode consistir em mais de um nome classificatório dentro do mesmo nome composto, portanto, com alguma recursividade potencial: isto é, enquanto *-myna* ‘tronco de’ é o nome classificatório do composto *ãã-myna* ‘tronco (grosso) de árvore’, *-katy* ‘galho de’ é a raiz nominal de  $[[\text{ãã-myna}]_N \text{katy}]_N$  ‘galho (grosso) de árvore’. Embora a formação de nomes compostos produtivos com NC pareça ser potencialmente recursiva, ela é, de fato, restrita a alguns casos. Foram atestados no máximo três NCs na mesma palavra.

A partir de uma perspectiva diacrônica, NC<sub>2</sub>, estão, portanto, em um ponto mais avançado, em termos de um contínuo de gramaticalização, do que os NC<sub>1</sub>s; ou seja, NC<sub>2</sub> são mais gramaticalizados, preservando apenas as partes percebidas como mais salientes/proeminente do seu significado lexical (fonte), derivando um nome distinto cujo domínio semântico alvo pode se referir a uma das duas possibilidades a seguir: partes do corpo ou elementos manufaturados.

O Quadro 2 resume os casos atestados de NC<sub>2</sub>, na primeira coluna; na segunda coluna, são listadas suas propriedades de significado; na terceira coluna, os sinais +/- indicam se tal nome preserva seu significado fonte, respectivamente, nos domínios partes de plantas/ elementos da floresta, partes do corpo e elementos manufaturados. Como mostra o Quadro 2, há apenas um caso atestado de NC<sub>2</sub> que apresenta uma parte do corpo como significado fonte. Para todos os outros casos, o significado fonte dos NC<sub>2</sub> corresponde a partes de plantas/ elementos da floresta (por questões de espaço, o termo ‘de’ foi removido da glosa no quadro em questão. Deve-se ter em mente, no entanto, que a posse obrigatória faz parte do significado de cada NC<sub>2</sub> listado abaixo:

**Quadro 2:** Conjunto dos NC<sub>2</sub>

NC <sub>2</sub>	Glosa	Elem. da floresta		Partes de corpo		Elem. manufatur.	
		fonte	alvo	fonte	alvo	fonte	alvo
<i>ã</i>	água, suco; lágrima; líquido	+	-	-	+	-	+
<i>ke</i>	vara de madeira; longo, fino	+	-	-	+	-	+
<i>ky</i>	arredondado, pequeno, duro	+	-	-	+	-	+
<i>mata</i>	pele; plano, macio	-	-	+	+	-	+
<i>myna</i>	troco; longo, cilíndrico	+	-	-	+	-	+
<i>pẽ</i>	água, suco; líquido	+	-	-	+	-	+
<i>panhi</i>	pó	+	-	-	-	-	+
<i>pe</i>	polpa; grudento	+	-	-	+	-	+
<i>pytsa</i>	cipó; tripa; longo, flexível	+	-	-	+	-	-
<i>riku</i>	buraco	+	-	-	-	-	+
<i>tãta</i>	casca; concha; plano, grosso	+	-	-	+	-	+
<i>tsa</i>	cipó; longo, flexível	+	-	-	-	-	+
<i>tsupa</i>	folha grande; plano, largo	+	-	-	-	-	+
<i>xike</i>	folha pequena; plano, flexível	+	-	-	+	-	+

Fonte: Facundes (2000, p.175).

Embora NC<sub>2</sub> tenham propriedades semânticas típicas de *classificadores* (como aquelas descritas por DIXON, 1986<sup>7</sup>), os primeiros também têm as propriedades semânticas e sintáticas de *marcadores nominais de classe/gênero* (cf.: tipologia de DIXON, 1986. Essas similaridades e diferenças entre NC<sub>2</sub>s e classificadores, de um lado, e marcadores nominais de classe/gênero, de outro, serão discutidas na próxima seção).

## **2. Nomes classificatórios produtivos (NC<sub>2</sub>), funções e tipologia**

Uma vez tenhamos demonstrado a existência de uma subclasse de nomes classificatórios produtivos, ou seja, os NC<sub>2</sub>, podemos examinar com maior profundidade tanto as funções que tais formas exercem na língua, quanto o seu status em relação a outros sistemas de classificação. Como base nas características descritas acima, Facundes (2009) afirma que, aparentemente, podemos comparar NC<sub>2</sub> com o conjunto de palavras que fazem uso do morfema *berry* em inglês. Afirma também que, todavia, essa associação, baseada em algumas similaridades, pode conduzir a equívocos, uma vez que ignora as propriedades de NC<sub>2</sub> que o morfema *berry* não apresenta. Isso ocorreria à medida que *berry* ocorre em inglês como parte de nomes compostos se referindo a frutas de tamanho pequeno (como os exemplos dados anteriormente, além de *mulberry*, *raspberry*, entre outros), assemelha-se, por exemplo, ao NC -ky ‘semente de, cerne de; pequeno e arredondado’ em Apurinã. Porém, *berry* não pode se estender metaforicamente nem pode ser incorporado a verbos em construções anafóricas ou ser usado produtivamente em inglês. Como resultado da extensão metafórica e da produtividade dos NC<sub>2</sub>, é de se esperar que seria apenas uma questão de tempo para que tais formas sejam incorporadas para assumir outras funções na gramática e discurso da língua, diferentemente do que acontece com o *berry* em inglês. De fato isso já acontece. Como observa o autor, no contexto do discurso, já há claras instâncias em que NC<sub>2</sub> são usados em compostos produtivos para desambiguar significados. É o que ocorre quando o nome *kumyry*, em um texto sobre como fazer a farinha de mandioca: *kumyry* pode se referir a ‘mandioca (tubérculo)’, ‘pé (planta) de mandioca’ ou ‘beiju’. Quando o contexto linguístico não permite identificar o significado de *kumyry*, NC<sub>2</sub> são adicionados para desambiguar. Assim, a forma *kumyry-katy* é usada para designar

---

<sup>7</sup>Mas veja-se também Doris Payne (1987), por problemas com a tipologia de Dixon.

‘planta da mandioca’, kumyry-mata para ‘beiju (com forma achatada)’ e kumyry-purũĩ para um tipo de ‘beiju arredondado (como uma bola) de mandioca’.

Ao serem usados, NC<sub>2</sub> tendem a *ressaltar traços semânticos permanentes ou temporários de referentes nominais*, tais como tamanho, dimensão, forma ou consistência. Aqui o autor cita como exemplo o nome próprio *Iuyka*<sup>8</sup>. Durante uma visita ao campo, o autor era frequentemente chamado *Iuyka-ke* por um determinado colaborador Apurinã. Isso causou-lhe estranheza já seu nome (em Apurinã) era *Iuyka*. Ao ser indagado sobre esse fato, um segundo colaborador esclarece que era por conta de o “dono” do nome ser magro e comprido (para os padrões Apurinã, claro), como um *i-ke* (3Sg-vara) ‘vara’. Ou seja, em termos estritamente funcionais, NC<sub>2</sub> funcionam no discurso como *modificadores atributivos*, função típica de adjetivos ou verbos descritivos em diversas línguas.

O exemplo em (9) mostra que, além dos usos descritos acima em compostos nominais produtivos, NC<sub>2</sub> podem ser incorporados ao verbo. Como ocorre com aqueles, nestes também os NC<sub>2</sub> assumem papéis discursivos de desambiguação e ênfase de significados. Nesse exemplo, a palavra para ‘massa de mandioca’ ocorre no composto produtivo *kumyry-pe*, em que *-pe* não apenas qualifica a consistência de ‘massa’ e ‘pastosidade’ da ‘massa de mandioca’, mas também diferencia ‘massa de mandioca’ de ‘mandioca (o tubérculo)’, e de ‘pé (planta) de mandioca’. O mesmo NC<sub>2</sub>, *-pe*, é incorporado ao verbo, contribuindo para a desambiguação ou função atributiva:

9. (*kumyry(-pe)*)                      *atha*    *uka-pe-ta*  
    *mandioca-massa.de*    1PL    *jogar-polpa-VBLZ*  
    ‘Nós jogamos a masa (de mandioca).’

Claramente há uma relação semântica entre o nome *kumyry* ‘mandioca’ e o NC<sub>2</sub> *-pe*, incorporado ao verbo: *-pe* indica que *kumyry-pe* tem a consistência de uma ‘massa’. Quando a palavra *kumyry-pe* ‘massa de mandioca’ é omitida nesse contexto, seu referente é recuperado a partir da menção de uma de suas propriedades mais salientes – sua consistência de ‘massa’. Neste sentido, há uma relação metonímica (parte pelo todo) entre o NC<sub>2</sub> (parte) e outro nome (todo) a ele semanticamente relacionado em um mesmo enunciado linguístico. Dessa forma, esse uso de NC<sub>2</sub> no discurso Apurinã

---

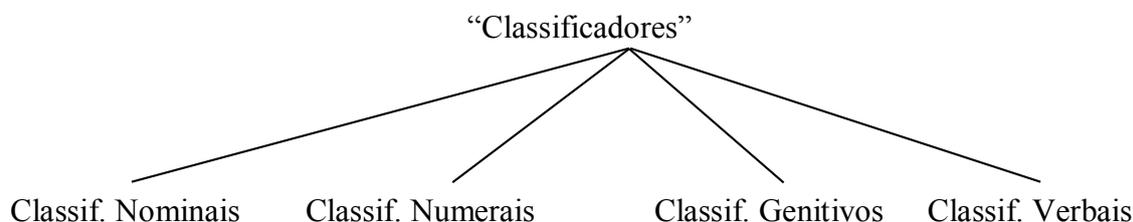
<sup>8</sup> Nome próprio dado pelos Apurinã a um dos autores deste artigo.

apresenta certa semelhança com relações de concordância, por exemplo, envolvendo pessoa, número, gênero etc. Afinal, mesmo em casos de concordância, a relação entre “alvo” e “controlador” (CORBETT, 1991) é também parcial e, de certa forma, metonímica. Por exemplo, em “O carro quebrou”, a concordância marca a pessoa gramatical e o número de “o carro”, mas não o gênero. Com isso, uma vez a palavra *kumyry-pe* tenha sido introduzida no discurso, ela pode ser omitida sem prejuízo da compreensão do texto, dado que seu referente pode ser recuperado pela menção do NC<sub>2</sub>. É essa função de retomada de referentes previamente mencionados no discurso que nos permite entender a razão de NC<sub>2</sub> incorporados ao verbo serem amplamente usados para fazer referência a participantes mencionados repetidamente no mesmo texto.

Finalmente, há também casos em que o uso de um NC<sub>2</sub> incorporado ao verbo afeta mais diretamente o significado do verbo, não do seu argumento. Tais casos são ilustrados pelo autor através do verbo *iataruta* ‘misturar’. Esse verbo pode receber a incorporação, por exemplo, do NC<sub>2</sub> para elementos de consistência líquida, *-ã*, como em *iataru-ã-ta*, significando ‘misturar uma coisa líquida’. Neste caso, a função do NC<sub>2</sub>, ao ser incorporado ao verbo, se aproxima da função descrita por Mithun (1986a, 1986b, 1984) para *classificadores incorporados* (ou *classificadores verbais*).

Elementos classificadores com essas características trouxeram problemas para a distinção absoluta entre classificadores e sistemas de classe/gênero nominal sugerida por Dixon (1986). Isso fez com que motivou as objeções de Payne (1987), que observou que em determinados sistemas de classificação na América do Sul há o compartilhamento de propriedades de ambos os sistemas. Esses sistemas mistos não foram contemplados pelas tipologias mais conhecida de sistemas de classificadores, tais como Grinevald (*apud* FACUNDES, 2000; 2009):

**Figura 1:** Tipologia de Classificadores de Grinevald.



Fonte: Facundes (2000; 2009).

Em Facundes (2000, 2009), os vários tipos de classificadores foram descritos como diferentes pontos em um contínuo semântico de sistemas de classificação, do mais ao menos semanticamente motivado, como visto na Figura 2. O sistema de NC<sub>2</sub> de Apurinã, pelo menos em seu estágio inicial, parece ser mais próximo dos sistemas com maior motivação semântica.

**Figura 2:** Contínuo Semântico de Sistemas de Classificação.

**Mais semanticamente motivados** (léxico-sintático, nos termos de DIXON, 1986).  
→ ex.: NCs, Classificadores numerais do sudeste asiático (DELANCEY, 1986; ERBAUGH, 1986; DOWNING, 1986) e línguas austronésicas (ADAMS, 1986).



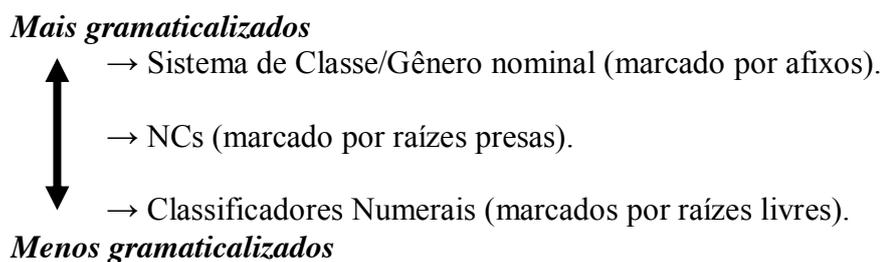
→ ex.: Sistema de Gênero/Classe Nominal de línguas indo-europeias (ZUBIN, KÖPCKE, 1986; CORBETT, 1991), Apurinã (FACUNDES, 1991; 2000; 2009), entre outros.

**Menos semanticamente motivados** (Classe/Gênero Nominal).

Fonte: Facundes (2000; 2009, tradução nossa).

Além desse contínuo semântico, o autor propôs também um contínuo de gramaticalização, em que a natureza de NC<sub>2</sub> poderia ser entendida em termos do grau de gramaticalização que eles apresentam, em comparação com outros sistemas de classificação nominal; ou seja, se NC<sub>2</sub> apresentariam características mais lexicais (semelhantes a nomes ou verbos), ou mais gramaticais (semelhantes a afixos). Seguindo esse raciocínio, poderíamos então afirmar que o *status* gramatical NC<sub>2</sub> inclui propriedades morfossintáticas mais similares a sistemas de classes nominais (ou gêneros) do que de sistema de classificadores, pois, em geral, NC<sub>2</sub> são formas fonologicamente presas, assim como afixos. Mesmo admitindo alguma variação dentro de cada sistema, já que, individualmente, alguns elementos classificatórios dentro de um mesmo sistema podem apresentar graus distintos de gramaticalização, é razoável propor que essa falta de autonomia prosódica situaria os NC<sub>2</sub> em uma posição intermediária em um contínuo em que, em uma extremidade, os classificadores numerais correspondem aos sistemas de classificação *menos gramaticalizados* e, no extremo oposto, os sistemas de classe/gênero correspondem aos *mais gramaticalizados*.

**Figura 3:** Contínuo Gramatical de Sistemas de Classificação.



Fonte: Versão revisada de Facundes (2000; 2009).

Para Facundes (2009), essa natureza tipológica de NC<sub>2</sub> é menos exótica do que fora sugerido na literatura linguística (PAYNE, 1987), e o que de fato ocorre é que tais elementos classificatórios em si não é que têm sido pouco estudado. Segundo ele, NC<sub>2</sub> apresenta algumas similaridades com os *termos de classe* de línguas do Sudeste Asiático. Expressão usada para designar o elemento nuclear de nomes compostos produtivos, Termos de Classe apresentam propriedades classificatórias semelhantes àquelas descritas aqui para a língua Apurinã. Segundo DeLancey (1986, p. 438, *tradução nossa*<sup>9</sup>), que credita a Mary Haas o uso inicial de Termos de Classe, “[e]stes são morfemas que ocorrem como núcleo de um número de nomes compostos, os quais são exemplares da categoria designada como termo de classe. (...) Assim, termos de classe apresentam uma função classificatória semântica bastante semelhante a dos classificadores, embora não mostrem normalmente a incoerente gama de usos, que é um traço não incomum dos classificadores”. Os seguintes dados são usados pelo autor para ilustra Termos de Classe:

- 10 a. *Nuu* ‘cobra’
- b. *ráan* ‘loja’
- c. *khon* ‘pessoa’
- d. *duan* ‘objeto redondo.’
- e. *lam* ‘objeto longo’

Facundes (2009) apresenta os compostos nominiais em (11), que ilustram o uso de Termos de Classe em tailandês<sup>10</sup>:

- 11a. *nuu-lúam* ‘jibóia’  
TERM.CLASS-jiboia

<sup>9</sup> “[t]hese are morphemes which occur as the head of a number of noun compounds which are exemplars of the category labeled by the class term (...). Thus class terms have a semantic classifying function quite similar to that of classifiers, although they do not ordinarily show the incoherent range of uses which is a not uncommon feature of classifiers.”

<sup>10</sup> Nuttanart Facundes é a fonte citada pelo autor para esses dados.

b.	<i>ɲuu-hàw</i>	‘cobra’
	TERM.CLASS-cobra	
12a.	<i>ráan-rǎŋtá:ũ</i>	‘loja de calçados’
	TERM.CLASS-sapato	
b.	<i>ráan-nǎŋs:ũ</i>	‘livraria’
	TERM.CLASS-livro	
c.	<i>duaj-tcan</i>	‘lua’
	TERM.CLASS-lua	
d.	<i>duaj-a:thít</i>	‘sol’
	TERM.CLASS-sol	
13a.	<i>lam-than</i>	‘pequeno rio’
	TERM.CLASS-rio	
b.	<i>lam-khě</i>	‘braço’
	TERM.CLASS-braço	

Foi exatamente em razão da existência de Termos de Classe em Tailandês que DeLancey (1986) já havia proposto a existência de um contínuo de nomes puros a classificadores puros, e que esse contínuo pode ser observado no comportamento sintático e semântico de certos nomes e classificadores. Portanto, a análise de NC<sub>2</sub> em Apurinã como parte de um contínuo de gramaticalização encontra respaldo no tratamento dado aos Termos de Classe.

### 3. NC<sub>2</sub>, sua natureza semântica e desenvolvimento histórico

Até aqui vimos que as características de NC<sub>2</sub> em Apurinã apresentam as seguintes características:

- (i) São nomes fonologicamente presos recorrentes em nomes compostos dando a estes um processo de formação relativamente produtivo;
- (ii) podem ser usados como elementos que retomam características de um referente previamente mencionado no discurso, de forma análoga a formas anáforicas;
- (iii) podem ser incorporados ao verbo, de modo similar a certos classificadores verbais;
- (iv) exercem papéis gramaticais importantes na morfologia, sintaxe e léxico da língua, bem como papéis discursivos e pragmáticos.

As características (i-iv) apontam para um contínuo dentro do qual a natureza dos nomes classificatórios pode ser compreendida, pois elas incluem propriedades comuns a diferentes sistemas de classificação nominal: (i), por um lado, é característica de marcas de gênero em relação a ser uma forma fonologicamente presa, mas, por outro lado,

assemelha-se a certos classificadores (numerais ou nominais) por ser (o CN<sub>2</sub>) uma subclasse de nomes; (ii) é análogo a marcas de concordância, uma característica definidora de gênero, mas também a classificadores incorporados ao verbo em relação a poder retomar características de um referente previamente mencionado no discurso; (iii) é autoexplicativo; e (iv) inclui a função de derivar novos lexemas (como em *uky-tãta* [olho-casca] 'óculos'), de forma análoga ao que acontece, em alguns casos, com o gênero em *bolo* vs. *bola*, *porto* vs. *porta*, *solo* vs. *sola* (*de sapato*) etc., em português, substituir/retomar um argumento previamente mencionado no discurso, algo imaginável a certos sistemas de classificadores, mas não de gênero.

Vimos também que (i-iv) são características apenas de NC<sub>2</sub>, isto é, dos nomes classificatórios usados produtivamente na língua, e que a distinção entre NC<sub>1</sub> e NC<sub>2</sub> resulta, ao menos inicialmente, da possibilidade de estender o significado de alguns nomes na língua, ampliando assim o leque de uso destes. Portanto, através dessas variações semânticas no léxico envolvendo esse nomes, identificamos parte dos mecanismos pelos quais o significado lexical “emerge”, como resultado do uso linguístico e da variação linguística. NC<sub>2</sub> apresentam duas fontes atestadas até o momento, partes de plantas/elementos da natureza e partes do corpo. A extensão metafórica envolve traços da anatomia, dimensão, textura ou consistência de um referente sendo mapeadas à anatomia, dimensão, textura ou consistência de um outro referente. Mais especificamente, NC<sub>2</sub> podem denotar propriedades semânticas de nomes que recaem em duas ou três das seguintes categorias semânticas: (i) partes de plantas/elementos da natureza (como significado fonte); (ii) partes do corpo (como significado derivado e, talvez, também como significado fonte); (iii) elementos manufaturados (como significado derivado).

Esses casos de variações semânticas envolvendo os NC<sub>2</sub>, reforçado pelo uso ao longo do tempo, levam naturalmente a mudanças semânticas e ao desenvolvimento semântico de NC<sub>2</sub> como um subgrupo dos nomes obrigatoriamente possuídos da língua, distinguindo dos NC<sub>1</sub>. Isso se dá quando partes de plantas têm seu significado ampliado para se referir a partes do corpo, a elementos manufaturados. Assim, o uso de *-myna* em *ãã-myna* 'árvore' é diferente de seu uso em *kiri-myna* 'nariz de animal'; e o uso de *-myna* em *aiku-myna* 'viga da casa' é diferente dos usos anteriores. No primeiro caso, *-myna* se refere a propriedades de uma planta; no segundo, *-myna* se refere a

propriedades de uma parte do corpo; e no terceiro caso *-myna* faz referência a um elemento manufaturado. Com base nessas observações, Facundes (2009) pergunta se (i) *-myna*, nos três exemplos, carrega as mesmas propriedades de significado; (ii) se sim, então, quais seriam essas propriedades do significado de *-myna*?; (iii) será que os diferentes usos de *-myna* são um caso de *polissemia* ou de *homonímia*? Em seguida, ele cita Sweetser (1990, p.9, *tradução nossa*<sup>11</sup>):

[n]enhuma mudança histórica de significado pode ocorrer sem um estágio intermediário de polissemia. Se uma palavra já significou A e agora significa B, podemos estar certos de que os falantes não simplesmente acordaram e mudaram significados em 14 de junho de 1066. Em vez disso, houve um estágio em que a palavra significava ambos, A e B, e o significado anterior de A, eventualmente, foi perdido.

Ou seja, *-myna* pode ser concebido como um exemplo de polissemia, já que ainda que perca parte da sua substância semântica, alguns traços semânticos do significado fonte permanecem quando ele deixa de denotar parte de parte para denotar um outro significado. Dito isso, cabe identificar quais traços são mantidos em *myna*, após a extensão.

Com base nos conceitos e método de Lakoff e Johnson (1986), a análise proposta é que partes de plantas/elementos da natureza e partes do corpo, como um conjunto de propriedades semânticas, constituem um *domínio fonte*, enquanto que elementos manufaturados e partes do corpo constituem um *domínio alvo*. A fim de compreender, expressar ou conceituar elementos dentro do domínio alvo, características físicas protuberantes do domínio fonte são usadas e projetadas para a construção do significado do domínio alvo. O significado de NC<sub>2</sub> emerge então do mapeamento entre *modelos imagético-esquemáticos* contendo “imagens esquemáticas específicas, tais como trajetórias ou formas longas ou finas ou recipientes” (LAKOFF, 1986, p. 113-114, *tradução nossa*<sup>12</sup>). Três de tais modelos imagético-esquemáticos são identificados: (i) um para partes de plantas/ elementos da natureza; (ii) outro para partes do corpo e; (iii) um para elementos manufaturados. Esses mapeamentos podem ser caracterizados como mapeamentos metafóricos dentro de um *modelo metafórico (idem)*, em que elementos

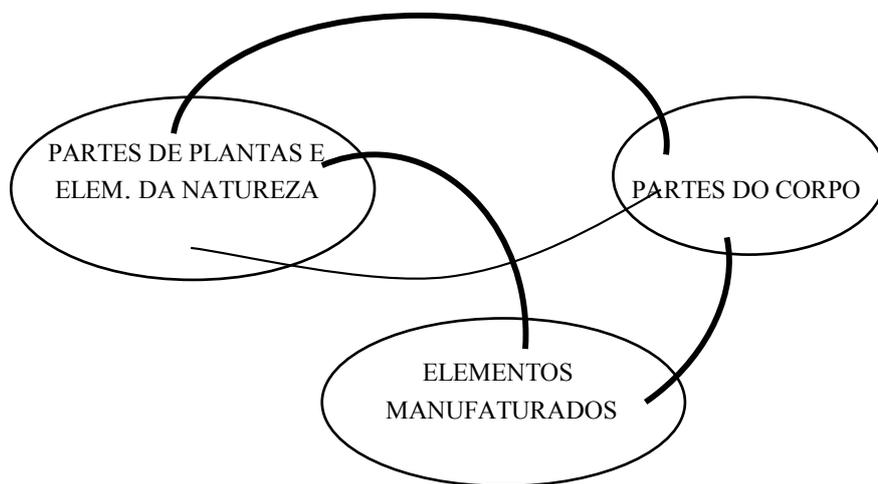
---

<sup>11</sup> “[n]o historical change of meaning can take place without an intervening stage of polysemy. If a word once meant A and now means B, we can be fairly certain that speakers did not just wake up and switch meanings on June 14, 1066. Rather, there was a stage when the word meant both A and B, and the earlier meaning of A eventually was lost”

<sup>12</sup> “specific schematic images, such as trajectories or long, thin shapes or containers.”

de um modelo de imagem esquemática se projeta sobre um outro: (i) se projeta em (ii) e em (iii), e (ii) se projeta em (i) e (iii), como mostra o diagrama abaixo (As linhas mais espessas indicam um grau maior de produtividade):

**Figura 4:** Mapeamento entre domínios alvo e fonte.



Fonte: Facundes (2009).

Em termos da abordagem de Lakoff e Johnson (1986), esses mapeamentos conceituais podem ser compreendidos como motivados por um quadro metafórico conceitual global, em que as propriedades físicas percebidas como mais proeminentes de certas partes do corpo e de certos elementos manufaturados seriam tratadas como equivalentes a certas propriedades físicas das partes também percebidas como mais proeminentes de árvores ou de elementos da natureza.

Supondo que o mapeamento metafórico conceitual em Apurinã é construído em um dado contexto sócio-cultural, é pertinente se perguntar sobre quais aspectos da sociedade Apurinã poderiam estar relacionados a esse mapeamento metafórico conceitual. De fato, a história oral Apurinã está recheada de relatos tradicionais em que plantas e animais são frequentemente tratados como seres híbridos ou como estando envolvidos em processos de metamorfose, passando de humano a não humano, inanimado a humano e vice-versa. Sendo assim, o universo cosmológico Apurinã poderia sim fundamentar um modelo metafórico genérico incorporado ao modelo cultural idealizado em Apurinã (ou um Modelo Cognitivo Idealizado, (LAKOFF, 1987)), motivando o uso de certos domínios semânticos em conexão com outros domínios semânticos; neste caso, o domínio semântico de partes de plantas/ elementos

da natureza em conexão com aquele para partes do corpo, ou de partes de plantas/ elementos da natureza em conexão com elementos manufaturados (Figura 4). As características semânticas dos NC<sub>2</sub> dão a eles o *status* de uma categoria natural (LAKOFF, 1987) em que similaridades perceptualmente identificáveis são projetadas para os nomes compostos derivados; tais similaridades seriam relativas à *forma* e *consistência*. Forma física e consistência formam o conjunto geral de traços semânticos que fornecem um modelo *imagético-esquemático anatômico* que, uma vez disponível aos falantes, pode ser extensivamente usado com NC<sub>2</sub>, com funções que vão além daquelas de um simples núcleo de um nome composto, um vez que NC<sub>2</sub> podem ser usados como elementos modificadores com função atributiva em nomes ou verbos incorporados. Sendo esse o caso, é preciso determinar quais das diferentes “propriedades físicas de plantas/ elementos da natureza” estão associadas às “propriedades físicas de partes do corpo/ elementos manufaturados”, e assim por diante.

Um exame minucioso da semântica dos NC<sub>2</sub> revela que há um número limitado e bastante familiar de propriedades semânticas específicas projetadas do domínio fonte ao domínio alvo. Familiar porque são propriedades comumente associadas a certos nomes classificadores em outras línguas. Por exemplo, o NC<sub>2</sub> *-myna* é usado com nomes de partes de plantas denotar árvores com troncos grossos. Em geral, tais troncos grossos, largos apresentam como propriedades perceptíveis salientes o fato de serem ‘grossos’, ‘rígidos’ e ‘cilíndricos’. Então, ‘grosso’, ‘rígido’ e ‘cilíndrico’ podem ser naturalmente interpretados como as propriedades mais protuberantes do domínio fonte do NC<sub>2</sub> *-myna*. Tendo estabelecido as propriedades salientes do domínio fonte de *-myna*, podemos examinar quais de tais propriedades permanecem ou são perdidas quando *-myna* é usado para denotar partes do corpo ou elementos manufaturados. Como mostra o Quadro 3, a propriedade ‘rígido’ é perdida quando usada para se referir a partes do corpo, e é mantida quando usada para se referir a elementos manufaturados. Então, as propriedades recorrentes de *-myna* que se repetem ao longo das categorias são ‘grosso’ e ‘cilíndrico’.

O Quadro 3 resume a descrição semântica de cada nome classificatório, a fim de ilustrar as propriedades recorrentes que podem ser observadas quando NC<sub>2</sub> se referem a forma ou consistência de partes de plantas/elementos da natureza, partes do corpo e elementos manufaturados. Assim, no Quadro 3 verificamos as propriedades originais

mais importantes para cada nome classificatório, bem como se essas propriedades são preservadas ou perdidas quando os NC<sub>2</sub> são usados com qualquer uma das categorias nominais relevantes. Como resultado, chegamos às propriedades (presumidamente) “centrais”, ou seja, significados que podem se repetir ao longo das categorias, conforme o Quadro 4, e nas Figuras 5-6, vemos como tais propriedades podem ser concebidas como os traços específicos mapeados do domínio fonte para os domínios alvo, os quais são representados nas Figuras 5-6.

Partes de plantas / Elementos da natureza			Partes do corpo			Elementos manufaturados		
Apurinaã	Glosa	Signific. do NC <sub>2</sub>	Apurinaã	Glosa	Signific. do NC <sub>2</sub>	Apurinaã	Glosa	Signific. do NC <sub>2</sub>
<i>ãã-nyyna</i>	árvore	grosso, rígido, cilíndrico	<i>pitxi-nyyna</i>	um pênis grande	grosso, cilíndrico	<i>lãelma-nyyna</i>	tubo de lanterna	grosso, rígido, cilíndrico
<i>ãã-pytsã</i>	raiz sem-lhante a cipó	fino, flexível, retorcido	<i>tika-pytsã</i>	tripas	fino, flexível, retorcido			
<i>kimi-ky</i>	semente/grão de milho	esférico, pequeno	<i>tyny-ky</i>	mamilo	pequeno	<i>xanyna-ky</i>	balas pequenas	esférico, pequeno
<i>xany-panhi</i>	cinza	pó				<i>xanyna-ky-panhi</i>	pólvora	pó
<i>anana-pêê</i>	suco de abacaxi	líquido, não transpa-rente	<i>tyny-pêê</i>	leite materno	líquido, não transparente	<i>tata-pêê</i>	suco de umari	líquido, não transparente
<i>ãã-rikiã</i>	buraco de árvore	cavidade interna				<i>xanyyna-rikiã</i>	buraco de arma	cavidade interna
<i>ãã-nyyna-tãã</i>	casca de árvore	camada exterior, grudado	<i>ximaky-tãã</i>	escama de peixe	camada exterior, grudado	<i>uky-tãã</i>	óculos	camada exterior
<i>ãã-tsa</i>	corda cipó	flexível, longo, fino				<i>mapuwa-tsa</i>	fião de algodão	flexível, longo, fino

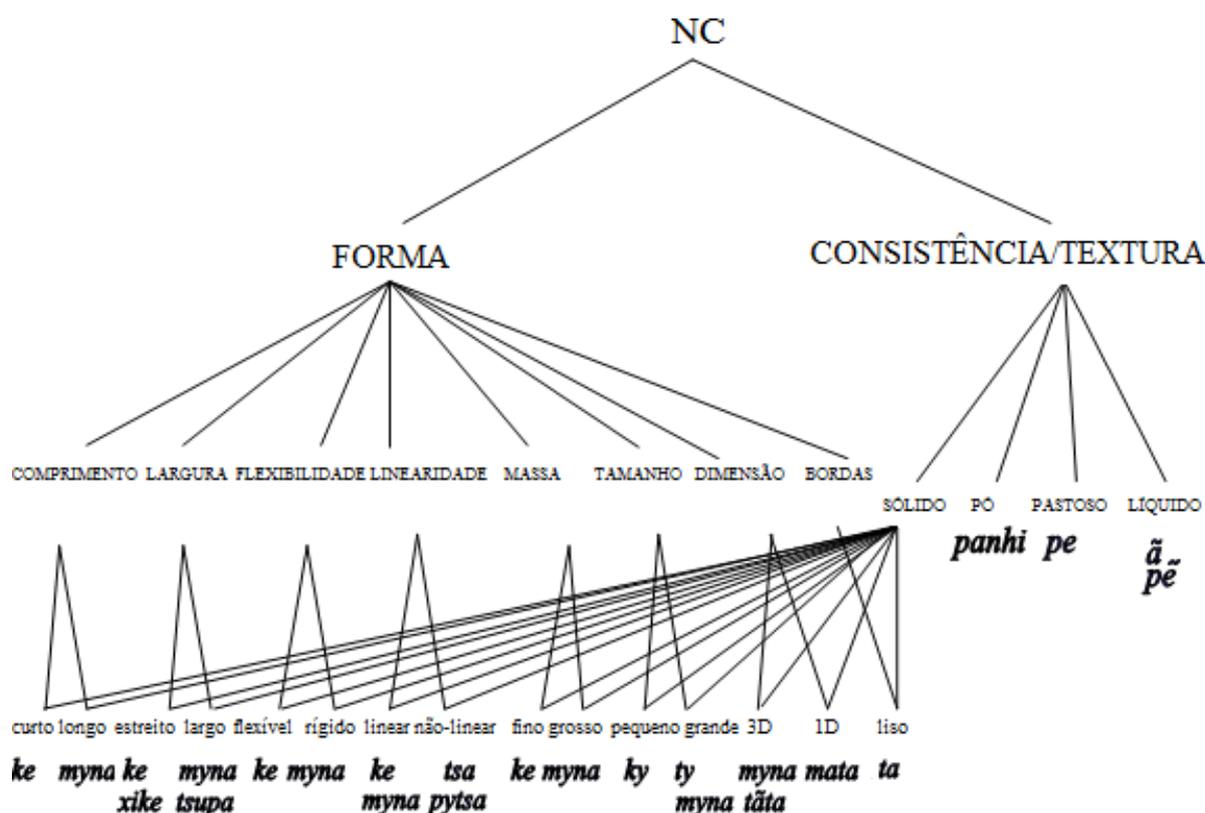


FONTES SEMÂNTICAS DE NCS			PROPR. SALIENTES RECORRENTES		PROPRIEDADES “CENTRAIS”
FORMAS	SIGNIFICADO	PROPRIEDADES SALIENTES	EM PARTES DO CORPO	EM MANUFATURAS	
<i>nyva</i>	tronco	grosso, rígido, cilíndrico	grosso, cilíndrico	grosso, rígido, cilíndrico	grosso, cilíndrico
<i>pytsa</i>	raiz	fino, flexível, retorcido	fino, flexível, retorcido		fino, flexível, retorcido
<i>ky</i>	cerne, semente	esférico, pequeno	pequeno	esférico, pequeno	pequeno
<i>panhi</i>	cinza	pó		pó	pó
<i>pěž</i>	suco	líquido, não transparente	líquido, não transparente	líquido, não transparente	líquido, não transparente
<i>riku</i>	buraco	cavidade interna		cavidade interna	cavidade interna
<i>lāta</i>	casca	camada exterior, colado	camada exterior, colado	camada exterior	camada exterior
<i>tsa</i>	cipó	flexível, longo, fino		flexível, longo, fino	flexível, longo, fino
<i>tsupa</i>	folha grande	amplo, fino, plano, flexível, verde, suave		amplo, fino, plano, flexível, suave	amplo, fino, plano, flexível, suave
<i>pe</i>	polpa	pastoso	pastoso	pastoso	pastoso
<i>ke</i>	vara	cilíndrico, fino, flexível	fino, flexível	cilíndrico, fino, flexível	fino, flexível
<i>ā</i>	água	líquido, transparente	líquido	líquido	líquido
<i>malta</i>	pele	camada exterior, colado, flexível		camada exterior, flexível	camada exterior, flexível
<i>ta</i>	?	borda arredondada		borda arredondada	borda arredondada

Fonte: Facundes (2009).

Portanto, com base em uma análise semântica inspirada em uma abordagem cognitivista, como Facundes (2009), concluímos que é possível sim motivar padrões gerais de categorização semântica de NC<sub>2</sub>s, descritos em termos de um número restrito das propriedades dos seus significados que forma dois domínios semânticos fonte, partes de plantas ou alguns outros elementos da natureza, e partes do corpo, e dois domínios alvo, novamente partes do corpo e elementos produzidos artificialmente pela espécie humana. Essas propriedades ou traços semânticos sugerem o seguinte sistema emergente e incipiente de classificação nominal baseada nas noções de forma e consistência (mais suas subclasses):

**Figura 5:** Propriedades semânticas recorrentes de NCs.



Fonte: Facundes (2000, 2009).

Uma última questão a tratar em relação aos NC<sub>2</sub> diz respeito ao seu desenvolvimento histórico. De fato, a análise apresentada acima, de certo modo, pode ser reinterpretada já como uma reconstrução interna do desenvolvimento histórico dos NC<sub>2</sub>, de modo que a variação semântica e as diferenças de usos gramaticais e pragmáticos desses elementos classificatórios constituem evidência de um processo em mudança sim, em que um estágio, um intermediário e outro mais avançado de gramaticalização podem ser identificados. Um subclasse de nomes inalienáveis em Apurinã evoluiu e continua a evoluir de nomes simples

lexicalmente marcados como obrigatoriamente possuídos, e constituídos de uma semântica de partes de plantas/elementos da natureza e partes do copor que lhes permitiu frequentemente ocorrer seguindo um nome possuidor, tornando-se, por fim, fonologicamente atrelado a esse nome possuído. Isto é:

$$[N_{\text{Possor}} \# RzN_{\text{INAL}}]_{\text{SN}} > [N + NC_1]_{\text{N}}$$

Alguns desses  $NC_1$  passam por um processo de extensão metafórica, em que a semântica de partes de plantas/elementos da natureza se estende a partes do corpo, e ambos a elementos manufaturados, já como parte das características definidoras dos  $NC_2$ . O significado semântico é apenas parcialmente preservado, dando ao composto nominal produtivo como um todo uma estrutura semântica (transparente) parcialmente “composicional”. Como os significados dos  $NC_2$ s admitem mais e mais “desbotamentos” semânticos (portanto, tornando-se também mais abstratos/genéricos), eles são usados com mais e mais itens lexicais para se referir às suas propriedades enquanto *formas* e *consistências*. O percurso de gramaticalização pode então ser representado da seguinte maneira:

$$[N_{\text{Possor}} \# RzN_{\text{INAL}}]_{\text{SN}} > [N + NC_1]_{\text{N}} > [N + NC_2]_{\text{N}}$$

Portanto, o sistema de nomes classificatórios em Apurinã se desenvolve a partir da composição produtiva de nomes que, quando possuídos não são morfologicamente marcados, e a noção de posse é marcada por justaposição.

## Considerações finais

Neste trabalho, retomamos os dados e a análise iniciada em Facundes (1994), aprimorada em Facundes (2000) e finalmente publicada em Facundes (2009), atualizamos a análise dos nomes inalienáveis proposta por Freitas (Em preparação); vimos que uma subclasse de nomes obrigatoriamente possuídos e que denotam partes de plantas/elementos da natureza e parte do corpo passam por um processo de desbotamento semântico, dando origem a um sistema emergente e incipiente de classificação nominal, os nomes classificatórios. Por serem fonologicamente presos, assemelham-se a afixos que marcam gênero em outras línguas; quando incorporados ao verbo e ao serem usados para retomar referentes previsamente mencionados no discurso, assemelham-se a alguns sistemas de classificadores nominais; e, finalmente, ao derivar novos lexemas e ser um importante dispositivo para

ampliar o léxico na língua, difere-se dos dois sistemas – exceto nos casos excepcionais em que marcas de gênero derivam novos lexemas, e assemelham-se mais aos Termos de Classes das línguas do Sudeste Asiático. É provável que ao invés desse sistema de nomes classificatórios ser exótico, ele é mais comum do que se imagina, ao menos em línguas da América do Sul, e que seja pouco conhecido exatamente por ter sido pouco estudado. Finalmente, esse fenômeno oferece uma janela para observar o papel da metáfora no léxico e em mudanças linguísticas. Vimos que as propriedades semânticas dos nomes classificatórios podem ser descritas em termos de mapeamentos de propriedades entre os domínios fonte e alvo – fazendo uso dos conceitos encontrados em Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (1986), Sweetser (1990), Gibbs (1994), Talmy (2000), entre outros, em seus estudos sobre metáfora e mudança semântica. Em Apurinã, o domínio fonte consiste principalmente em partes de plantas ou elementos da natureza, ao lado de partes do corpo. Os domínios alvo consistem principalmente em elementos manufaturados e, em menor escala, partes do corpo.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, K. *Numeral Classifiers in Austroasiatic*. In: CRAIG, 1986.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Classifiers: a Typology of Noun Categorization Devices*. Oxford University Press, 2003.
- CORBETT, G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- CRAIG, Colette. (Ed.) *Noun Classes and Noun Categorization*. Amsterdam: John Benjamins, 1986.
- DELANCEY, Scott. *Toward a History of Tai Classifier Systems*. In: CRAIG, 1986.
- DIXON, R. W. M. *Noun Classes and Noun Classification in Typological Perspective*. In: CRAIG, 1986. *Categorization Noun Classification*. Philadelphia: Benjamins North America, 1986.
- DOWNING, P. *The Anaphoric Use of Classifiers in Japanese*. In: CRAIG, 1986.
- ERBAUGH, Mary S. *Taking Stock: the development of Chinese Noun Classifiers*. In: CRAIG, 1986.
- FACUNDES, Sidney da S. *Noun Categorization in Apurinã (Maipuran)*. Unpublished MA. Thesis (Doutorado) - University of Oregon, Eugene, Oregon, 1994.
- \_\_\_\_\_. *The Language of the Apurinã People of Brazil (Arawak)*. Unpublished (Dissertation) - SUNY-Buffalo, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Productive compounding and noun classification systems: a case study in Apurinã (Arawak)*. ReVEL. Special edition n. 3 2009.
- FREITAS, Marília Fernanda Pereira de. *A Categoria de Posse em Apurinã e suas Contribuições para os Estudos em Línguas Aruák* (título provisório). Universidade Federal do Pará, em preparação.
- GIBBS JUNIOR, Raymond W.. *The Poetics of Mind: figurative thought, language, and Understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- JOHNSON, M. *The Body in the Mind: the Bodily Basis of Meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

Marianne. The Evolution of Noun Incorporation. *Language* v. 60, p.847-93, 1984.

\_\_\_\_\_. The Convergence of Noun Classification Systems. In: CRAIG, 1986a.

\_\_\_\_\_. On the Nature of Noun Incorporation. *Language*, 62, p..32-37. 1986b.

PAYNE, Doris L. Noun Classification in Western Amazon. *Language Sciences*, v. 9, n.1, 1987.

SWEETSER, E. E. *From Etymotrunkky to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. (Cambridge Studies in Linguistics; 54).

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics. Concept Structuring Systems: Typology and Process in Concept Structuring*. Cambridge: MIT Press, 2000. v. 2

# Classifiers in Paresi-Haliti (Arawak)

*Classificadores em Paresi-Haliti (Aruák)*

Ana Paula BRANDÃO\*

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**ABSTRACT:** This work presents the nominal classification system of Paresi. Paresi is an Arawak language, spoken in Mato Grosso (Brazil). The data comes from field work in the Formoso and Rio Verde communities. In Paresi, similar to other Arawak languages, nouns can be inalienable or alienable. Inalienable nouns are bound nouns that can only occur with the possessor prefixes or the non-possessed suffix. There are two types of inalienable nouns: simple inalienable nouns and inalienable nouns with a classifying function. These nouns have their meaning metaphorically extended in order to categorize a nominal referent. Furthermore, they can be part of a compound, be incorporated into a verb, and occur also with numerals and demonstratives. These bound nouns have functions similar to classifiers as described in the main literature on the types of nominal classification systems: Dixon (1986); Payne (1987); Derbyshire e Payne (1990); Grinevald (2000); Aikhenvald (2000); and Grinevald e Seifart (2004).

**KEY WORDS:** Noun classification. Classifiers. Multiple classifiers.

**RESUMO:** Este trabalho aborda o sistema de classificação nominal da língua Paresi. Paresi é uma língua pertencente à família Aruák, falada em Mato Grosso (Brasil). Em Paresi, assim como em outras línguas Aruák, nomes podem ser inalienáveis ou alienáveis. Nomes inalienáveis são nomes dependentes que só podem ocorrer com os prefixos de posseção ou o sufixo de não-possuível. Há dois tipos de nomes inalienáveis: os nomes simples inalienáveis e os nomes inalienáveis com função classificatória. Estes nomes têm seu sentido metaforicamente estendido a fim de categorizar um referente nominal. Além disso, eles podem ser parte de um composto, ser incorporados em verbos, e ocorrer também com numerais e demonstrativos. Estes nomes inalienáveis têm funções semelhantes a dos classificadores, de acordo com a literatura sobre tipos de sistemas de classificação nominal: Dixon (1986); Payne (1987); Derbyshire e Payne (1990); Grinevald (2000); Aikhenvald (2000); e Grinevald e Seifart (2004).

**PALAVRAS-CHAVE:** Classificação nominal. Classificadores. Classificadores múltiplos.

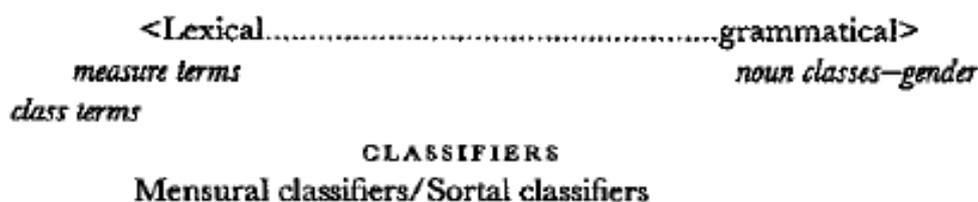
## Introduction

Dixon (1986) provides properties distinguishing noun classes and classifier systems while Grinevald (2000) proposes a typology of classifiers. In Grinevald (2000), classifiers are placed at the intermediate stage in a lexical-grammatical continuum of systems (2000, p. 55). At the grammatical end are gender and noun class systems, such as the noun class systems of Bantu languages. At the other end of the continuum, the lexical end, are measure terms and class terms, as for example, class terms in the Tai

- 
- Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.  
Email: [apbrandao7@gmail.com](mailto:apbrandao7@gmail.com).

*Recebido em 19/12/13  
Aprovado em 28/05/14*

family (DELANCEY, 1986). Grinevald (2000, p.61) considers classifiers to be “overt systems of nominal classification of clear lexical origin used in specific morphosyntactic constructions”, and she proposes the following types: numeral, noun, genitive, verbal, and deitic (demonstrative/article) classifiers. She also mentions the co-occurrence of types (the case of multiple classifier systems).



Works about the nominal classification systems of Amazonian languages (AIKHENVALD, 2000; GRINEVALD; SEIFART, 2004) claim that classifying morphemes in these languages can serve both derivational and agreement functions, which is an areal feature. In Paresi, classifiers have derivational function, anaphoric usage (with numerals, relative clause, and the anaphoric proclitic *ha-*), and marginal agreement function.

## 1 Morphology and semantics of classifiers

Semantically, classifiers in Paresi express a property-entity relationship referring to general properties of the entities, such as shape, consistency or dimension.<sup>1</sup> The first three classifiers in Table 1 *-tse*, *-hi*, and *-li*, are plant-parts bound nouns that show semantic extension of their original meanings: *-tse* 'seed of', *-hi* 'fiber of', and *-li* 'fruit of'. Classifiers are used metaphorically with nouns referring to plant-parts, body-parts, objects, animals and humans (only *-katse* and *-natse* are used with human referents). The following salient physical properties of plant-parts are mapped onto other semantic fields: shape (flexibility, size, mass, linearity), dimension and consistency. Table 1 shows the set of classifiers in Paresi.

---

<sup>1</sup> Silva (2013) has a different analysis of the words described here as classifiers. He describes them as adjectives based on properties presented in Baker (2003).

**Table 1: The set of classifiers**

<b>classifier</b>	<b>Gloss</b>
tse	small, headwater
hi	long, slender, flexible (vine-like)
li	round
he	powder
natse	long horizontally, cylindrical, three-dimension
katse	thin, rigid, long vertically (stick-like)
za	liquid; speech
hoko	circled, three-dimension
taotse	piece, one-dimension
koa	flat surface , one-dimension
ako	inside of a hollow, three-dimension

The classifier *-li* 'CLF.round' (which has an allomorph *-ri* after high vowels), can occur with body parts, and , or objects that have a 'roundish, fruit-like shape', and .

- (1) totoni-ri 'nipple'  
breast-CLF.round
- (2) kano-li 'forearm'  
arm-CLF.round
- (3) kete-ri 'yuca cake'  
manioc- CLF.round
- (4) nihe-ri 'nest'  
nest-CLF.round

The classifier is lexicalized in some body part nouns and in a few nouns referring to animals (*katseri* 'calf', *tseiri* 'head,' *wairi* 'deer', *zonoiri* 'coral snake').

The classifier *-hi* 'long, slender' also occurs with body parts, and , or objects that have a long, slender, flexible, vine-like shape, and .

- (5) atxi-hi 'gut'  
gut-CLF.long.slender
- (6) kitxi-hi 'bird leg'  
foot-CLF.long.slender
- (7) olawa-hi 'rope'  
tucum- CLF.long.slender
- (8) makala-tya-kala-ti-hi 'clothes-line'

be.dry-TH-NMLZ-UNPOSS-CLF.long.slender

The classifier occurs lexicalized in some nouns for body parts, animals and objects (*halatahiti* 'rib', *tararahiti* 'trachea', *zozohi* 'earthworm', *kamaiyekahi* type of fish, *awiyahi* 'needle').

The classifier *-tse* 'CLF.small' derives words referring to animals and objects that are small. Different from *-li*, the important semantic property of *-tse* is size, not dimension.

- (9) txini-tse 'cat'  
jaguar-CLF.small
- (10) zomo-tse 'small beiju (flat bread)'  
flat.bread-CLF.small
- (11) kore-tse 'bullet'  
arrow-CLF.small

This classifier is in a more advanced stage of grammaticalization meaning 'diminutive', indicating that these referents are smaller than the average. It may be used with body parts, animals and objects.

- (12) aikoli-tse 'small tooth'  
tooth-CLF.small
- (13) watyali-tse 'small wrist/arm'  
wrist-CLF.small
- (14) zokozoko-tse 'small ant sp.'  
type.of.ant-CLF.small
- (15) matalo-tse 'small pot'  
pot-CLF.small

Its co-occurrence with other classifiers is very common within the same compound,<sup>2</sup>as illustrated in . In the example, both the frog and his children are small in size but they have different shapes. In order to show the difference in shape, the classifiers *-hoko* (referring to the shape of the frog) and *-hi* (referring to the slender/thin

---

<sup>2</sup> A possible explanation for this is its more advanced process of grammaticalization.

shape of a toad larva) are used. *-tse* occur after *-hoko* because the inverse order gives another meaning (that something small is around something); while in *haitsanitsehi*, it is before *-hi*.<sup>3</sup>

- (16) e=kali-ye-*hoko-tse* atyo ala ha=iyanityo  
 3SG=frog-POSSED-CLF.circled-CLF.small TOP FOC 3SG=wife
- Ø=kaoke-heta nali oza Ø=zane ha=itsani-*tse-hi*  
 3SG=chegar-RE LOC ? 3SG=go 3SG=filho-CLF.small-CLF.long.slender
- Ø=waiya-hena  
 3SG=ver-IFV  
 'his small frog was already there with his wife and his children, they saw them'  
 (Dirizonae)

In addition, *-tse* is used to refer to parts or pieces of a whole. It is commonly used with the noun *one* 'water' or with river names meaning 'headwater':

- (17) one-*tse*'headwater'  
 water-CLF.small
- (18) halohalo-*tse* 'headwater of the Figueira river'  
 type.of.tree-CLF.small

The classifier is lexicalized in nouns referring to body parts, animals and of natural elements (e.g.: *zotse* 'eye' and *kaolitse* 'knee', *wamotse* 'armadillo sp.', *hawaretse* 'peccary', *zoretse* 'star').

There is no lexical origin for this classifier. It is used with nouns referring to humans, body-parts, or things that have a thin, rigid, and long vertically 'stick-like' dimension. The classifier occurs lexicalized in the word *tsekatseti* 'hair'.

- (19) baiyo-*katse* 'elder who is tall and thin'  
 elder-CLF.long
- (20) iyali-*tse-*katse** 'long pubic hair'  
 body.hair-CLF.small-CLF.long
- (21) in=iho-*katse* 'his tail'  
 3SG=tail-CLF.long
- (22) hati-*katse* 'rafter'

<sup>3</sup> The combination *-hitse* has the meaning 'bundle'.

house-CLF.long

- (23) kotaza-katse 'the rafter in the center of the house'  
rafter-CLF.long

The classifier *-natse* may have as its source the noun *natse* 'pestle'. It is used with things that have a cylindrical, long horizontal, three-dimension 'pestle-like' dimension:

- (24) Dadi-natse 'Dadi (a fat woman)'  
PN-CLF.cylindrical
- (25) molone-natse 'back'  
back-CLF.cylindrical
- (26) kore-natse 'gun'  
arrow-CLF.cylindrical
- (27) balazoko-natse 'bottle'  
bottle-CLF.cylindrical

The classifier does not occur with nouns for animals. However, it occurs in compounds where the second noun is *ohiro* 'woman' or *ena* 'man', which refer to the gender of the animal. Rowan (2001) and Silva (2013), say that the classifier is used with quadrupeds and long horizontally animals. The classifier is lexicalized in a few animals names (*halan<sup>4</sup>natse* 'dog', *kaimalon<sup>4</sup>natse* 'type of rat')

- (28) txini ohiro-natse 'a female jaguar'  
jaguar woman-CLF.cylindrical

The classifier *-he<sup>4</sup>* may have as its source the noun *niyehe* 'ash'. It is used with things that have a 'powder-like' consistency. It is not as productive as the other classifiers:

- (29) waiko-he 'sand'  
ground-CLF.powder
- (30) axiyehe 'tobacco powder'

---

<sup>4</sup> Silva (2013) mentions a similar form *-he* used in borrowings from Portuguese for things which have a concave-like shape. The only example in my corpus is *balatoahe* 'plate' (from *prato* in Portuguese).

tobacco-CLF.powder

This classifier is lexicalized in the words: *tyolohe* 'yuca flour' and *waikohe* 'sand'.

The classifier *-hoko* may have as its source the noun *hoko* 'beam.of a circled object'. It is used with objects that have a circled/hollow, one-dimension shape. It occurs lexicalized only in the name of a community: *Owihoko*.

- (31) kore-hoko 'bow'  
arrow-CLF.circled
- (32) tala-hoko-ty-oa-re 'fence'  
protect-CLF.circled-TH-MM-NMLZ

The other classifiers do not seem to have a class term origin and some of them have no clear lexical origin. There is no lexical origin for the classifier *-za* (and its allomorph *-ya*), which is used with fruits and vegetables to refer to their juice, as in and , or with river names, as in and , referring to liquid consistency in general.

- (33) wenore-za 'pineapple chicha beverage'  
pineapple-CLF.liquid
- (34) kazalo-za 'chicha of kazalo yuca'  
type.of.manioc-CLF.liquid
- (35) one-za 'river'  
water-CLF.liquid
- (36) airaze-ro-za 'the Perfume river'  
savory-NMLZ-CLF.liquid
- (37) kotyoi-ya 'tapir river'  
tapir-CLF.liquid

This classifier can also be used with inanimate referents (in particular from the Paresi mythology) to refer to a speech about them (story or song), as seen in and .

- (38) kozetoza 'corn chicha/ story of the corn origin'  
corn-CLF.liquid
- (39) tsehali-tyatya-ko-za 'song about the crack of the stone'  
rock-bark-LOC-CLF.liquid

The classifier *-taotse* may have as its origin the noun *taotse* 'flat piece of wood', and it is used to refer to a piece of something.

- (40) *imiti-taotse* 'cloth'  
roupa-UNPOSS-CLF.piece
- (41) *talare-taotse* 'part of the dam'  
dam-CLF.piece
- (42) *hati-taotse* 'tent'  
house-CLF.piece

*-ako*<sup>5</sup> is a classifier that does not have a known lexical origin, and it is used with body parts and plant-parts, that have an internal cavity, three-dimension shape.

- (43) *kilako* 'nostril'  
nose-CLF.inside
- (44) *tanako-ako* 'ear (the internal part)'  
ear-CLF.inside
- (45) *atya-natse-ako* 'hole of the tree'  
tree-CLF.cylindrical-CLF.inside

The classifier *-ako* is not productive in compounds. It is lexicalized only in two body part nouns: *koloako* 'throat', *tyako* 'stomach', and in the name of the Formoso village *Hohako* (which is located in a deep area).

*-koa*<sup>6</sup> is a classifier that does not have a known lexical origin. In contrast to *-ako*, it is used with body parts, and things that have a flat surface, one-dimension shape.

- (46) *kahe-koa* 'palm'  
hand-CLF.flat
- (47) *abali-koa* 'sieve (flat sieve type)'  
type.of.sieve-CLF.flat
- (48) *eno-koa* 'sky'  
high-CLF.flat

Another use of *-koa* is with nouns that refer to an open space, as shown in to :

---

<sup>5</sup> There is the postposition *ako* used to indicate a location inside of a container.

<sup>6</sup> Similar to *-ako*, there is a postposition related to this classificatory noun which is used to indicate the location in a flat surface.

- (49) matsekoa 'ground (open space)'  
field-CLF.flat
- (50) wenakalako 'village'  
life-NMLZ-CLF.flat
- (51) in=itima-ko 'his place where he burned (an open space)'  
3SG=fire-CLF.flat

The classifier *-koa* occurs lexicalized in place names of villages such as: *Zanako* and *Tsakoreko*.

## 2 Function of classifiers and the typology of classification

As it was mentioned in the introduction of this section, an areal feature of Amazonian languages is the use of classifiers in derivational and agreement functions. Below I provide a description of the morphosyntactic contexts in which classifiers in Paresi occur (see Table 2): with nouns, verbs, numeral and demonstratives. I also describe the anaphoric and agreement functions. In addition, there is a general discussion on how the Paresi nominal classification system fits into the Amazonian language model, and some comparative notes on the nominal classification systems of other Arawak languages.

**Table 2: Properties of classifiers in Paresi**

	Properties	Paresi
1.	derive nouns from nouns	Y
2.	occur with nouns	Y
3.	occur with verbs	Y
4.	derive nouns from verbs (nominalizing)	Y
5.	occur with numeral/demonstrative	Y
6.	“anaphoric”	Y
7.	agreement	Y/N

### 2.1 Nominal roots

Classifiers function as derivational elements in some compounds, and they may be lexicalized in nouns for introduced cultural items. They derive nouns from other

nouns, as in to or stative verbs. In examples and , the classifier *-natse* does not modify the noun *kore*, referring to the shape of the arrow (if so, it would be optional), but instead it refers to the shape of the gun or the bullet, respectively.

- (52) kore-natse 'gun'  
arrow-CLF.cylindrical
- (53) kore-tse 'bullet'  
arrow-CLF.small
- (54) itima-za 'gasoline'  
fire-CLF.liquid
- (55) wiye-ri 'candy'  
be.sweet-CLF.round

This feature is widely attested in Amazonian languages exhibiting the multiple classifier systems, such as Miraña (GRINEVALD; SEIFART, 2007), Tariana, Waurá, Terena (AIKHENVALD, 2000), and Apurinã (FACUNDES, 2000).

## 2.2 Verbs roots

Classifiers can be incorporated into verbs, similar to inalienable nouns referring to body and plant parts. The incorporation of classifiers is very productive. This type of incorporation does not change the valency of the verb, and it is also rare with intransitive verbs. The incorporated noun may be accompanied by the external NP, but once it is identified in the discourse, only the incorporated noun is sufficient. Classifiers can also be used as nominalizers, deriving nouns from stative verbs, as in :

- (56) wi=riko-tse-koa-t=ene  
1pl=cut-CLF.small-CLF.flat-TH=3O  
'we cut it into small pieces (E)
- (57) wiye-ri 'candy'  
be.sweet-CLF.round

## 2.3 Numerals and demonstratives

At least in Paresi a classifier may be attached to a numeral or demonstrative. There are three construction types: (i) the head noun and the head modifier are marked with the classifier ; (ii) only the noun head occurs with the classifier (the optionality of the classifier in the modifier is marked by the parentheses in *hanamataotse* 'three pieces'), and (iii) only the modifier occur with the classifier, as shown in through the optional use of the noun *atyakatse* 'stick'.

(58) atya-taotse            hanama-taotse  
 tree-CLF.piece        three-CLF.piece  
 'three pieces of wood' (E)

(59) eze hanama-katse        atya-katse  
 this three-CLF.long        tree-CLF.long  
 'these are three sticks' (xikonahati)

Generally, in texts, classifiers occur as the head of NPs with demonstratives and numerals. In , *-tse* 'CLF.small' occurs with the demonstrative *eze* 'this', and in the classifier *-li* 'CLF. round' occurs with the numeral *hinama*. In , the classifier *-tse* 'CLF.small' occurs with the numerals *hanama* and *quatro* and it functions as the head of the NPs.

(60) ezetse                    n=aikoli            kawe-ta  
 this-CLF.small        1sg=tooth        hurt-CONT  
 'This tooth hurts' (E)

(61) hinama-li            ala    konare            noloka  
 two-CLF.round        FOC   cará.fish        pull  
 'She pulled two cará fish' (ximatyati)

(62) katse-ze                hanama-tse            quatro-tse            hare  
 ATTR-seed-NMLZ    three-CLF.small        four-CLF.small        also  
 'It has seeds, three, four seeds' (E)

Example and show that a classifier can occur as the head of an NP with a nominalized stative verb. In , the classifier functions as the head of the NP, which is in an apposition to the NP *manakata* 'manakata fruit'.

(63) wi=yane            manakata            kalo-li-ro                            wa=hiyoka

- 1pl=go            type.of.fruit    a.lot-CLF.round-NMLZ            1pl=suck  
 'We are going to chew only big manakata fruits' (ketetse)
- (64)    ne-hena    nea            moko-hen=ene    konaho            zotya-li-ro  
          say-IFV    say            hit-IFV=3O    yam            be.red-CLF.round-NMLZ  
          'he said, and then the cará fish hit him' (wenakalati-AF)

#### ***2.4 Agreement-like function***

In Paresi, the agreement-like function is rare in texts. It is possible to find classifiers attached to both the head noun and the head modifier, as in and . However, the classifier on the modifier is not obligatory, as seen in . Instead of analyzing it as agreement occurring in the same NP, I prefer to analyze the noun and the modifier to be in different NPs headed by the classifier. In Amazonian languages such as Miraña (GRINEVALD; SEIFART, 2007), agreement is obligatory, that is, the classifying morpheme occurs in all modifiers of a noun in a NP. Other languages, such as Hup (EPPS, 2008) classifiers also show a marginal agreement-marking function.

#### ***2.5 Anaphoric reference***

According to Grinevald e Seifart (2004), Amazonian classifier systems have characteristics that mark them as less grammaticalized. Some of these characteristics are their discursive nature and anaphoric function, “features generally considered as more characteristic of large numeral classifier systems” (GRINEVALD; SEIFART 2004, p.282). In Paresi, the major use of classifiers is the anaphoric one. They occur in constructions with numerals, with headless relative clauses, and with the proclitic *ha=* meaning '3sg' (cf. §4.1.2) or 'one, 'other', as shown in Table 3.

- (65)    hanama-katse            kirane-ze  
          three-CLF.long            be.small-NMLZ  
          'Three small sticks' (E)
- (66)    eze    zoaha-tya            kina-te-re            eze    Celio  
          this    and-FOC            be.strong-CONT-NMLZ    this    Celio  
          z-a-maira-ki-tsa-tse-hare            eze  
          NMLZ-CAUS-be.afraid-CAUS-TH-CLF.small-MASC    this  
          ka-tyatya-li-ro            eze  
          ATTR-bark-POSSED-CLF.round-NMLZ    this  
          zotya-katse-ro            eze

be.red-CLF.long-NMLZ this  
 'This is also strong, this is the one who scares Celio, which has hard bark and it is red' (tolohe)

**Table 3: Proclitic ha= and classifiers**

	Example	Gloss
1.	ha= <b>li</b> one-CLF.round	'one round thing'
2.	ha= <b>natse</b> one-CLF.cylindrical	one cylindrical/long thing (basket, corn ear, dog, etc)
3.	ha= <b>za</b> other-river	'other river'
4.	ha= <b>tse</b> one-CLF. small	'one small thing'
5.	ha= <b>katse</b> one-CLF.long	'one stick-like thing'
6.	ha= <b>ako</b> other-CLF.inside	'other village'

For example, in the text *Kozeto*, the noun *kozeto* 'corn' was mentioned for the first time in , and then 4 lines later *hatse* 'one small thing' was used to make reference to a part of that referent :

(67) kozeto tximate koni  
 corn pile? among  
 'a pile of corn' (Kozeto)

(68) mo-te-hekoa-tya hoka n=itsa kala n-ita ene  
 put-TH-REP-TH CON 1sg=give EVID say-CONT PST  
 ha-tse hololo  
 3sg=CLF.small drop  
 'he was crunching it and eating, and then he dropped a grain (of corn)'(Kozeto)

A discourse function of classifiers is to highlight some properties of referents, and this individuation function is identified cross-linguistically as an important feature of noun classifiers. The example in illustrates the use of classifiers to highlight the shape properties of wood-like things in an elicitation task (where the consultant had to describe the objects he saw in the pictures):

(69) hatya atyali hatya atyakatse zokolatyo-ita hatya atyali  
 IND fruit IND tree-CLF.long attach-CONT IND fruit  
 zokolotyo-ita meketse hatya atya-taotse ehokotyo-ita  
 attach-CONT in.the.middle IND tree-CLF.piece lay.down-MM-CONT

'One round thing is attached to a stick, the other one is in the middle of the round thing, and the other lies down in the middle of the flat wood' (E)

In Table 4, based on Brandão and Facundes (2013), the properties of Paresi are listed with regards to the characteristics of noun class and classifier systems in Grinevald (2000, p. 62). The classifiers in Paresi are pretty much as different from class terms as from typical classifiers (they are multiple classifier systems). Different from classifiers, class terms involve more semantic fields (beyond fauna, flora and body parts), do not incorporate in the verb, and are not used with agreement-like functions. This suggests that the noun classification systems attested in Amazonian languages may be characterized as an example of a particular stage in the development of noun classification systems and, perhaps, given its stability (since part of it seems reconstructible to Proto-Arawak), a particular classification subsystem on its own.

**Table 4: The Paresi nominal classification system compared to the typology of classification**

	Properties	Paresi	Class terms	Typical CLF	Noun class
1	natural elements as source meaning (fauna, fauna and other nature elements)	Y	N	Y/N	N
2	classify all nouns in the language	N	N	N	Y
3	classifying morphemes form a closed system	Y/N	Y	N	Y
4	fused with other grammatical categories (number, case)	N	N	N	Y
5	bound morpheme	Y	Y/N	N	Y
6	agreement	Y/N	N	N	Y
7	occur with nominal roots	Y	Y	Y	Y
8	occur with verbs	Y	N	Y	N
9	occur with numeral/demonstrative	Y	N <sup>7</sup>	Y	Y
10	“anaphoric”	Y	N	Y	N
11	derive nouns from nouns	Y	Y	N	N
12	derive nouns from verbs nominalizing	Y	N	N	N

Table 4 shows that Paresi, from the twelve properties listed, has almost all properties of classifier systems. Classifiers do not occur with all nouns; like noun classes, they are independent of grammatical categories such as number and gender. However, classifiers in Paresi unlike in other Amazonian languages, do not constitute an open system. Paresi exhibits a small number of classifiers (only 11) compared to the number of classifiers in other languages, such as the Arawak language Baure (DANIELSEN, 2007) which has approximately 42. Classifiers also occur as bound forms in compounds with other nouns or numerals, they are not affixed to a noun. Because of their anaphoric function, classifiers occur as the head of the NP, as seen above. Agreement pattern is marginal, that is, it is not obligatory with classifiers, which may occur more than once in the noun phrase. Arguments also are rarely cross-referenced on the verb when a classifier is incorporated.

<sup>7</sup> Thai has both class terms and a robust numeral classifier system, and the form used with the quantifying expressions are the numeral classifiers – many of which do not play the double function of acting as both class term (used derivationally) and also numeral classifier.

Most of the Arawak languages have feminine and non-feminine or masculine gender distinctions. In addition, they have also multiple classifier systems, especially North-west Arawak languages, such as Tariana, Baniwa of Içana and Kurripako, and Resígaro (AIKHENVALD, 2012, p. 295). South Arawak languages (e.g.: Baure, Terena, Waurá, Paresi, Asheninka) also have classifiers which occur with numerals, verbs and nouns. Compared to other Arawak languages, Paresi does not mark gender on pronouns or have gender agreement (gender is only marked in nominalizations), and it has an incipient classifier system.

Another Arawak language with an incipient classifier system is Apurinã, a North-western Arawak language. Apurinã has bound nouns recurrently used in the formation of other nouns and incorporated into verbs (FACUNDES, 2000). They are not called classifiers because they are more like class terms, and FACUNDES (2000) calls them classificatory nouns (CNs). Differently from classifiers in Paresi, CNs are bound nouns with metaphorical usage, and they only occur with nouns and verbs.

A question that remains to be answered (see BRANDÃO and FACUNDES, 2013) is whether Proto-Arawak has classifiers. Payne (1991) shows few sets of cognates between lexical nouns in some Arawak languages and noun classifying morphemes in other languages. However, although some forms with a classification function in present day languages can be reconstructed, it remains to be demonstrated conclusively that classifiers themselves were found in Proto-Arawak.

## REFERENCES

- AIKHENVALD, A. Y. *The languages of the Amazon*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Classifiers: A typology of noun categorization devices*. Oxford: Clarendon Press, 2000.
- BAKER, M. *Lexical categories: verbos, nouns and adjectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BRANDÃO, A.; FACUNDES, S. *Classificatory nouns in Arawak and their relationship to class terms and classifiers*. Trabalho apresentado no CILLA, Austin.
- DANIELSEN, S. Baure. *An Arawak language of Bolivia*. Indigenous Languages of Latin America (ILLA), 6. Leiden: CNWS. 2007.

DELANCEY, Scott. Toward a History of Tai Classifier Systems. In: CRAIG, Colette G., (Ed.) *Noun Classes and Noun Classification*. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 437-452.

DERBYSHIRE, D.; Payne, D. Noun classification systems of Amazonian languages. In: PAYNE, D. (Org). *Amazonian linguistics: studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 241-268.ok

DIXON, R. W. M. Noun classes and noun classification in typological perspective. In: CRAIG, C. G., (Org.). *Noun classes and noun classification*. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 50-92.

EPPS, Patience.. *A grammar of Hup*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2008.

FACUNDES, S. *The Language of the Apurinã People of Brazil (Aruák)*. PhD Dissertation: SUNY-Buffalo, 2000.

GRINEVALD, C. A morphosyntactic typology of classifiers. SENFT, Gunter (Ed.). *Systems of nominal lassification*, .Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 50-92.

\_\_\_\_\_; SEIFART, F. Noun classes in African and Amazonian languages: Towards a comparison. *Linguistic Typology*, v. 8, p. 243-85. 2004.

PAYNE, D. L. Classification of Maipuran (Aruákan) languages based on shared lexical retentions. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (Eds.). *Handbook of Amazonian languages*. v. 3, p. 355-499. 1991.

\_\_\_\_\_. Noun classification in the Western Amazon. *Language Sciences*, v. 9, n.1, p.21-44. *Comparative Linguistics of South American Indian Languages*, Special issue, ed. Mary Ritchie Key, 1987.

ROWAN, O. *Iraití xawaiyekehalakatyakaba*. Dicionário Paresí-Português. Cuiabá, MT: SIL. 2001. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil>>. Acesso em:

SILVA, Glauber. *Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti*. Tese (Doutorado) Universidade Federal do do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ. 2013.

# Termos de classe em Wapixana (Aruák)

*Class terms in Wapishana (Arawak)*

Manoel Gomes dos SANTOS\*

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

**RESUMO:** Dentre os processos de formação de palavras em Wapixana, destaca-se aquele realizado por meio de raízes, isto é, termos de classe. Assim, parte dos nomes obrigatoriamente possuídos (inalienáveis) que fazem referência, especialmente, a partes do corpo, partes de planta e relações de parentesco exibe uma função classificatória, sendo empregada recorrentemente para produzir nomes compostos, constituindo, pois, morfemas classificatórios de origem transparentemente lexical que operam na geração do léxico da língua, semelhantemente aos processos de derivação e composição. O propósito deste trabalho é, então, analisar esse tipo particular de processo de formação de palavras em Wapixana, buscando compreender sua relação com o sistema de classificadores e o sistema de classes de nome (gênero).

**PALAVRAS-CHAVE:** Termos de classe. Classificadores. Classes de nome. Wapixana. Aruák.

**ABSTRACT:** Among word formation processes in Wapishana, one finds that one which involves roots, namely, class terms. Thus, part of its inalienable nouns, in particular those that refer to parts of body, parts of plants and kinship, has a classificatory function and is constantly used to form compound words. These are clear cases of classificatory morphemes of lexical order, which operate at lexicon formation in Wapishana, similarly to derivation and composition processes. This work aims at analyzing this particular type of word formation process in Wapishana. It also tries to understand its relationship with classifier and noun classes (gender) systems.

**KEYWORDS:** Class terms. Classifiers. Noun classes. Wapishana. Arawak.

## Introdução

Parte dos nomes inalienáveis da língua indígena Wapixana<sup>1</sup> desempenha, além de uma função classificatória, semelhante àquela exercida por classificadores, um papel relevante na geração do léxico dessa língua, de modo similar àquele exercido por alguns nomes na formação de compostos envolvidos nos tradicionais processos de formação de palavras; guardando, porém, diferença em relação a esses tradicionais processos, pela alta recorrência com que tais nomes – termos de classe - se manifestam na composição do léxico.

---

\* Doutorado em Linguística – Universidade Estadual de Campinas. Docente na Universidade Federal de Roraima. E-mail: melgsantos@uol.com.br

<sup>1</sup> A língua Wapixana pertence à família Arawak (RODRIGUES, 1986, p. 69) e é falada pelo grupo étnico de mesmo nome. A população Wapixana é estimada entre dez e onze mil indígenas que habitam o Estado de Roraima e a República Cooperativa da Guiana (FARAGE, 1997, p. 18).

Assim, o propósito principal deste trabalho, que é uma continuidade do trabalho “Uma gramática do Wapixana (Aruák) – aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe” (SANTOS, p. 2006), é apresentar, especialmente nos termos de Grinevald (2000) e Delancey (1986), uma análise desse tipo especial de formação de palavras em que estão envolvidos os termos de classe, procurando verificar sua relação com o sistema de classificadores e o sistema de classe de nomes (gênero) também existentes nessa língua.

Os dados utilizados neste trabalho foram obtidos junto a falantes do Wapixana da área da Serra da Lua, mais especificamente, nas comunidades indígenas de São Domingos, Muriru e Malacacheta, através de eliciações de palavras, frases e textos, no período de 2012 a 2013.

A análise indica que termos de classe e classificadores compartilham traços, especialmente no que diz respeito à sua origem claramente lexical, mas apresentam distinções especialmente quanto ao fato de os termos de classe constituírem formas presas, já que operam na geração do léxico; enquanto classificadores podem constituir-se de formas livres ou presas, já que operam em um nível intermédio entre o léxico e gramatical. Mais distante se situam termos de classe e classes de nomes (gênero), uma vez que ocupam posições simetricamente opostas no sistema de classificação nominal, aqueles no extremo lexical e estes no extremo gramatical.

## **1 Termos de classe em Wapixana**

Como ocorre com as línguas Aruák em geral (PAYNE, 1991; AIKHENVALD, 1999), da análise dos nomes do Wapixana com base na categoria de posse, obtêm-se as subclasses de nomes alienáveis e inalienáveis. A primeira caracteriza-se lexicalmente pela ausência de qualquer marca quando o nome apresenta-se sem um possuidor explícito e pela presença de um sufixo marcador da posse quando o nome exibe um possuidor explícito. A segunda subclasse, a dos nomes inalienáveis, por sua vez, caracteriza-se lexicalmente pela presença do sufixo –j, quando o nome apresenta-se sem um possuidor explícito, e pela ausência desse sufixo, quando o nome exibe um

possuidor explícito. Os exemplos a seguir ilustram o emprego de nomes alienáveis e inalienáveis, respectivamente<sup>2</sup>:

- (01) a. *sumaṛa* ‘arco’  
b. *ũgaṛi sumaṛan* ‘meu arco’  
1-arco POSS
- (02) a. *ḍinu-j* ‘barba’  
barba-NPOSS  
b. *ũgaṛi ḍinu* ‘minha barba’  
1 barba

Em (01a), o nome alienável **sumaṛa** ‘arco’ ocorre sem qualquer marca, uma vez que não integra uma construção possessiva; em (01b), por outro lado, em que **ũgaṛi** constitui o possuidor, o sufixo **-n** marca a construção como possessiva. Em (02a), o nome inalienável **ḍinuj** ‘barba’ é acrescido do sufixo não possuído **-j**, uma vez que não apresenta possuidor explícito; e, em (02b), tomando parte em uma construção de posse, com possuidor explícito **ũgaṛi**, não exhibe qualquer afixo.

Do ponto de vista de sua distribuição sintática, como se pode observar nos exemplos acima, o nome inalienável na construção possessiva deve ocorrer em justaposição ao nome que designa seu possuidor e que o precede no sintagma nominal. Do ponto de vista semântico, os nomes inalienáveis do Wapixana fazem referência especialmente a partes do corpo ou algo a ele relacionado, a plantas ou partes delas e a termos de parentesco. Relevante para este trabalho é a função classificadora recorrente que parte desses nomes inalienáveis exerce, constituindo termos de classe e classificadores.

Termos de classe são morfemas de origem transparentemente lexical que, enquanto núcleos de nomes compostos, exercem uma função semântica classificatória, operando na geração do léxico de uma língua, no nível da palavra (DELANCEY, 1986, p. 438; GRINEVALD, 2000, p. 59).

Santos (2006, p. 107), analisando dados semelhantes aos de (03), abaixo, sugeriu a existência de termos de classe em Wapixana:

---

<sup>2</sup> As seguintes abreviaturas são usadas neste trabalho: ADJR adjetivizador; ANF anáfora; CL classificador; DIST distal; EP epêntese; F feminino; INTER interrompido, intermitente; M masculino; MI modo indicativo; NPOSS não-possuído; O objeto; PROX próximo; PTT partitivo; S sujeito; TCL termo de classe; 1 primeira pessoa do singular; 3 terceira pessoa do singular.

- (03) a. maḍ-a-j ‘casca, pele’  
casca, pele-EP-NPOSS  
b. atamin-maḍ ‘casca da árvore’  
árvore-TCL:casca, pele  
c. daku-maḍ ‘lábios’  
boca-TCL:casca, pele  
d. maṛi-maḍ ‘bainha da faca’  
faca-TCL:casca, pele

Em (3), o nome inalienável do Wapixana que corresponde à tradução do português ‘casca, pele’ reveste, em (3a), a forma livre **maḍaj**, isto é, aquela com sufixo **-j**, típica de construções que não envolvem posse. Em suas outras três ocorrências (3b-d), por outro lado, exibe sua forma presa **maḍ**, aquela típica de construções possessivas que, por envolver um possuidor explícito, ocorre sem o sufixo marcador de não possuído. Importante observar que nessas três últimas ocorrências, essa forma presa é usada recorrente e sistematicamente para produzir nomes compostos. Assim, em (3b-d), **maḍ** ocorre como núcleo de um composto que expressa um significado geral que é especificado pela primeira parte do composto: em (3b), compõe com o nome **atamin** ‘árvore’ o composto **atamin-maḍ** ‘casca da árvore’; em (3c), compõe com o nome **ḍaku** ‘boca’ o composto **ḍaku-maḍ** ‘lábios’ e, finalmente, em (3d), compõe com o nome **maṛi** ‘faca’ o composto **maṛi-maḍ** ‘bainha da faca’.

Com efeito, refletindo acerca da definição de termos de classe acima mencionada, parece consistente a constatação de Santos (2006). Portanto, nomes que se comportam como **maḍ**, devem constituir termos de classe, uma vez que apresentam uma função classificatória, quer dizer, categorizam semanticamente objetos que são especificados pelas partes iniciais dos compostos que integram como núcleo, portanto operam na geração do léxico no nível da palavra e apresentam origem lexical clara, o que é evidenciado pela existência de uma forma livre correspondente, neste caso **maḍaj**, à qual é vedada a atuação como termo de classe, função restrita ao morfema **maḍ**, como ilustrado nos exemplos que seguem:

- (04) a. \*atamin-maḍaj ‘casca da árvore’  
árvore-casca, pele

- b. \*daku-maɖaj                      ‘lábios’  
boca-casca, pele
- c. \*maɖi-maɖaj                     ‘bainha da faca’  
faca-casca, pele

Como se pode observar em (04), a segunda posição, posição nuclear de função classificatória, típica do termo de classe não pode ser ocupada pela forma livre **maɖaj**, mas somente pela forma presa **maɖ**, como exemplificado em (03) acima.

Todavia, como afirma Delancey (1986, p. 439), nem todo nome que funciona como termo de classe funciona também como puro nome. Assim, em Wapixana, embora outros termos de classes como **maɖ**, analisado acima, funcionem também como nome, como ilustrados pelos pares: **akaj** ‘fruta’ / **atamin-ak** ‘fruta da árvore’, **daniɟ** ‘ovo, filho’ / **kiɖiki-dani** ‘pinto’, **aib** ‘seiva’ / **makaxiri-aib** ‘seiva da macaxeira’, **ɖaɖi** ‘pai’ / **tapiɖiz-ɖaɖi** ‘touro’, ao menos um caso de termo de classe, constado por Santos (2006, p. 107-9), não possui uma forma correspondente como nome puro, como ilustrado em (05):

- (05) a. kabain                             ‘casa’
- b. kuɖi-ɖap                        ‘chiqueiro’  
porco-TCL:habitação
- c. maba-ɖap                        ‘casa de abelhas’  
abelha-TCL:habitação

Em (05), **ɖap** (TCL:habitação), em (5b-c), opera na geração do léxico, formando os compostos **kuɖi-ɖap** ‘chiqueiro’ e **maba-ɖap** ‘casa de abelhas’, constituindo termo de classe, que, como se observa em (05a), em vez de uma forma correspondente, tem a forma supletiva kabain ‘casa’, funcionando como nome.

Outra constatação de Santos (2006, p. 109) que converge para a exigência de que o termo de classe seja necessariamente uma forma presa diz respeito à distribuição sintática, segundo a qual, o termo de classe em Wapixana tem posição fixa, isto é, ocorre sempre na posição mais à direita e preso à parte anterior do composto.

Finalmente, conforme Santos (2006, p. 113), termos de classe podem ocorrer em sequência em um mesmo composto, como no exemplo em (06), a seguir:

- (06) atamin-ak-i:ɖ                    ‘semente da fruta da árvore’  
árvore-TCL:fruta-TCL:semente

Em (06), **ak** e **i:q** exibem todas as características de termos de classe. Do ponto de vista semântico, expressam um significado mais geral que é especificado pela parte do composto a que estão imediatamente fixados; do ponto de vista morfológico, constituem formas presas; e, do ponto de vista sintático, ocupam a posição à direita dos constituintes com que se articulam. Assim, **ak** (TCL: fruta) articula-se com o nome **atamin** ‘árvore’, produzindo o composto **atamin-ak** ‘fruta da árvore’ que, em conjunto, articula-se com **i:q** ‘semente’, resultando em **ataminak-i:q** ‘semente da fruta da árvore’. Tal como constatou Facundes (2009, p. 6) acerca do Apurinã (Aruák), tal potencial recursivo é de uso bastante restrito também no Wapixana.

## 2 Termos de classe e classificadores

Considerando especialmente o aspecto semântico compartilhado, Allan (1977, p. 285) define classificadores como morfemas em estrutura de superfície que ocorrem sob específicas condições e denotam alguma característica semântica saliente da entidade referida pelo nome ao qual estão associados. Ele identifica sete tipos de categorias semânticas básicas: (i) material (animado, inanimado, nomes verbais e abstratos), (ii) forma (longo, achatado, redondo), (iii) consistência (flexível, duro ou rígido), (iv) tamanho (grande, pequeno), (v) locativo (terreiro, campo, povoado), (vi) arranjo (configuração não inerente de objeto(s): dobrado, pregueado, etc; posição específica de objeto(s): perpendicular estendido, estendido horizontal; em fila, etc; distribuição específica não inerente de objeto(s): monte, pilha, cacho, etc), (vii) quantidades (formas usadas para uma única entidade, duas entidades ou para mais entidades, coletivo, substâncias não-discretas, etc).

Grinevald (2000) propõe uma tipologia de base morfossintática para classificadores que os situa no interior de um sistema mais amplo de classificação nominal, em que ocupam uma posição intermediária entre um extremo lexical, em que se situam os termos de classe e um extremo gramatical, onde se situam as classes de nome (gênero). Conforme ela, classificadores constituem um sistema aberto de categorização nominal de clara origem lexical usado em específicas construções morfossintáticas. Assim, do ponto de vista do comportamento morfossintático, identificam-se os classificadores: *numeral* (morfemas livres ou presos que ocorrem em

contexto de quantificação), *de nome* (morfemas livres que se situam nos limites de um sintagma nominal), *genitivo* (morfema que ocorre normalmente preso à marca de possuidor enquanto classifica semanticamente o objeto possuído), *verbal* (morfema que se localiza no interior da forma verbal, enquanto classifica um dos argumentos do verbo). Além desses classificadores, vistos por essa autora como principais, porque são amplamente descritos na literatura, outros são citados por Allan (1977, p. 285): *intra-locativo* (que se encontra encaixado em expressões locativas), *de concordância* (afixado em nomes, modificadores de nomes, predicados e proformas); e por Aikhenvald (2000, p. 2-3): *relacional* (morfema que caracteriza o tipo de relação possessiva de certos nomes possuídos alienavelmente em uma expressão genitiva), *dêiticos* ou *demonstrativos* (associados a dêiticos ou artigos).

As análises realizadas dos dados do Wapixana em Santos (2006, p.118) revelam a existência nessa língua de três dos principais tipos de classificadores acima arrolados: numeral, genitivo e verbal, como se pode observar nos exemplos de (07) a (09):

- (07) a. kabain ‘casa’  
 b. ũ-ɖap sabi-a-n ipei  
 1-CL:habitação gotejar-EP-MI todo  
 ‘goteja em toda a minha casa.’
- (08) ba-i-da-ʔ-ap ‘um’  
 um-mão-gênese-CL:PTT-CL:extensão
- (09) ũ-nizu-b-a:n-a-n kan-iz<sub>ɕ</sub>-biʔ  
 1-tipiti-CL:massa-INTER-EP-MI mandioca-TCL:não.discreto-TCL:massa  
 ‘espremo a massa da mandioca no tipiti’

Em (07), o classificador **ɖap** ocorre em construção genitiva ou de posse e classifica semanticamente o objeto possuído **kabain** ‘casa’, este ausente, mas recuperado discursivamente pelo próprio classificador **ɖap** (CL: habitação). Em (08), os classificadores **ʔ** (CL: PTT) e **ap** (CL: extensão) encontram-se envolvidos em um contexto de quantificação, especificamente, na forma correspondente ao numeral “um” do sistema de numerais do Wapixana que, conforme Farabee (1918) e Santos (2006), envolve formas relacionadas a parentesco e a partes do corpo. Finalmente, em (09), o classificador **b** (CL: massa) situado no interior da forma verbal ũnizuba:nan ‘espremo’, classifica semanticamente o referente correspondente ao argumento do verbo **kanizbiʔ**

‘mandioca’, quanto a sua consistência, quer dizer, mandioca enquanto massa espremida pelo **nizu** ‘tipiti’ que constitui na construção o radical verbal.

Conforme Santos (2006, p. 124), os classificadores genitivo em Wapixana restringem-se ao emprego discursivo, quer dizer, ocorrem sempre em substituição aos nomes que referem aos objetos por eles classificados, isto é, na ausência destes. Não resta dúvida de que de fato este uso discursivo – com a presença apenas do classificador – é o que predomina atualmente em Wapixana, todavia, ao menos um classificador genitivo ocorre simultaneamente ao nome referente ao objeto por ele categorizado, como ilustrado pelos exemplos a seguir:

- |      |    |                    |           |                 |
|------|----|--------------------|-----------|-----------------|
| (10) | a. | iz-a-j             |           | ‘doméstico’     |
|      |    | doméstico-EP-NPOSS |           |                 |
|      | b. | ũgaɽi iz           | kiɽiki    | ‘minha galinha’ |
|      |    | 1 CL:doméstico     | galinha   |                 |
|      | c. | ũgaɽi iz           | aɽimaɽaka | ‘meu cachorro’  |
|      |    | 1 CL:doméstico     | cachorro  |                 |
|      | d. | ũgaɽi iz           | kuɽi      | ‘meu porco’     |
|      |    | 1 CL:doméstico     | porco     |                 |

Na construção genitiva em (10), o classificador **iz**, (CL: doméstico) de origem transparentemente lexical, como explicitado por **izaj** ‘doméstico’, em (10a), classifica semanticamente os objetos possuídos: **kiɽiki** ‘galinha’, em (10b), **aɽimaɽaka** ‘cachorro’, em (10c) e **kuɽi** ‘porco’, em (10d), ocorrendo concomitantemente com cada um desses nomes que fazem referência ao objeto possuído.

A título de comparação, com o intuito de observar semelhanças e diferenças entre a categoria termos de classe, estudada na seção anterior, e a categoria classificador, estudada nesta seção, retomo parcialmente os exemplos de (03) e (10) em (11) e (12), respectivamente:

- |      |    |                        |  |                   |
|------|----|------------------------|--|-------------------|
| (11) | a. | atamin-maɽ             |  | ‘casca da árvore’ |
|      |    | árvore-TCL:casca, pele |  |                   |
|      | b. | daku-maɽ               |  | ‘lábios’          |
|      |    | boca-TCL:casca, pele   |  |                   |
|      | c. | maɽi-maɽ               |  | ‘bainha da faca’  |
|      |    | faca-TCL:casca, pele   |  |                   |

- (12) a. ũgaʔi **iz**                      kiʔiki                      ‘minha galinha’  
           1      CL:doméstico galinha  
       b. ũgaʔi **iz**                      aʔimaʔaka                      ‘meu cachorro’  
           1      CL:doméstico cachorro  
       c. ũgaʔi **iz**                      kuʔi                      ‘meu porco’  
           1      CL:doméstico porco

Em (11), como analisado acima, temos **maq** (TCL: casca) como um verdadeiro termo de classe que se caracteriza semanticamente por expressar um significado geral que é especificado pela primeira parte do composto, o nome **atamin** ‘árvore’, resultando num significado específico **atamin-maq** ‘casca da árvore’, em (11a), o nome **ɖaku** ‘boca’, em (10b), resultando em **ɖaku-maq** ‘lábios’, em (11b), e, finalmente, o nome **maʔi** ‘faca’, resultando em **maʔi-maq** ‘bainha da faca’, em (11c). Do ponto de vista morfológico, esse termo de classe integra um nome composto, operando na geração do léxico no nível da palavra, portanto constitui forma presa. Do ponto de vista sintático, exhibe distribuição obrigatória, quer dizer, tem posição fixa, ocorrendo sempre na posição mais à direita do composto. Em (12), por outro lado, **iz** (CL: doméstico) constitui, como analisado acima, um exemplo típico de classificador genitivo. Do ponto de vista semântico, não apresenta diferença em relação ao termo de classe, pois também tem função classificatória na mediada em que expressa um sentido geral que ganha especificidade de acordo com o objeto especificado, portanto **kiʔiki** ‘galinha’, em (12a), **aʔimaʔaka** ‘cachorro’, em (12b) e **kuʔi**, ‘porco’, em (12c), constituem todos eles tipos específicos de objetos que integram a classe doméstico. Do ponto de vista morfossintático, porém, é que se torna clara a diferença entre essas duas categorias. Do ponto de vista morfológico, enquanto o termo de classe, como visto acima, constitui-se de forma presa, o classificador pode constituir-se de forma livre ou presa. Do ponto de vista sintático, o classificador ocorre em específicas construções, neste caso em análise, construções possessivas ou genitivas, enquanto o termo de classe, operando no nível da palavra, constitui um processo de formação de palavra. Em Wapixana, essas diferenças de comportamento morfossintático podem ficar mais evidentes em um exemplo como o que segue, o qual foi extraído de uma narrativa, cuja parte destacada é aquela que interessa para a discussão:

- (13) baʔaap kamu: **ɖaunajuɖa** makun ɖuɖutanana **pa-iz**-nau **kuʃi**-nau  
 um dia homem ir procurar AN-CL:doméstico-PL porco-PL  
 ‘um dia um homem foi procurar seus porcos...’

Em (13), é evidente a construção possessiva em que a anáfora **pa** que remete a **ɖaunajuɖa** ‘homem’ apresenta-se como o possuidor explícito; **iz** (CL: doméstico) classifica semanticamente o objeto **kuʃinau** ‘porcos’. Como se pode observar, do ponto de vista morfológico, enquanto o termo de classe tem posição fixa após a primeira parte do composto que apresenta o objeto especificado, como em (11a) **atamin-maɖ** ‘casca da árvore’ acima, o classificador **iz** (CL: doméstico), em (13), não apresenta essa característica, mas sua distribuição se dá em relação ao possuidor, a anáfora **pa**, já que, do ponto de vista sintático, o que motiva sua ocorrência é a construção morfossintática genitiva.

Em resumo, termos de classe têm *função semântica classificatória no nível lexical* (apresentam um significado mais geral que é especificado pela outra metade de um composto); os classificadores, por outro lado, *em um nível intermediário entre o léxico e a morfossintaxe, caracterizam semanticamente um nome* em construções específicas (expressões de quantificação, de posse, dentre outras). Termos de classe constituem forma presa, já que operam na *geração do léxico*; enquanto classificadores podem constituir-se de formas livres ou presas, já que, embora de origem lexical, operam em um nível intermédio entre o nível lexical e o nível gramatical.

### 3 Termos de classe e sistema de classes de nome (ou gênero)

Conforme Dixon (1986, p. 105), classes de nome (ou gênero) constituem um sistema obrigatoriamente gramatical, que agrupa todos os nomes de uma língua em um pequeno número de classes (normalmente, de duas a algo em torno de vinte), de forma que, em muitas línguas, cada nome pertence a exatamente uma classe. Nesse sistema gramatical fechado, qualquer membro pode ser especificado como complemento de outros membros do sistema.

Quanto à maneira como é marcada, a classe de nome, se marcada por afixo, este nunca se restringe aos limites da palavra; mas, em obediência a regras de concordância com o núcleo nominal, aplica-se a outros constituintes do sintagma (demonstrativos, numerais, adjetivos) ou da sentença, onde pode ser marcado no verbo, codificando

certas funções sintáticas, o que implica a possibilidade de fusão da classe de nome (ou gênero) com outras categorias gramaticais, como a categoria de caso, por exemplo.

Considerando que o sistema de classes de nome seja um sistema morfológico obrigatório, em que cada termo deve selecionar uma classe apropriada no sistema, a variação de uso por parte dos falantes é relativamente pequena, não havendo variações de registro.

Com relação a classes de nome no Wapixana, como explicitado por Santos (2006, p. 139-141), a distinção estabelecida diz respeito à oposição entre masculino e feminino por meio de afixos. No que diz respeito aos nomes inalienáveis que requerem tal distinção, notadamente boa parte dos nomes que fazem referência a graus de parentesco, o masculino é marcado pelo sufixo **-ɾi** e o feminino pelo sufixo **-ɾu**, como demonstram os exemplos que seguem:

- (14) a. **ɖa-j-a-ɾi** ‘esposo’  
gênese-NPOSS-EP-M  
b. **ɖa-j-a-ɾu** ‘esposa’  
gênese-NPOSS-EP-F

Em (14), os sufixos **-ɾi** e **-ɾu** marcam, respectivamente, a distinção de referência a indivíduo do sexo masculino (14a) e de referência a indivíduo do sexo feminino (14b).

De acordo com a caracterização do sistema de classes de nome, em obediência ao padrão de concordância da língua, a marca de concordância se aplica além dos limites da palavra, como se pode observar nos exemplos que seguem:

- (15) a. **tawi-ɾi:** **ɖaunaiɾ** ‘aquele homem’  
DIST-M homem  
b. **tawu-ɾu:** **zɿn** ‘aquela mulher’  
DIST-F mulher
- (16) a. **zɿn u-ipai-a-n** **zámaka**  
mulher 3FS-acabar-EP-MI rede  
‘a mulher acabou a rede’  
b. **i-tikp-a-n** **wiɾada naʔik i-bajʔi-a-n-iz**  
3M-ver-EP-MI jabuti e 3MS-flechar-EP-MI-3MO  
‘ele viu o jaboti e atirou nele’

Em (15), nos limites do sintagma, observam-se os sufixos marcadores de gênero (em negrito) nos demonstrativos. Em (16), as informações de gênero exibidas nos

verbos aparecem fundidas com a categoria de caso e são marcadas pelo prefixo **u-**, em (16a), que codifica, além do gênero feminino, a função sintática de sujeito; e pelo sufixo **-iz**, em (16b), que codifica, além do gênero masculino, a função sintática de objeto.

No que diz respeito ao sistema de classes (gênero) de nomes alienáveis, a oposição apresenta o mesmo conteúdo semântico (diferença entre sexos) considerado para o sistema de classes de nome (gênero) dos nomes inalienáveis. Tal oposição é estabelecida mediante a presença do sufixo **-aba** para o feminino que se opõe à ausência de marca para o masculino, como se pode observar nos exemplos a seguir:

- (17) a. **kuʃi** 'porco'  
b. **kuʃi-aba** 'porca'  
porco-TCL:F
- (18) a. **kuɖui** 'anta-macho'  
b. **kuɖui-aba** 'anta-fêmea'  
anta-TCL:F

A partir do sistema de classes de nome (gênero) do Wapixana exposto acima, pode-se traçar um quadro comparativo entre suas características e as características dos termos de classe nessa língua.

Nesse sentido, considerando que termos de classe atuam no processo de formação de palavras, na geração do léxico da língua, seu escopo é circunscrito aos limites da palavra, isto é, dos compostos que integram e, como consequência, a função classificatória que exercem restringe-se ao significado de natureza lexical por eles expressas, não se fundindo com outras categorias. O sistema de classe de nome (gênero), por sua vez, por constituir um sistema fechado, codifica informações gramaticais restritas (oposição entre masculino e feminino); todavia, em função dos padrões de concordância da língua, tais informações podem ser marcadas em outros constituintes do sintagma ou da sentença, ultrapassando, assim, os limites da palavra. Finalmente, as informações gramaticais de gênero podem fundir-se com a categoria de caso, quando marcadas no verbo.

Portanto, embora termos de classe e classes de nome (gênero) possam ser marcados no nome, a natureza lexical do primeiro e a natureza gramatical do segundo os diferencia.

#### 4 Considerações finais

A análise dos dados do Wapixana aqui empreendida sugere que essa língua exibe, em seu sistema de classificação nominal, termos de classe, classificadores e classes de nomes (gênero). Os termos de classe restringem-se a uma parte dos nomes inalienáveis que exibem uma função classificatória especial, sendo empregados recorrentemente na geração do léxico dessa língua e atuando como segundo constituinte de compostos nos quais contribuem com um significado geral que é especificado pelo primeiro constituinte. Tais termos de classe constituem-se de formas presas. Os classificadores, por sua vez, embora compartilhem com os termos de classe a origem lexical e a função de classificação semântica, destes diferem por ocorrerem em específicas construções morfossintáticas e por poderem assumir formas presas ou livres. Os dados analisados revelam que o Wapixana apresenta três dos principais tipos de classificadores estabelecidos: o classificador numeral, o classificador genitivo ou de posse e o classificador verbal. Finalmente, o sistema de classes de nome (gênero) restringe-se nessa língua à oposição entre masculino e feminino que é marcada por dois pares de afixos opositivos distintos, conforme seja o nome alienável ou inalienável. O que o sistema de classes de nome (gênero) tem em comum com os termos de classe é o fato de ambos poderem ser marcados no nome, no entanto diferem em função da natureza lexical destes, cujo escopo é o limite da palavra; enquanto aquele, embora constituindo um sistema necessariamente gramatical e, assim, operando com informações restritas, tem suas informações marcadas em outros constituintes do sintagma e da sentença em função do padrão de concordância da língua e podendo, além disso, ter suas informações gramaticais fundidas com as informações da categoria de caso em um mesmo afixo.

#### REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. Y. The Arawak language family. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 65-106.

\_\_\_\_\_. *Classifiers: a typology of noun categorization devices*. Oxford/New York. Oxford University Press, 2000.

ALLAN, Keith. Classifiers. *Language*, v. 53, p. 285-311, 1977.

DELANCEY, Scott. Toward a history of Tai classifier systems. In: CRAI, C. *Noun classes and categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1986. p. 437-452.

DIXON, R. M. W. Noun classes and noun classification in typological perspective. In: CRAI, C. *Noun classes and categorization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins. 1986. p. 105-112.

FACUNDES, S. da Silva. Productive compounding and noun classification systems: a case study in Apurinã (Arawak). *ReVEL*, Special edition n.3, 2009. Disponível em: <[www.revel.inf.br/eng](http://www.revel.inf.br/eng)>. Acesso em: 18/03/2013.

FARABEE, W. C. *The Central Arawaks*. The University Museum Anthropological Publications, v. 9. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1918.

FARAGE, Nádia. As flores da fala: práticas retóricas entre os Wapishana. Tese [Doutorado] - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, USP, São Paulo, 1997.

GRINEVALD, Colette. A morphosyntactic typology of classifiers. In: SENFT, G. *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge University Press. 2000. p. 50-92.

PAYNE, David L. A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In: DERBYSHIREK, D. C.; PULLUM, G. K. Pullum (Orgs.). *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: New York. Mouton: De Gruyter. 1991, p.355-499. v. 3.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola. 1986.

SANTOS, M. G. Uma gramática do Wapixana (Aruák): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe. Tese (Doutorado)-Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2006.

# Mudança sintática em andamento: o caso dos “classificadores genitivos” em línguas caribes

*Ongoing syntactic change:  
the case of genitive classifiers in Cariban languages*

Sérgio MEIRA\*

Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG)

**RESUMO:** Este artigo examina as construções com classificadores genitivos discutidas para duas línguas caribes, o Apalaí e o Panare. Com base em dados de uma terceira língua caribe, o Tiriyo, confirma-se a análise proposta para o Apalaí, baseada em construções apositivas, oposta à situação em Panare, que apresenta características distintas, mais compatíveis com a análise de classificadores genitivos. Propõe-se uma hipótese diacrônica, em que a situação do Panare é vista como inovativa, tendo-se desenvolvido a partir de construções apositivas como as encontradas em Tiriyo e Apalaí. Em conclusão, apresentam-se algumas observações sobre estas construções nessas três línguas, bem como sobre o conceito de “classificadores genitivos,” sua definição gramatical e tipológica e suas origens históricas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Línguas caribes. Construções possessivas. Classificadores genitivos. Sintaxe diacrônica.

**ABSTRACT:** This article examines constructions involving genitive classifiers as discussed for two Cariban languages, Apalai and Panare. With data from a third Cariban language, Tiriyo, the analysis proposed for Apalai, based on appositional constructions, is confirmed, as opposed to Panare, in which the corresponding construction presents quite distinct features, more compatible with a genitive classifier analysis. A diachronic hypothesis is proposed whereby the Panare situation is seen as innovative, resulting from the evolution of appositive constructions such as those found in Tiriyo and Apalai. In the conclusion, some remarks are made about similar constructions in these three languages, as well as about the concept of “genitive classifiers,” their grammatical and typological definition and their historical origins.

**KEYWORDS:** Cariban languages. Possessive constructions. Genitive classifiers. Diachronic syntax.

## Introdução

As línguas caribes formam uma família com cerca de 20 a 40 línguas (número que varia de acordo com critérios como a inclusão de línguas mortas ou apenas mencionadas na literatura, bem como com opiniões diferentes sobre quais variedades são dialetos ou línguas independentes; veja-se MEIRA, 2005; GILDEA, 2012), as quais se distribuem por todo o norte da América do Sul, da Guiana Francesa à Colômbia e da

---

\* Ph.D. em linguística, bolsista do CNPq (BJT no. 313823/2013-8), atualmente vinculado, como pesquisador visitante, à Área de Linguística da Coordenadoria de Ciências Humanas (CCH) do Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG). Contato: [asehpe@gmail.com](mailto:asehpe@gmail.com). Abreviações: 1, 2, 3 = primeira, segunda e terceira pessoa, CAUS = causativo, CAUSEE = ‘causee’, ENF = enfático, HIP = hipotético, IRR = *irrealis*, NZR = nominalizador, PAS = passado, POSS = (sufixo) possessivo, PRES = presente.

Venezuela ao Brasil central. A família possui várias características de interesse tipológico, entre as quais a redução silábica (GILDEA, 1995; MATTÉI-MULLER, 1981 sobre Panare; MEIRA, 1999b sobre Tiriyó), o acento rítmico jâmbico (WETZELS e MEIRA, 2010, MEIRA, 1998 sobre Tiriyó; HAYES, 1995 sobre Hixkaryana), sistemas regulares de alternância vocálica ou *ablaut* (MEIRA, GILDEA e HOFF, 2010), a aparente ausência de uma classe de adjetivos (DERBYSHIRE, 1985 sobre Hixkaryana; MEIRA e GILDEA, 2009; GILDEA, 2012 *contra* DIXON, 2006), a ocorrência da ordem básica OVS, bastante rara entre as línguas do mundo (DERBYSHIRE, 1985, 1987; MEIRA, 2005; GILDEA, 1997), a evolução de ergatividade a partir de nominalizações verbais (GILDEA, 1998), e a existência de sistemas ativo-estativos epifenomenais (MEIRA, 2000; GILDEA, 2012) e de um sistema de marcação de pessoa em verbos transitivos geralmente descrito como hierárquico (GILDEA, 1998, 2012).

Uma característica menos famosa, mas igualmente interessante, é a possível existência de classificadores genitivos em certas línguas da família, sugestão inicialmente proposta por Mattei-Muller (1974) para o Panare, retomada para a mesma língua por Carlson e Payne (1989; veja-se também PAYNE e PAYNE, 2013), e discutida para o Apalaí por Koehn (1994; veja-se também KOEHN e KOEHN, 1986).

Neste trabalho, empreenderemos uma comparação destas duas propostas para uma terceira língua caribe, o Tiriyó. Em seguida, observar-se-á até que ponto a comparação das duas propostas em Tiriyó pode ser levada para o Apalaí e o Panare, com base nos dados disponíveis destas duas línguas. Devido à ausência de dados específicos, não se pode propor uma conclusão definitiva; tentativamente, contudo, o Apalaí parece estar próximo ao Tiriyó (ambos com termos genéricos em oposição a termos mais específicos), enquanto que o Panare parece ter desenvolvido um sistema diferente, para o qual o termo “classificadores genitivos” talvez seja adequado. Na conclusão, exploraremos algumas das consequências da situação nestas línguas para o conceito de “classificador genitivo”.

## 1 Construções possessivas

Em línguas caribes, substantivos possuídos aparecem marcados por um sufixo de posse (derivados dos sufixos Proto-Caribe \*-ri, \*-ti, \*-ni ou, em alguns casos, \*-∅).

O possuidor é indicado seja por meio de um prefixo de pessoa (1a-b, 2a-b), seja através de um substantivo ou locução (sintagma) nominal independente; neste último caso, não ocorre prefixo no substantivo possuído (1c-d, 2c). Em algumas línguas, entre as quais o Panare, ocorre um prefixo de ligação *j-*, às vezes dito “relacional” (= REL), caso o segmento inicial do termo possuído seja uma vogal (2d).

(1) Posse nominal em Apalaí (KOEHN, 1994; KOEHN e KOEHN, 1986; notas de campo do autor)

- |   |  |
|---|--|
| <p>a.     (<i>kanawa</i>   ‘canoa’)<br/> <i>i-kana-ri</i>   ‘minha canoa’<br/> <i>a-kana-ri</i>   ‘tua canoa’<br/> <i>i-kana-ri</i>   ‘canoa dele/a’<br/> <i>ki-kana-ri</i> ‘nossa (incl.) canoa’<sup>1</sup></p> | <p>b.     (<i>enu</i>       ‘olho(s)’)<br/> <i>j-enu-ru</i>   ‘meu(s) olho(s)’<br/> <i>o-enu-ru</i>   ‘teu(s) olho(s)’<br/> <i>enu-ru</i>     ‘olho(s) dele/dela’<br/> <i>ku-enu-ru</i> ‘nosso(s) (incl.) olho(s)’</p> |
| <p>c.     <i>ruka kana-ri</i><br/>         Lucas canoa-POSS<br/>         ‘canoa de Lucas’</p>   | <p>d.     <i>ruka enu-ru</i><br/>         Lucas olho-POSS<br/>         ‘olho(s) de Lucas’</p>  |

(2) Posse nominal em Panare (MATTEI-MULLER, 1974, 1994, PAYNE e PAYNE, 2013)

- |  |  |
|--|--|
| <p>a.     (<i>mata</i>       ‘ombro’)<br/> <i>(jɛ́)-máta-n</i> ‘meu ombro’<sup>2</sup><br/> <i>a-matá-n</i>   ‘teu ombro’<br/> <i>jí-matá-n</i>   ‘ombro dele/a’</p> | <p>b.     (<i>ɛna</i>       ‘mão’)<br/> <i>j-éna-n</i>    ‘minha mão’<br/> <i>aj-ená-n</i>   ‘tua mão’<br/> <i>j-ɛná-n</i>    ‘mão dele/a’</p> |
|--|--|

<sup>1</sup> As pessoas do plural não têm prefixos específicos; usa-se um sufixo marcador de pluralização do possuidor (p.ex., em Apalaí, o sufixo *komo*, como em *ki-kana-ri-komo* ‘canoa(s) de nós todos’, *a-kana-ri-komo* ‘canoa(s) de vocês’, *i-kana-ri-komo* ‘canoa(s) deles/delas’. Há também um prefixo de posse reflexiva (correferencial com o sujeito da oração), em Apalaí *t(i)*: *tí-kana-ri* ‘canoa dele/a mesmo/a (do sujeito da oração)’, *tí-kara-ri-komo* ‘canoa(s) deles/delas mesmos/mesmas (= dos sujeitos da oração)’. Estes morfemas adicionais (e seus equivalentes em Panare), contudo, não são relevantes para a questão dos classificadores genitivos e não serão retomados no presente trabalho.

<sup>2</sup> O prefixo de primeira pessoa *jí-* é opcional. Caso ocorra, ele é acentuado; em sua ausência, o acento recai sobre a primeira sílaba da raiz. As duas formas de primeira pessoa possíveis são, consequentemente, *jɛ́-mata-n* ou *máta-n*. Note, além disso, a ausência de um prefixo de primeira pessoa inclusiva (comparável ao *k(i)-* Apalaí em 1a-b), uma característica específica do Panare. Note, também, que o prefixo “relacional” *j-* em (2d) não é o mesmo que o prefixo de terceira pessoa *j-*, uma vez que este, ao contrário daquele, não causa o deslocamento do acento para a sílaba inicial.

c. *toman máta-n*  
Tomás ombro-POSS  
'o ombro de Tomás'

d. *toman j-éna-n*  
Tomás REL-mão-POSS  
'a mão de Tomás'

Os sufixos de posse em línguas caribes definem classes morfológicas de raízes nominais possuíveis. Assim, em Apalaí, *kana(wa)* 'canoa' e *enu* 'olho' pertencem à classe *-ri* (o alomorfe *ru* em 1b provém de assimilação à vogal da raiz, a qual ocorre quando esta é *o* ou *u*), enquanto que *rato* 'faca' pertence à classe *ni* (*i-rato-ni* 'minha faca'), *epi* 'remédio' à classe *ti* (*j-epi-ti* 'meu remédio') e *oko* 'corpo' à classe  $\emptyset$  (*j-oko* 'meu corpo'). Não há grande correlação entre os traços semânticos como alienabilidade e as classes de posse: substantivos tipicamente alienáveis ou inalienáveis podem ocorrer em qualquer classe (note-se tanto 'canoa' quanto 'olho(s)' na classe *ri*), embora haja uma certa tendência para substantivos com referentes tipicamente alienáveis (itens da cultura material) ocorrerem na classe *-ni* (por exemplo, *rato* 'faca'; mas note-se também *kana(wa)* 'canoa' na classe *-ri*).

## 2 Construções com “termos genéricos” ou “classificadores genitivos”

Além dos substantivos tipicamente alienáveis diretamente possuíveis mencionados acima, há outros que, em circunstâncias normais, não são diretamente possuíveis, ou seja, não tomam prefixos de pessoa nem sufixos de posse. Neste grupo incluem-se, em geral, nomes de plantas e animais ('cachorro', 'capivara', 'buriti', 'banana' etc.), bem como alguns termos relativos ao mundo natural ('montanha', 'sol' etc.).<sup>3</sup> Pode-se, porém, expressar a posse destes termos através do uso de elementos intermediários que Mattei-Muller (1974), e posteriormente Carlson e Payne (1989), chamaram “classificadores genitivos” para o Panare, e Koehn (1994) “termos genéricos” para o Apalaí, como exemplificado em (3) e (4) abaixo.

<sup>3</sup> Diz-se aqui “em circunstâncias normais” por que, em certos casos menos frequentes, a posse direta parece tornar-se admissível. Isto ocorre, por exemplo, em casos de lexicalização: em Tiriyo, o termo *wei* 'sol' pode ser possuído com o significado de 'relógio' (*ji-wei* 'meu relógio'). Outro caso parece ser o de uso não específico: também em Tiriyo, o termo *a-tonoro-kon* 'o(s) pássaro(s) de vocês' (*tonoro* 'pássaro'), em geral inaceitável, foi aceito no sentido de “os pássaros (típicos) da terra de vocês”, em contraste com os pássaros de outras paragens (veja-se Meira 1999a). Este último caso necessita estudos mais aprofundados.

(3) Posse via “termos genéricos” em Apalaí (KOEHN e KOEHN, 1986; notas de campo do autor)

- a.     *a-napi-ri*         *paruru*  
      2-comida-POSS banana  
      ‘tua (comida) banana’
- b.     \**a-paruru-ru*

(4) Posse via “classificadores genitivos” em Panare (CARLSON e PAYNE, 1989; PAYNE e PAYNE, 2013)

- j-uku-n*         *wanə*  
1-bebida-POSS mel  
‘meu mel’  
(misturado com água, para beber)

Estas duas construções são, à primeira vista, idênticas, apesar de terem recebido designações diferentes dos autores que as descreveram. Antes de considerarmos as diferenças entre elas, contudo, cumpre realizar uma excursão em uma outra língua caribe, sobre a qual dispomos de maiores dados, e que nos permitirá observar melhor o âmbito de variação deste tipo de construções.

### 3 Construções possessivas e apositivas: o caso do Tiriyo

Em Tiriyo, encontramos a mesma construção possessiva já vista para o Apalaí e o Panare, com a diferença que o sufixo de posse está aparentemente sendo perdido: são poucos os contextos em que ele ocorre explicitamente,<sup>4</sup> razão pela qual ele é posto entre parênteses em (5) abaixo. Note, além disso, que o “prefixo relacional” *j-* não ocorre (compare-se 2d e 5d). De fato, em Tiriyo, ao contrário do Panare e do Apalaí, um possuidor representado por um sintagma nominal explícito co-ocorre com a forma de

<sup>4</sup> Basicamente, casos de ênfase (“esta é *minha faca*, não a sua, não toque nela!”), lamentos, em geral envolvendo vocativos (“oh, *meu filho*, *meu filho!*... por que isso foi acontecer com você!...”), ou, mais comumente, quando certos tipos de clíticos seguem a raiz possuída, como a posposição dativa =*ja* (com a qual o sufixo possessivo *ri* ocorre em sua forma plena: *ji-pawana* ‘meu amigo’, *ji-pawana-ri=ja* ‘para o meu amigo’) ou a partícula marcadora de plural ou associativo =*ton* (com a qual o sufixo possessivo ocorre em uma forma reduzida *h*: *ji-pawana* ‘meu amigo’, *ji-pawana-h=ton* ‘meus amigos’).

terceira pessoa da raiz possuída, parcada pelo prefixo *i-* ‘3’ quando esta começa por consoante (5c; compara-se 1c e 2c).<sup>5</sup>

(5) Posse nominal em Tiriyo (MEIRA, 1999; notas de campo do autor)

- |    |                       |                       |    |                   |   |
|----|-----------------------|-----------------------|----|-------------------|---|
| a. | <i>(pawana</i>        | ‘amigo’)              | b. | <i>(enu</i>       | ‘olho(s)’)                              |
|    | <i>ji-pawana(-ri)</i> | ‘meu amigo’           |    | <i>j-enu(-ru)</i> | ‘meu(s) olho(s)’                        |
|    | <i>ə-pawana(-ri)</i>  | ‘teu amigo’           |    | <i>ə-enu(-ru)</i> | ‘teu(s) olho(s)’                        |
|    | <i>i-pawana(-ri)</i>  | ‘amigo dele/a’        |    | <i>enu(-ru)</i>   | ‘olho(s) dele/dela’                     |
|    | <i>ki-pawana(-ri)</i> | ‘nosso (incl.) amigo’ |    | <i>k-ənu(-ru)</i> | ‘nosso(s) (incl.) olho(s)’ <sup>6</sup> |
- 
- |    |                    |                 |    |                      |            |
|----|--------------------|-----------------|----|----------------------|------------|
| c. | <i>pahko</i>       | <i>i-pawana</i> | d. | <i>pahko</i>         | <i>enu</i> |
|    | 1.pai              | 3-amigo         |    | 1.pai                | 3.eye      |
|    | ‘amigo de meu pai’ |                 |    | ‘olho(s) de meu pai’ |            |

Encontram-se também em Tiriyo construções que envolvem “termos genéricos” ou “classificadores genitivos”, semelhantes às mencionadas em (3) para o Apalaí e em (4) para o Panare. Como em Panare, observam-se também casos de contraste entre termos genéricos diferentes para um mesmo termo possuído, definidos segundo o tipo de relação entre o possuidor e o possuído (“animal doméstico” em 6c, onde se fala de um animal vivo, “caça” em 6d, onde se fala de um animal morto pelo falante, e “comida” em 6e, onde se fala de carne de macaco assada).

(6) Posse via “termos genéricos” em Tiriyo (MEIRA, 1999; notas de campo)

- |    |                         |                |    |  |             |
|----|-------------------------|----------------|----|--|-------------|
| a. | <i>ji-nnapĩ</i>         | <i>paaruru</i> | b. | <i>ji-joki</i>                               | <i>tuna</i> |
|    | 1-comida                | banana         |    | 1-bebida                                     | água        |
|    | ‘minha (comida) banana’ |                |    | ‘minha (bebida) água’, ‘minha água de beber’ |             |

<sup>5</sup> Esta é uma situação relativamente frequente nas línguas do mundo (‘João-casa-dele’ = ‘a casa de João’; veja-se o apanhado tipológico em Heine 1997), mas bastante incomum na família caribe, onde é encontrada apenas em Tiriyo e em Bakairi. Trata-se claramente de uma inovação: Gildea (1998) reconstrói a situação do Panare (2c-d, incluindo-se o “prefixo relacional”) para o Proto-Caribe.

<sup>6</sup> A mudança da vogal inicial da raiz, de *e* para *ə*, condicionada pelo prefixo de primeira pessoa inclusiva *k-*, é parte de um padrão de alternâncias vocálicas (*ablaut*) encontrado, em várias formas, na maioria das línguas da família (veja-se Meira, Gildea e Hoff 2010, onde o fenômeno é examinado em detalhe do ponto de vista diacrônico).

- c.    *j-eki        taripi*                                  d.    *ji-kaimo    taripi*  
       1-criação macaco                                  1-caça        macaco  
       ‘meu macaco (de estimação)’                  ‘meu macaco (o que eu matei)’
- e.    *j-oti         taripi*  
       1-comida macaco  
       ‘minha carne de macaco (para comer)’

Observe-se, contudo, que sequências de dois substantivos são frequentes em Tiriyo, tanto em contextos genitivos (7a-c) quanto não-genitivos (7d-e). Tais sequências são descritas em Meira (1999) como construções de natureza apositiva:

(7) Sequências de substantivos corefências em aposição em Tiriyo (notas de campo do autor):

- a.    *ji-pawana   tarano*      b.    *j-eemi    kawə-no*      c.    *ji-nmuku    Asehpë*  
       1-amigo    Tiriyo                  1-filha    alto-NZR                  1-filho     Asehpë  
       ‘meu amigo Tiriyo’                  ‘minha filha alta’                  ‘meu filho Asehpë’
- d.    *wari         tarano*                  e.    *wari        kawə-no*  
       mulher    Tiriyo                          mulher    alto-NZR  
       ‘(uma) mulher Tiriyo’                  ‘mulher alta’

Comparando-se os casos em (6) e (7), confronta-nos imediatamente a pergunta: trata-se do mesmo tipo de construção, ou haverá mais de um tipo? Qual é a estrutura sintática (sintagma nominal, aposição, etc.) dos exemplos acima? Para poder responder a estas perguntas, cumpre examinar os critérios com base nos quais se pode investigar a estrutura de construções em Tiriyo.

### 3.1 Sintagmas nominais em Tiriyo

Meira (1999) propõe que sintagmas nominais em Tiriyo podem compor-se apenas de:

- (i) um substantivo simples, possuído (8b) ou não (8a), seguido ou não por certos tipos de partículas (8c); ou
- (ii) um sintagma genitivo (possessivo), composto por um sintagma nominal possuidor e por um termo possuído, na forma de terceira pessoa (8d),<sup>7</sup> ambos opcionalmente seguidos por partículas de escopo nominal (8e).

Este tipo de sintagma não se restringe a casos prototípicos de posse, mas inclui também nominalizações verbais precedidas por seus argumentos (8f-g). Note-se, *en passant*, que relações de modificação entre substantivos, que em certas línguas são expressos pela mesma construção usada para casos de posse (compare-se, em português, *a faca de Pedro* e *a faca de pedra*), não são expressas em Tiriyo como sintgamas possessivos: em (8h), *maja* ‘faca’ e *təpu ri-hpə* ‘a feita de pedra’ não formam um sintagma (embora *təpu ri-hpə* ‘a feita de pedra’ seja, por sua vez, um sintagma, baseado em uma nominalização verbal).

(8) Sintagmas (notas de campo):

- |    |   |    |  |    |   |
|----|---|----|--|----|---|
| a. | <i>maja</i><br>faca<br>‘faca’   | b. | <i>ji-maja</i><br>1-faca<br>‘minha faca’   | c. | <i>ji-majaa=rə</i> <sup>8</sup><br>1-faca=ENF<br>‘minha faca mesmo’ |
| d. | <i>pahko i-maja</i><br>1.pai 3-faca<br>‘a faca do meu pai’                  | e. | <i>pahko i-majaa=rə</i><br>1.pai 3-faca=ENF<br>‘a faca do meu pai mesmo’                 |    |   |
| f. | <i>pahko i-jahpəntə-ne</i><br>1.pai 3-ajudar-AGT<br>‘o ajudante do meu pai’ | g. | <i>pahko i-jahpəntə-ne=rə</i><br>1.pai 3-ajudar-AGT=ENF<br>‘o ajudante do meu pai mesmo’ |    |   |

<sup>7</sup> Há também casos em que o termo possuído não aparece na terceira pessoa (e.g., *kan* ‘deus’ + *pakoro* ‘casa’ => *kan pakoro* ‘casa de deus’, ‘igreja’). Com relação às propriedades morfossintáticas listadas nesta seção, estes casos são idênticos aos em que o termo possuído aparece na terceira pessoa. Meira (1999) os considera resquícios do tipo anterior de sintagmas possessivos, sem o “prefixo relacional”, exemplificado em (2c-d) para o Panare.

<sup>8</sup> O prolongamento da vogal final da raiz *maja* ‘faca’ em (8c) é o reflexo normal, neste contexto, do sufixo (-ri) mencionado acima, ex. (5), nota 4.

- h. *maja, təpu ri-hpə*  
 faca pedra fazer-NZR.PAS  
 ‘faca de pedra’ (lit. ‘faca, a feita de pedra’)

Os argumentos usados em Meira (1999) para demonstrar que os exemplos (10a-g) acima, sobretudo os compostos por mais de uma palavra, constituem sintagmas são os seguintes:

(i) *Restrições de ordenamento*. Alterações na ordem linear dos componentes de um sintagma são, em geral, impossíveis (9a-b), ou implicam consequências semânticas de peso (9c-d; note que é um sintagma, enquanto que 9d é uma oração), o que não é o caso entre elementos (sintagmas) independentes, onde mudanças semânticas, caso ocorram, não são obrigatórias (9e-f; a interpretação ‘mulher alta’ é preferida, mas não obrigatória, em 9e, enquanto que ‘a mulher é alta’ é preferida, mas não obrigatória, em 9f; note-se que, nos exemplos, a primeira tradução dada é sempre a preferida):

(9) Efeitos da mudança de ordem no significado de um sintagma (MEIRA, 1999, notas de campo)

- |  |  |
|--|--|
| <p>a. <i>pahko i-maja</i><br/>         1.pai 3-faca<br/>         ‘a faca do meu pai’</p>                 | <p>b. <i>*i-maja pahko</i><br/>         (3-faca 1.pai)<br/>         (?!meu pai é a faca dele)</p>        |
| <p>c. <i>pahko i-pawana</i><br/>         1.pai 3-amigo<br/>         ‘o amigo de meu pai’</p>             | <p>d. <i>i-pawana pahko</i><br/>         3-amigo 1.pai<br/>         ‘meu pai é amigo dele’</p>           |
| <p>e. <i>wəri kawə-no</i><br/>         mulher alto-NZR<br/>         ‘mulher alta’; ‘a mulher é alta’</p> | <p>f. <i>kawə-no wəri</i><br/>         alto-NZR mulher<br/>         ‘a mulher é alta’; ‘mulher alta’</p> |

(ii) *Entoação*. Em circunstâncias normais, não é possível fazer uma pausa entoacional (diferente de uma hesitação ou erro) entre os elementos de um sintagma sem, pelo menos, uma mudança semântica significativa (10a-b); entre sintagmas,

contudo, tais pausas podem ocorrer, em geral como parte de algum contorno entoacional específico (10c-d).

(10) Sintagmas com pausas (MEIRA, 1999, notas de campo)

- |   |  |
|---|--|
| <p>a.     <i>pahko i-pawana ni-tən</i><br/>               1.pai  3-amigo  3-ir.PAS<br/>               ‘o amigo do meu pai foi (embora)’</p> | <p>b.     <i>pahko, i-pawana ni-tən</i><br/>               1.pai    3-amigo  3-ir.PAS<br/>               ‘pai! o amigo dele foi (embora).’</p> |
| <p>c.     <i>wəri kawə-no ni-tən</i><br/>               mulher alto-NZR  3-ir.PAS<br/>               ‘a mulher alta foi (embora)’</p>       | <p>d.     <i>wəri, kawə-no ni-tən</i><br/>               mulher alto-NZR  3-ir.PAS<br/>               ‘a mulher alta foi (embora)’</p>         |

(iii) *Separabilidade*. Em geral, não se pode inserir elementos externos entre os componentes de um sintagma (11a-b): veja-se que, em (11b), o verbo *n-ee-jan*, núcleo do predicado oracional, não pode ser inserido entre *pahko* e *i-pawana*. Já entre termos que não compoem sintagma, a inserção de elementos externos (levando-se em conta possíveis restrições pragmáticas) é perfeitamente possível (11c-d).<sup>9</sup>

(11) Inserção de elementos externos em sintagmas (MEIRA, 1999, notas de campo)

- |   |  |
|---|--|
| <p>a.     <i>pahko i-pawana n-ee-jan</i><br/>               1.pai  3-amigo  3-vir-PRES<br/>               ‘o amigo do meu pai está vindo’</p> | <p>b.     *<i>pahko n-ee-jan i-pawana</i><br/>               (1.pai  3-vir-PRES 3-amigo)</p>   |
| <p>c.     <i>wəri kawə-no n-ee-jan</i><br/>               mulher alto-NZR  3-vir-PRES<br/>               ‘a mulher alta está vindo’</p>       | <p>d.     <i>wəri n-ee-jan kawə-no</i><br/>               mulher 3-vir-PRES alto-NZR<br/>               ‘a mulher alta está vindo’</p> |

(iv) *Partículas de segunda posição*. Em Tiriyo, como em muitas outras línguas, há partículas sempre posicionadas em seguida ao primeiro sintagma da oração, seja ele verbal, nominal ou adverbial. Um exemplo é a partícula *mo* ‘*irrealis*’, que marca, em

<sup>9</sup> Há partículas que podem ser inseridas entre os dois elementos de um sintagma, formando um constituinte de nível inferior ao sintagma com o primeiro elemento. Este constituinte, por não ser sintagma, é irrelevante para a questão aqui discutida, e não será tratado em detalhe (veja-se Meira 1999 para maiores informações).

conjunto com o sufixo verbal *i*, orações hipotéticas. Observe-se o paralelismo entre (12a-b), em que um sintagma adverbial posposicional ocupa a primeira posição, e (12c-d), em que um sintagma nominal inicia a oração:

(12) Sintagmas com as partículas de segunda posição *mo* (MEIRA, 1999, notas de campo)

- |    |                                  |    |                                   |
|----|----------------------------------|----|-----------------------------------|
| a. | <i>pahko akəəɾə=mo w-əpɪ-i</i>   | b. | <i>*pahko=mo akəəɾə w-əpɪ-i</i>   |
|    | 1.pai com=IRR 1-vir-HIP          |    | (1.pai=IRR com 1-vir-HIP)         |
|    | ‘eu viria com o meu pai’         |    |                                   |
| c. | <i>pahko i-pawana=mo w-eta-i</i> | d. | <i>*pahko=mo i-pawana w-eta-i</i> |
|    | 1.pai 3-amigo=IRR 1-ouvir-HIP    |    | (1.pai=IRR 3-amigo 1-ouvir-HIP)   |
|    | ‘eu ouviria o amigo do meu pai’  |    |                                   |

### 3.2 Aposição vs. classificadores genitivos

Voltando ao tema da possível identidade entre construções com classificadores genitivos e construções apositivas com termos genéricos, cumpre observar como estas duas construções se comportam com respeito aos quatro critérios mencionados na seção anterior. Nesta seção, comparar-se-ão os resultados para sequências semelhantes a *j-ekɪ tarɪpi* ‘meu macaco de estimação’ (6c, possível classificador genitivo), *ji-pawana tarəno* ‘meu amigo Tiriyó’ (7a, possível substantivo possuído em aposição) e *wəri kawə-no* ‘mulher alta’ (7e, substantivos não possuídos em aposição).

(i) *Restrições de ordenamento*. Para este critério, não há diferenças significativas entre as três construções: tanto no caso dos possíveis classificadores (13a-b) quanto no dos substantivos em aposição, possuídos (13c-d) ou não possuídos (13e-f), observamos que tanto os significados sintagmáticos (meu cachorro de estimação, meu amigo Tiriyó, mulher alta) quanto os oracionais (meu bicho de estimação é um cachorro, meu amigo é Tiriyó, a mulher é alta) são possíveis. A ordem altera a preferência: (13a) é muito mais frequentemente interpretado com tendo significado sintagmático (meu cachorro de estimação), enquanto que para (13b) a interpretação preferida é a oracional (meu bicho

de estimação é um cachorro). O significado não preferido, embora possível, é menos natural, e tende ser acompanhado por mudanças entoacionais (em geral, uma pausa entre os termos).<sup>10</sup> Estes resultados são claramente diferentes dos observados com sintagmas em (9).

(13) Efeitos da mudança de ordem (MEIRA, 1999, notas de campo)

- |   |  |
|---|--|
| <p>a.     <i>j-eki</i>        <i>kaikui</i><br/>               1-criação   cachorro<br/>               ‘meu cachorro (de estimação)’;<br/>               ‘meu bicho de estimação é um cachorro’</p> | <p>b.     <i>kaikui</i>   <i>j-eki</i><br/>               cachorro 1-criação<br/>               ‘meu bicho de estimação é um cachorro’;<br/>               ‘meu cachorro (de estimação)’</p> |
| <p>c.     <i>ji-pawana</i> <i>tarəno</i><br/>               1-amigo    Tiriyó<br/>               ‘meu amigo Tiriyó’; ‘meu amigo é Tiriyó’</p>   | <p>d.     <i>tarəno</i>    <i>ji-pawana</i><br/>               Tiriyó     1-amigo<br/>               ‘meu amigo é Tiriyó’; ‘meu amigo Tiriyó’</p>  |
| <p>e.     <i>wəri</i>       <i>kawə-no</i><br/>               mulher   alto-NZR<br/>               ‘mulher alta’; ‘a mulher é alta’</p>   | <p>f.     <i>kawə-no</i>   <i>wəri</i><br/>               alto-NZR   mulher<br/>               ‘a mulher é alta’; ‘mulher alta’</p>  |

(ii) *Entoação*. Com respeito a este critério, há grande semelhança entre possíveis classificadores (14a-b) e substantivos em aposição, possuídos (14c-d) ou não possuídos (14e-f): em todos os casos, a ocorrência de uma pausa não acarreta grandes consequências semânticas, ao contrário do que foi observado para sintagmas em (10). Note-se, contudo, que a frequência de pausas é muito maior no caso de substantivos em aposição: quando estes não são possuídos, a ocorrência de pausas é o caso normal (14f é muito mais frequente e natural do que 14e), e quando o primeiro termo é possuído, pausas podem ocorrer ou não com a mesma frequência (14c e 14d parecem igualmente frequentes). Já com os possíveis classificadores, a ocorrência de pausas é mais rara (14a é mais frequente e mais facilmente aceitável do que 14b).

<sup>10</sup> Note-se que estes resultados provêm de elicitación e discussão com falantes. Ainda não foram realizadas comparações entre essas construções em textos.

(14) Efeitos da inserção de pausas (MEIRA, 1999, notas de campo)

- |    |  |    |  |
|----|--|----|--|
| a. | <i>j-eki</i> <i>kaikui</i> <i>ni-tən</i><br>1-criação cachorro 3-ir.PAS<br>'meu cachorro foi (embora)'           | b. | <i>j-eki,</i> <i>kaikui</i> <i>ni-tən</i><br>1-criação cachorro 3-ir.PAS<br>'meu cachorro foi (embora).'           |
| c. | <i>ji-pawana</i> <i>tarəno</i> <i>ni-tən</i><br>1-amigo    Tiriyó    3-ir.PAS<br>'meu amigo Tiriyó foi (embora)' | d. | <i>ji-pawana,</i> <i>tarəno</i> <i>ni-tən</i><br>1-amigo    Tiriyó    3-ir.PAS<br>'meu amigo Tiriyó foi (embora).' |
| e. | <i>wəri</i> <i>kawə-no</i> <i>ni-tən</i><br>mulher alto-NZR 3-ir.PAS<br>'a mulher alta foi (embora)'             | f. | <i>wəri,</i> <i>kawə-no</i> <i>ni-tən</i><br>mulher alto-NZR<br>'a mulher alta foi (embora)'                       |

(iii) *Separabilidade*. Este critério tampouco diferencia possíveis classificadores (15a-b) de substantivos em aposição (15c-f): em todos os casos, os substantivos podem ser separados por um verbo sem grandes consequências semânticas.<sup>11</sup> Isto contrasta claramente com o que foi observado para sintagmas, onde a separação é impossível ou causa mudanças semânticas significativas (11).

(15) Efeitos da inserção de elementos externos (MEIRA, 1999, notas de campo)

- |    |  |    |  |
|----|--|----|--|
| a. | <i>j-eki</i> <i>kaikui</i> <i>n-ee-jan</i><br>1-criação cachorro 3-vir-PRES<br>'o meu cachorro está vindo'         | b. | <i>j-eki</i> <i>n-ee-jan</i> <i>kaikui</i><br>1-criação 3-vir-PRES cachorro<br>'o meu cachorro está vindo'         |
| c. | <i>ji-pawana</i> <i>tarəno</i> <i>n-ee-jan</i><br>1-amigo    Tiriyó    3-vir-PRES<br>'meu amigo Tiriyó está vindo' | d. | <i>ji-pawana</i> <i>n-ee-jan</i> <i>tarəno</i><br>1-amigo    3-vir-PRES    Tiriyó<br>'meu amigo Tiriyó está vindo' |

<sup>11</sup> Talvez haja diferenças pragmáticas ou textuais, relacionadas, por exemplo, ao nível de topicalidade ou à coerência textual, associadas com ordens diferentes. Estas possibilidades ainda não foram objeto de pesquisa.

- e. *wəri kawə-no n-ee-jan*      f. *wəri n-ee-jan kawə-no*  
mulher alto-NZR 3-vir-PRES      mulher 3-vir-PRES alto-NZR  
‘a mulher alta está vindo’      ‘a mulher alta está vindo’

(iv) *Partículas de segunda posição*. Com respeito a este critério, observa-se, novamente, uma clara diferença entre sintagmas (12), onde a partícula (neste caso, *mo* ‘*irrealis*’) não pode ocorrer entre os componentes, e os casos de classificadores (16a-c) e substantivos em aposição (16d-i), onde a ocorrência da partícula *mo* entre os componentes é fortemente preferida. De fato, a ocorrência de *mo* após os dois termos, tratando-os como um sintagma (16b, e, h), não é aceita por todos os falantes e é, em geral, considerada inferior a soluções que separam os dois elementos (16a, c, d, f, g, i). De fato, os falantes, em geral, preferem as soluções em que um dos termos ocorre no fim da oração, aparentemente como um adendo ou “*afterthought*”, com uma pausa após o verbo (16c, f, i), embora também aceitem as opções em que os dois termos ocorrem em posições adjacentes (16a, d, g).

(16) Inserção da partícula de segunda posição *mo* (MEIRA, 1999, notas de campo)

- a. *j-eki=mo kaikui w-arə-i*      b. ? *j-eki kaikui=mo w-arə-i*  
1-criação=IRR cachorro 1-levar-HIP      1-criação cachorro=IRR 1-levar-HIP  
‘eu levaria o meu cachorro’      ‘eu levaria o meu cachorro’
- c. *j-eki=mo w-arə-i kaikui*  
1-criação=IRR 1-levar-HIP cachorro  
‘eu levaria o meu cachorro’
- d. *ji-pawana=mo tarəno w-arə-i*      e. ? *ji-pawana tarəno=mo w-arə-i*  
1-amigo=IRR Tiriyó 1-levar-HIP      1-amigo Tiriyó=IRR 1-levar-HIP  
‘eu levaria o meu amigo Tiriyó’      ‘eu levaria o meu amigo Tiriyó’
- f. *ji-pawana=mo w-arə-i tarəno*  
1-criação=IRR 1-levar-HIP Tiriyó  
‘eu levaria o meu amigo Tiriyó’

- g. *wəri=mo kawə-no w-arə-i* h. ? *wəri kawə-no=mo w-arə-i*  
mulher=IRR alto-NZR 1-levar-HIP mulher alto-NZR=IRR 1-levar-HIP  
‘eu levaria a mulher alta’ ‘eu levaria a mulher alta’
- i. *wəri=mo w-arə-i kawə-no*  
1-criação=IRR 1-levar-HIP alto-NZR  
‘eu levaria a mulher alta’

Resumindo-se os resultados apresentados nos exemplos acima, construções com possíveis “classificadores genitivos” e construções com substantivos em aposição são semelhantes entre si, e ambas diferentes de sintagmas genuínos, com respeito a quatro critérios. Em sintagmas, os componentes não podem alterar sua ordem, não podem ser separados por pausas, não podem ser separados por outros termos, e são tratados como uma unidade por partículas de segunda posição. Em construções com “classificadores genitivos” e em construções com substantivos em aposição, uma vez que os termos podem mudar de ordem, podem ser (e em alguns casos geralmente são) separados por pausas, podem ser (e em alguns casos geralmente são) separados por outros termos (p.ex., verbos), e não são, em geral, tratados como uma unidade por partículas de segunda posição.

#### 4 De volta ao Panare e ao Apalaí

Para o Apalaí, Koehn (1994) sugere que os possíveis “classificadores genitivos” são, de fato, termos genéricos, usados em aposição para indicar a posse de termos específicos não possuíveis. O argumento apresentado por Koehn é basicamente o fato de que os termos genéricos ocorrem geralmente por si sós, sendo acompanhados por termos mais específicos apenas quando o contexto o torna necessário. Em geral, o termo genérico é introduzido como um adendo final à oração (17a), ou até mesmo em uma oração separada (17b), embora haja também casos de aposição direta (17c):

(17) Termos genéricos em Apalaí (KOEHN, 1994)

- a. *piu a j-oʔ t-uo-po-ko, kuto*  
rapaz CAUSEE 1-comida 3-matar-CAUS-IMPER sapo  
'mande o rapaz matar a minha comida, o sapo' (= 'mande matar o sapo para eu comer')
- b. *o-kiri-ri aro-ri se ase. oti? mate.*  
2-coisa-POS trazer-NZR desejoso 1.ser qual martelo  
'Eu quero trazer a sua coisa / o seu pertence.' 'Qual?' 'O martelo.'
- c. *sẽ a-napi-ri, paruru*  
este 2-comida-POS banana  
'esta é a sua banana (para você comer)'

Note-se que este argumento é compatível com o que se observa em Tiriyo com respeito as critérios (ii) e (iii) acima, ilustrados nos exemplos (14) e (15): em Apalaí, como em Tiriyo, parece ser não só possível, mas até muito frequente, separar, por meio de pausa, ou também de elementos externos, os possíveis classificadores (termos genéricos) dos termos específicos correspondentes. Supomos que isto não é verdade para sintagmas verdadeiros em Apalaí. Contudo, não sabemos, devido à falta de dados relevantes, se os critérios (i) e (iv) geram também em Apalaí resultados semelhantes aos do Tiriyo.

Já em Panare, Carlson e Payne (1989) e Payne e Payne (2013) propõem a existência de classificadores genitivos genuínos em Panare, vários dos quais cognatos com os termos genéricos descritos por Koehn para o Apalaí. A principal razão apresentada para essa análise é que a construção em questão, além de exemplos como (4) (repetido abaixo como 18a), onde o termo possuído e o classificador são distintos, apresenta também exemplos como (18b), em que o mesmo elemento desempenha ambos os papéis. Uma razão adicional é a ausência de pausas, praticamente obrigatória, entre o classificador e o termo possuído em exemplos como (18), ao contrário do Apalaí (17c) e do Tiriyo (14), onde pausas são possíveis e até frequentes.

(18) Posse “classificadores genitivos” em Panare (CARLSON e PAYNE, 1989, MATTEI-MULLER, 1994)

- |    |                |             |    |            |                        |              |
|----|----------------|-------------|----|------------|------------------------|--------------|
| a. | <i>j-uku-n</i> | <i>wanə</i> | b. | <i>ju</i>  | <i>wahto-n</i>         | <i>wahto</i> |
|    | 1-bebida-POSS  | mel         |    | 1          | fogo-POSS              | fogo         |
|    | ‘meu mel’      |             |    | ‘meu fogo’ | (lit. ‘meu fogo fogo’) |              |
- (misturado com água, para beber)

Nas fontes disponíveis de Panare e Apalaí (bem como para outras línguas caribes), não são dadas maiores informações sobre outras propriedades sintáticas as construções de posse com “termos genéricos” ou “classificadores genitivos”. Além do fato que os “termos genéricos” ou “classificadores genitivos” podem ser usados independentemente, sem um termo específico, documentado para as três línguas (Tiriyó *ekí*, Apalaí *ekí*, Panare *jikí* ‘animal de criação’ podem todos ser utilizados sozinhos, sem um nome de animal específico), nenhuma informação adicional sobre a estrutura sintática das construções com esses termos é fornecida.

## 5 Sintagmas emergentes?

Resumindo-se os dados e as análises descritas nas seções anteriores, observa-se que:

1. O Apalaí e o Tiriyó são semelhantes: ambos têm construções com termos genéricos às quais termos específicos podem ser apostos, mas (pelo menos no caso do Tiriyó) sem a coesão sintática mais forte encontrada em sintagmas possessivos.
2. O Panare, por sua vez, difere do Apalaí e do Tiriyó em dois pontos:
  - a) pausas entre os termos (genérico e específico) são significativamente mais raras;
  - b) o termo genérico e o específico podem ser o mesmo (repetição; 18b).

O problema principal com o resumo acima é o fato de que não há dados disponíveis para o Panare e o Apalaí (de fato, para nenhuma língua caribe, exceto o Tiriyó) sobre o nível exato de coesão sintática entre os termos genérico e específico. Em

outras palavras, os parâmetros (i)-(iv), mencionados acima na Seç. 3.1, não foram, até o presente, aplicados consistentemente aos dados de nenhuma língua caribe na literatura disponível, com exceção do Tiriyo. Esperar-se-ia que o Apalaí apresentasse os mesmos resultados que o Tiriyo, e que o Panare diferisse dos dois em pelo menos alguns dos parâmetros (i)-(iv); não se pode, porém, afirmar com certeza que esta seja, de fato, a situação real. Pesquisas mais aprofundadas sobre a sintaxe de constituintes em línguas caribes continuam sendo necessárias.

Levando-se, porém, em conta as diferenças listadas acima em 2. entre o Panare e as duas outras línguas, a sugestão de Koehn (1994) parece ser confirmada: o Panare parece ter uma categoria de “classificadores genitivos”, tipicamente ocupando a primeira posição em construções como a do exemplo (18a-b), a qual teria evoluído a partir da (sub)categoria de “termos genéricos” como os encontrados em Apalaí e Tiriyo (mas veja-se a conclusão no fim do artigo). Poder-se-ia também esperar que a construção original, basicamente apositiva, se tivesse transformado em algo diferente (talvez um sintagma nominal genitivo) em Panare; por enquanto, contudo, não há dados que permitam decidir se a estrutura do exemplo (18b) é realmente a de um sintagma nominal, ou de dois sintagmas em aposição, ou de algo diferente.<sup>12</sup>

### **Conclusão: classificadores genitivos e suas motivações histórico-semânticas**

Carlson e Payne (1989), em sua discussão introdutória sobre classificadores genitivos nas línguas do mundo, não dão muita ênfase ao *status* sintático das construções que descrevem. Interessam-lhes muito mais os aspectos semânticos: que significados são expressos por classificadores genitivos e que tipos de substantivos são possuídos através de classificadores genitivos (especialmente quando comparados com outros tipos de construções com classificadores), etc.

---

<sup>12</sup> Neste contexto, é interessante a sugestão de Meira (1999) sobre a possibilidade de que sequências de nomes em aposição em Tiriyo estejam evoluindo na direção de se tornarem sintagmas (elas seriam atualmente “sintagmas emergentes”), com base em certas características ainda não estabilizadas de tais sequências (por exemplo, elas podem ser seguidas por uma posposição que toma ambos os termos da sequência como objeto, aparentemente em variação livre com casos em que a posposição é repetida após cada termo: *kawə-no wəri ja* ‘para a mulher alta’ ~ *kawə-no ja, wəri ja* ‘para a mulher, para a alta’, com a posposição dativa *ja*). Construções apositivas com termos genéricos poderiam também ser “sintagmas emergentes” em Tiriyo. É interessante aqui observar que construções apositivas em que um dos termos é possuído (como em 13a-d) já parecem apresentar os começos de restrições de ordenamento, já que alterações na ordem tornam uma das duas interpretações possíveis mais provável do que a outra.

Cabe aqui perguntar se esta é uma boa ideia. Para outros tipos de classificadores nominais, características morfossintáticas (ocorrência em uma posição definida, p.ex. após o numeral, dentro do sintagma nominal; incorporação dentro da palavra verbal, ou em adjetivos e demonstrativos; utilização como elemento derivacional para formar novos substantivos; etc.) são fundamentais para a definição da categoria. Sugerimos aqui que este também seja o caso para classificadores genitivos: o seu *status* sintático (por exemplo, como parte de um sintagma nominal genitivo complexo que inclui também o termo específico) deve ser parte de sua definição.

Continua sendo verdade, contudo, que línguas como o Tiriyo são diferentes de línguas como o português: nesta última, pode-se dizer “meu cachorro” sem necessariamente incluir-se um termo como “de estimação”, enquanto que, em Tiriyo, isto não é, em geral, possível: “meu cachorro” precisa ser “meu cachorro de estimação” (*j-eki kaikui*).<sup>13</sup> Esta diferença merece ser levada em conta em tipologias de construções genitivas; mas parece-nos importante manter explícito o fato de que, no caso Tiriyo, temos uma construção nominal apositiva, e não uma construção com classificadores genitivos. Por conseguinte, não afirmamos aqui que o Panare, apesar de possuir “termos genéricos” com propriedades mais compatíveis com “classificadores genitivos” do que seus cognatos em Apalaí ou Tiriyo, tenha, realmente, classificadores genitivos, uma vez que a estrutura sintática dos exemplos em que estes ocorrem (18a-b) ainda não está clara.

Na conclusão do seu artigo, Carlson e Payne oferecem como resposta à pergunta “por que classificadores genitivos geralmente distinguem categorias semânticas funcionais, enquanto que outros tipos de classificadores são mais sensíveis à forma ou tamanho do objeto classificado?” a ideia de que a construção possessiva (genitiva) por si só expressa frequentemente relações funcionais; classificadores típicos desta construção teriam, conseqüentemente, uma tendência natural a exprimirem relações funcionais. Pode-se, contudo, imaginar o mesmo resultado a partir de uma hipótese que não faz referência a classificadores. Poder-se-ia sugerir, por exemplo, que bastaria a simples co-existência em uma mesma língua de (a) construções nominais

---

<sup>13</sup> Cumpre notar aqui que há contextos em que nomes de animais diretamente possuídos ocorrem em Tiriyo; especificamente, quando a relação entre o possuidor e o animal possuído não é nenhuma das relações prototípicas (animal de estimação, caça, comida). Por exemplo, no equivalente Tiriyo da oração “os pássaros da minha terra não são como os pássaros de vocês”, o termo *tonoro* ‘pássaro’ pode ser usado em forma diretamente possuída, *a-tonoro-h-ton* ‘os pássaros de vocês’. Tais exemplos, contudo, são muito raros, mesmo em elicitación.

apositivas (frequentíssimas, se não universais, nas línguas do mundo), (b) termos genéricos (também provavelmente universais; pense-se em termos como “animal”, “comida”, “ferramenta”, “objeto”, etc. em português) e (c) de uma grupo de substantivos gramaticalmente não possuíveis mas semanticamente plausivelmente possuíveis (p.ex., nomes de plantas e animais) para que possam surgir construções apositivas entre termos genéricos e termos específicos que poderiam, posteriormente, gramaticalizar-se, dando origem a construções com classificadores genitivos. O ponto crucial seria, neste caso, não tanto as características semânticas da construção genitiva quanto os tipos de nomes que podem ou não ser possuídos, e o grau de facilidade de pô-los em aposição.

## REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y. Classifiers. Oxford Studies. In: *Typology and Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- CARLSON, R.; PAYNE, D. Genitive classifiers. In *Proceedings of the Fourth Annual Pacific Linguistics Conference*, pp. 89–119. Eugene, OR: University of Oregon, 1989.
- DERBYSHIRE, D. C. *Hixkaryana and linguistic typology*. Dallas, TX: Summer Institute of Linguistics e University of Texas (Arlington), 1985.
- DERBYSHIRE, D. C. Areal characteristics of Amazonian languages. *International Journal of American Linguistics*, vol. 53, 1987, pp. 311–326.
- DERBYSHIRE, D. C. Carib. In *The Amazonian languages*, ed. por R. M. W. Dixon e A. Y. Aikhenvald, pp. 22–64. Cambridge Language Surveys. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- DIXON, R. M. W. Adjective classes in typological perspective. In *Adjective classes: a cross-linguistic typology*, ed. por R. M. W. Dixon e A. Y. Aikhenvald, pp. 71–113, 2006.
- GILDEA, S. A comparative description of syllable reduction in the Cariban language family. *International Journal of American Linguistics*, vol. 61, pp. 61–102, 1995.
- GILDEA, S. Introducing ergative word order via reanalysis: word order change in the Cariban family. In: *Essays on language function and language type*, ed. by J. Bybee, J. Haiman and S. Thompson, pp. 145–161. Amsterdam: John Benjamin, 1997.

- GILDEA, S. *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. Oxford Studies in Anthropological Linguistics, vol. 18. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- GILDEA, S. Linguistic studies in the Cariban family. In *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*, ed. por L. Campbell and V. Grondona, pp. 441–494. The World of Linguistics (ed. by H. H. Hock), vol. 2. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2012.
- HAYES, B. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1995.
- HEINE, B. *Possession: cognitive sources, forces, and grammaticalization*. Cambridge Studies in Linguistics, vol. 83. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- KOEHN, S. The use of generic terms in Apalai genitive constructions. *Revista latinoamericana de estudios etnolingüísticos*, vol. 8, 1994, pp. 39–48.
- KOEHN, E.; KOEHN, S. Apalai. In: *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 1, ed. por D. C. Derbyshire e G. K. Pullum, 1986, pp. 33–127.
- MATTEI-MULLER, M.-C. El sistema de posesión en la lengua panare. *Antropologica*, vol. 38, 1974, pp. 3–14.
- MATTEI-MULLER, M.-C. La reducción silábica en Panare. *Amerindia*, vol. 6, 1981, pp. 59–84.
- MATTEI-MULLER, M.-C. *Diccionario ilustrado panare-español, índice español-panare*. Caracas: Comisión Nacional Quinto Centenario, 1994.
- MEIRA, S. Rhythmic stress in Tiriyó (Cariban). *International Journal of American Linguistics*, vol. 64, 1998, pp. 352–378.
- MEIRA, S. *A grammar of Tiriyó*. Tese de doutorado (Ph.D.). Houston, TX: Departamento de Linguística, Rice University, 1999a.
- MEIRA, S. Syllable reduction and ghost syllables in Tiriyó. In: *XXV LACUS Forum*, ed. por S. J. J. Hwang e A. R. Lommel, pp. 125–131. Fullerton, CA: The Linguistic Association of Canada and the United States (LACUS), 1999b.
- MEIRA, S. The accidental intransitive split in the Cariban family. In: *Reconstructing grammar: comparative linguistics and grammaticalization theory*, pp. 201–230. Typological Studies in Language, vol. 43. Amsterdam: John Benjamins, 2000.
- MEIRA, S. Cariban languages. In: *Encyclopedia of Languages and Linguistics*, 2a. edição, ed. por K. Brown, pp. 199–204. Oxford: Elsevier, 2005.

- MEIRA, S.; GILDEA, S.; HOFF, B. J. On the origin of ablaut in the Cariban family. *International Journal of American Linguistics*, vol. 76 [Número Especial: *Historical Linguistics in South America*], 2010, pp. 474–515.
- MEIRA, S.; GILDEA, S. Property concepts in the Cariban family: adjectives, adverbs and/or nouns? In: *The linguistics of endangered languages: contributions to morphology and morphosyntax*, pp. 95–133. Utrecht: LOT Occasional Series, 2009.
- PAYNE, T. E.; PAYNE, D. L. *A typological grammar of Panare, a Cariban language of Venezuela*. Leiden, Boston: Brill, 2013.
- WETZELS, L.; MEIRA, S. A survey of South American stress systems. In: *A Survey of word accentual patterns in the languages of the world*, ed. por H. van der Hulst, R. Goedemans e E. van Zanten, pp. 313–380. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2010.

# Alternâncias causativas em Ikpeng (Karib)<sup>1</sup>

*Causative alternations in Ikpeng (Carib)*

Angela Fabiola Alves CHAGAS\*

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

**RESUMO:** Este artigo, que trata das alternâncias causativas da língua Ikpeng (Karib), está dividido em duas partes principais. Na primeira, apresentamos basicamente os tipos de alternâncias causativas possíveis de ocorrer na referida língua. Na segunda parte, trazemos uma proposta de análise para as alternâncias apresentadas. A partir dessa análise, mostramos que através da observação do comportamento dos verbos (transitivos e intransitivos) nas alternâncias causativas é possível identificar sua valência básica; e o sistema de marcação de caso semântico e morfológico da língua. Mostramos também que há distinção entre os processos de transitivização e causativização em Ikpeng, uma vez que há morfologia e estrutura semântica específicas para cada um dos casos.

**Palavras-Chave:** Verbo. Alternâncias. Causativização. Transitivização. Ikpeng.

**ABSTRACT:** This article, which deals with the causative alternations of the Ikpeng language (Carib), is divided into two main parts. At first, we, basically, present the possible causative alternations types to occur in that language. In the second part, we present a proposal of analysis for causative alternations presented. From this analysis, we show that by observing the behavior of verbs (transitive and intransitive ones) in the causative alternation is possible to identify the basic valence of Ikpeng verbs, the system of semantic and morphological case marking of this language. We also show that there is a distinction between the causative and transitive process, since there are morphology and semantic structure specific for each case.

**Key-words:** Verb. Alternation. Causativity. Transitivity. Ikpeng.

## Introdução

A língua Ikpeng pertence, juntamente com o Arara (do Pará) e o Bakairi, ao que Meira e Franchetto (2005) chamaram de subramo Pekodiano das línguas Karib setentrionais. O Ikpeng é falado pelo povo homônimo que consta com uma população de aproximadamente 500 pessoas que vivem em quatro aldeias (Moygu, Rawo, Arayo e Tupara) no estado do Mato Grosso, na região do Médio Xingu. Os dados que permitiram a realização deste trabalho são provenientes de quatro viagens a campo, realizadas à Aldeia Moygu, no período entre setembro de 2009 e outubro de 2012.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é uma adaptação do capítulo IV da Tese de Doutorado intitulada “*O Verbo Ikpeng: estudo morfossintático e semântico-lexical*” (CHAGAS, 2013).

\* Doutorado em Linguística; professora da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

E-mail: [angchagas@yahoo.com.br](mailto:angchagas@yahoo.com.br)

Este artigo traz uma proposta de sistematização das classes de alternância transitiva possíveis de ocorrer na língua Ikpeng. Para a investigação desses fatos, nos baseamos, principalmente, nos trabalhos de Levin & Hovav (1995) e Levin (1993), que diz que “o comportamento de um verbo, particularmente com relação à expressão e interpretação de seus argumentos, é em grande parte determinado pelo seu significado” (p. 1). Essa ideia sugere que o significado dos verbos serve para investigar aspectos linguisticamente relevantes sobre sua realização morfológica e seu comportamento sintático. Fato que comprovamos ao fim desta análise, quando observado que a cisão existente no sistema de caso da língua Ikpeng pode ser explicada quando se leva em consideração os aspectos semânticos dos verbos.

Em relação à valência, há em Ikpeng duas categorias de verbos: os transitivos e os intransitivos. Os verbos transitivos são aqueles que exigem a presença de dois argumentos: um em função de sujeito (A) e outro na função de objeto (P); enquanto que os verbos intransitivos exigem a presença de apenas um argumento (S).

Em Ikpeng, um verbo com dois argumentos pode ser naturalmente transitivo, ou transitivizado; da mesma forma que o verbo que expressa apenas um argumento pode ser inerentemente intransitivo, ou intransitivizado. Os processos de mudança de valência sempre envolvem afixação.

## **1 Alternâncias Transitivas**

Embora existam vários tipos de alternância verbal, neste trabalho, apresentaremos para a língua Ikpeng apenas aquelas que envolvem mudança de transitividade, importantes para a compreensão da estrutura argumental dos verbos. Os testes realizados para a verificação das alternâncias foram inspirados no trabalho de Levin (1993).

A autora apresenta três tipos de alternâncias transitivas: alternância media; alternância de origem/substância; e alternância causativa. Das três, a última é a que mais nos interessa aqui.

Aparentemente, todos os verbos Ikpeng participam de alternâncias causativas, independentemente de seu significado. Neste tipo de alternância, o papel semântico do sujeito intransitivo (S) é o mesmo do objeto transitivo (P). Esse padrão sugere que esses

verbos são semanticamente inacusativos em sua forma intransitiva, ou seja, aquilo que parece ser um sujeito no uso intransitivo é de fato um objeto subjacente.

Levin (1993) apresenta várias subclasses para esse tipo de alternância nos verbos em Inglês. Apresentamos abaixo as alternâncias causativas possíveis de se realizarem na língua Ikpeng.

### 1.1 Alternância Causativo/Incoativa

Segundo Levin (1993, p. 27), “esta alternância é também conhecida como anticausativa ou ergativa”. Os verbos que participam desse tipo de alternância são, geralmente, verbos que codificam uma semântica de mudança (de estado ou de posição).

Chierchia (2003) distingue dois tipos de causativização: direta e indireta. Segundo o autor, a primeira se realiza quando a forma básica do verbo é a transitiva e a intransitiva é derivada, ou seja, quando há diminuição de valência. A segunda ocorre quando a forma básica é a intransitiva e a transitiva é derivada, isto é, quando há aumento e valência. O autor considera que a diminuição de valência é um processo que envolve causativização porque em, sua concepção os verbos transitivos são inerentemente causativos, que podem ser anti-causativizados, quando intransitivizados. Por conta dessa definição, chamaremos neste trabalho de “causativização” e “anti-causativização”, o que o autor chama de “causativização indireta” e “causativização direta”, respectivamente. Vejamos abaixo alguns exemplos de causativização direta e indireta, que ocorrem na língua Ikpeng:

#### EXEMPLOS DE ANTI-CAUSATIVIZAÇÃO

(01) **Iari:** balançar

a) Variante Transitiva

Yiarĩli	awrat
Y-iari-li	awrat
1A/3P-balançar-PAS.IM <sup>2</sup>	rede
‘Eu balancei a rede’	

b) Variante Intransitiva

Otxarĩli	awrat
Ø-ot-iari-li	awrat
3Sa-INTR-balançar-PAS.IM	rede
‘A rede balançou’	

#### <sup>2</sup> LISTA DE ABREVIÇÕES

1	Primeira pessoa	N-PAS	Não-passado
2	Segunda pessoa	P	Argumento interno do verbo transitivo
3	Terceira pessoa	PAS.IM	Passado imediato
A	Argumento externo do verbo transitivo	POSP	Posposição
CAUS	Morfema causativizador	S	Argumento do verbo intransitivo
INTR	Morfema intransitivizador	TRANS	Morfema transitivizador
ITER	Morfema iterativo	V	Verbo

(02) **Atxikuringke:** girar (no próprio eixo)

a) Variante Transitiva

Yatkuringketkeli                   muy  
y-atkuringke-tke-li               muy  
1A/3P-girar-ITER-PAS.IM       canao  
'Eu girei a canoa'

b) Variante Intransitiva

Muy aratkuringkeli  
muy Ø-ot-atkuringke-li  
canao 3Sa-INTR-girar-PAS.IM  
'A canoa girou'

(03) **Apkote:** rachar

a) Variante Transitiva

Yapkoreli                           wayo  
y-apkote-li                       wayo  
1A/3P-rachar-PAS.IM           cuia  
'Eu rachei a cuia'

b) Variante Intransitiva

Arapkoreli                           wayo  
Ø-ot-apkote-li                   wayo  
3Sa-INTR-rachar-PAS.IM       cuia  
'A cuia rachou'

#### EXEMPLOS DE CAUSATIVIZAÇÃO

(04) **Ewiangte:** esfriar um pouco, amornar, refrescar

a) Variante Intransitiva

Ewiangteli                       wok  
Ø-ewiangte-li               wok  
3Sa-esfriar-PAS.IM       mingau  
'O mingau esfriou'

b) Variante Transitiva

Yewiangtenopli                   wok  
y-ewiangte-nop-li               wok  
1A/3P-esfriar-TRANS-PAS.IM   mingau  
'Eu esfriei o mingau'

(05) **Egĩngtare:** estreitar/afinar/secar

a: Variante Intransitiva

Egĩngtare-li                   igru  
Ø-egĩngtare-li               igru  
3Sa-estreitar-PAS.IM       rio  
'O rio estreitou'

b: Variante Transitiva

İwĩ egĩngtare-nop-li           igru  
ĩwĩ Ø-egĩngtare-nop-li       igru  
pedra 3A/3P-estreitar-TRANS-PAS.IM   rio  
'A pedra estreitou o rio'

(06) **Igune:** esquentar

a) Variante Intransitiva

Iguneli                           taktori  
Ø-igune-li                       taktori  
3Sa-esquentar-PAS.IM       panela  
'A panela esquentou'

b) Variante Transitiva

Atxi igunenopli                   taktori  
atxi Ø-igune-nop-li           taktori  
fogo 3A/3O-esquentar-TRANS-PAS.IM   panela  
'O fogo esquentou a panela'

## 1.2 Alternância de Ação Induzida

De acordo com Levin (1993, p. 31), a Alternância de Ação Induzida difere da Causativo/Incoativa porque o elemento codificado como [CAUSEE] é tipicamente uma entidade animada e com volição, que é induzida a agir através do [CAUSER], como em (09). Em algumas situações, é possível interpretar que, na variante transitiva, o [CAUSER] não apenas induz a ação do [CAUSEE], mas o acompanha nela (Ex. 07, 08, 10).

Essa alternância pode ser (ou não) acompanhada por um sintagma nominal oblíquo com o sentido direcional (Ex: 11)

EXEMPLOS DE ANTI-CAUSATIVIZAÇÃO

(07) **Engkororet**: atravessar (o rio)

a) Variante Transitiva

**Kingkororeli**

**ko-engkorore-li**

1A/2P-atravesar-PAS.IM

‘Eu fiz você atravessar (o rio)’

‘Eu atravessei você (pelo rio)’

b) Variante Intransitiva

**Korengkororeli**

**k-ot-engkorore-li**

1Sa-INTR-atravesar-PAS.IM

‘Eu atravessei (o rio)’

(08) **An**: ir (embora)

a) Variante Transitiva

**Kwanli**

**ko-an-li**

1A/2P-ir-PAS.IM

‘Eu fiz você ir (embora)’

‘Eu levei você’

b) Variante Intransitiva

**Karanli**

**k-ot-an-li**

1Sa-INTR-ir-PAS.IM

‘Eu fui (embora)’

EXEMPLOS DE CAUSATIVIZAÇÃO

(09) **Omom**: entrar

a) Variante Intransitiva

**Komomli**

**k-omom-li**

1Sa-entrar-PAS.IM

‘Eu entrei’

b) Variante Transitiva

**Kwomompoli**

**kw-omom-po-li**

1A/2P-entrar-CAUS-PAS.IM

‘Eu fiz/mandei você entrar’

(10) **Awm**: viajar

a) Variante Intransitiva

**Yawmli**

**y-awm-li**

**3Sp-viajar-PAS.IM**

‘Ele viajou’

b) Variante Transitiva

**Yawmepoli**

**y-awm-me-po-li**

**1A/3P-viajar-?-CAUS-PAS.IM**

‘Eu o fiz viajar’

‘Eu o levei para viajar’

(11) **Npare**: passar, atravessar

a) Variante Intransitiva

**Tuyay inpareli**

**tuyay i-npare-li**

**rato 3Sp-passar-PAS.IM**

‘O rato passou [pelo buraco]’

yaptaput

yaptaput

buraco

parako

parako

POSP[por.meio.de]

b) Variante Transitiva

**Yenpametpoli**

**Ye-npa-met-po-li**

**1A/3P-passar-?-CAUS-PAS.IM**

‘Eu fiz o rato passar [pelo buraco]’

tuyay yaptaput

tuyay yaptaput

rato buraco

parako

parako

POSP [por.meio.de]

### 1.3 Outros Exemplos de Alternâncias Causativas

Nesta seção, serão exemplificados os demais casos de alternâncias causativas que não se enquadram nas duas anteriores, o que não significa que esses verbos não tenham algo em comum. Tais verbos são em sua maioria intransitivos básicos, que codificam ações internamente controladas, que podem ser, eventualmente, externamente controladas, isto é, causadas, dando origem à variante transitiva desses verbos (LEVIN, 1993, p. 32).

(12) **Aginum**: chorar

a) Variante Intransitiva

Gaginumli

g-aginum-li

1Sp-chorar-PAS.IM

‘Eu chorei’

b) Variante Transitiva

Kwaginumpoli

ko-aginum-po-li

1A/2P-chorar-CAUS-PAS.IM

‘Eu fiz você chorar’

(13) **Kĩnte**: morrer (vegetais)

a) Variante Intransitiva

Ikĩnteli

yay

i-kĩnte-li

yay

3Sp-morrer-PAS.IM

árvore

‘A árvore morreu’

b) Variante Transitiva

Yekĩntenopli

yay

Ye-kĩnte-nop-li

yay

1A/3P-morrer-TRANS-PAS.IM

árvore

‘Eu fiz/deixei a árvore morrer’

(14) **Txikte**: urinar

a) Variante Intransitiva

İtxiktetkeli

ĩ-txikte-tke-li

1Sp-urinar-ITER-PAS.IM

‘Eu urinei’

b) Variante Transitiva

Megu itxiktenopot

megu ĩ-txikte-nop-po-t

melancia 3A/1P-urinar-TRANS-CAUS-N.PAS

‘Melancia me faz urinar’

## 2 Análise da Causatividade em Ikpeng

O objetivo desta seção é classificar os verbos Ikpeng, a partir do comportamento sintático-semântico de seus argumentos nas alternâncias transitivas apresentadas na seção anterior.

### 2.1 Valência Básica

De acordo com Nedjalkov (1969 *apud* LEVIN; HOVAV 1995), que comparou a alternância transitiva/causativa em sessenta idiomas, um grande número de línguas

tende a marcar essa distinção causativa morfológicamente e se esse for o caso, essa morfologia possui a função de indicar a realização ou não da [Causa Externa] do verbo.

Como pode ser verificado, Ikpeng é uma das línguas nas quais as alternâncias transitivas são marcadas morfológicamente, o que torna visível a identificação da valência básica de cada verbo, que será sempre a da forma menos marcada morfológicamente. Dessa maneira, podemos esquematizar a estrutura frasal dos verbos Ikpeng, quanto a sua valência/causativização da seguinte maneira:

Verbo Intransitivo:	V	S		
Verbo Intransitivizado:	INTR-V	S		
Verbo Transitivo:	V	A	P	
Verbo Transitivizado:	V-CAUS	A	P	

Os verbos intransitivos [V S] podem ser transitivizados, assumindo a estrutura [V-CAUS A P]; e os verbos transitivos [V A P] podem ser intransitivizados, sendo representados como [INTR-V S].

Os verbos transitivos têm sua valência diminuída através da prefixação do morfema {*ot-*}. Observe o exemplo abaixo:

(15.a) Forma Transitiva			(15.b) Forma Intransitivizada		
Angpi	ankeli	ga	Arankeli		ga
angpi	Ø-anke-li	ga	Ø-ot-anke-li		ga
criança	3A/3P-derramar-PAS.IM	água	3S-INTR-derramar-PAS.IM		água
	‘A criança derramou a água’		‘A água derramou’		

Já os verbos intransitivos aumentam sua valência por meio da sufixação do morfema {-*nop*}, conforme pode ser observado nos exemplos abaixo:

(16.a) Forma Intransitiva			(16.b) Forma Transitivada		
Egĩngtare-li		igru	İwĩ	egĩngtarenopli	igru
Ø-egĩngtare-li		igru	İwĩ	Ø-egĩngtare-nop-li	igru
3S-estrear-PAS.IM		rio	pedra	3A/3S-estrear-TRANS-PAS.IM	rio
		‘O rio estreitou’			‘A pedra estreitou o rio’

Além da transitivização, os verbos Ikpeng pode também passar por um processo de causativização, o que ocorre com o acréscimo do morfema sufixal {-*po*}. Discutiremos a distinção entre transitivização e causativização na seção 2.5:

(17.a) Forma Intransitiva

Gaginumli  
g-aginum-li  
1Sp-chorar-PAS.IM  
'Eu chorei'

(17.b) Forma Causativizada

Kwaginumpoli  
ko-aginum-po-li  
1A/2P-chorar-CAUS-PAS.IM  
'Eu fiz você chorar'

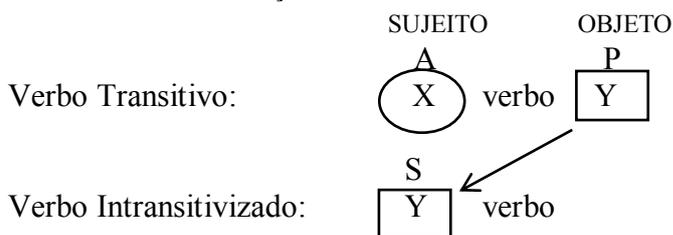
2.2 Alinhamento Semântico

Como dito anteriormente, todos os verbos Ikpeng participam de alternâncias causativas, seja pelo aumento ou pela diminuição de sua valência. A principal característica dessas alternâncias é que nelas o sujeito intransitivo (S) torna-se o objeto (P) da variante transitiva, ou o contrário: o objeto transitivo (P) é promovido a sujeito (S) na versão intransitivizada. Esquematisando o que foi dito teríamos o seguinte: S = P ou P = S.

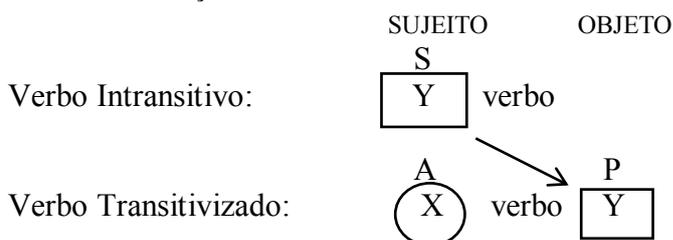
Para autores como Burzio (1986) e Rosen (1981), as alternâncias causativas podem ser usadas como diagnóstico para verificar a inacusatividade/ineratividade dos verbos intransitivos, com base no compartilhamento de seus papéis semânticos com os argumentos dos verbos transitivos. Em outras palavras, se o argumento dos verbos monoargumentais compartilha o mesmo papel semântico que o sujeito transitivo, este é inergativo; do contrário, se compartilha o mesmo papel semântico que o objeto da variante transitiva, ele será inacusativo.

Assim, observando o comportamento sintático e o compartilhamento de papéis semânticos dos argumentos verbais nesta língua, pode-se concluir que o Ikpeng apresenta um alinhamento que obedece ao padrão Ergativo-Absolutivo, uma vez que todo argumento de verbo intransitivo torna-se o objeto da variante transitiva e o objeto do verbo transitivo torna-se o sujeito intransitivo. O esquema abaixo ilustra o deslocamento dos argumentos dos verbos transitivos e intransitivos:

ANTI-CAUSATIVIZAÇÃO:



### CAUSATIVIZAÇÃO:



Como mostram os esquemas acima, tanto na transitivização, quanto na intransitivização há identidade entre o argumento S e o argumento P (o que torna S semanticamente inacusativo); enquanto que o argumento A, fica de fora dessa relação em ambos os casos, ou seja, é semanticamente ergativo. Isso nos permite dizer que a causativização e a intransitivização introduzem um alinhamento semântico do tipo Ergativo-Absolutivo na língua Ikpeng.

Apesar disso, morfologicamente, a língua apresenta um padrão de marcação cindido, ou seja, há verbos intransitivos que carregam afixos pronominais da Série II, inacusativa, marcando S como P ( $S_P$ ), o que está de acordo com o alinhamento semântico; e verbos intransitivos que carregam afixos pronominais da Série I, inergativa, marcando S como A ( $S_A$ ). Dessa forma, resta-nos responder por que verbos que são semanticamente inacusativos carregam afixos pessoais inergativos.

### 2.3 Marcação Inergativa nos Verbos Intransitivos

De acordo com Meira (2000, p. 201), para a maioria das línguas Karib que receberam alguma descrição, um sistema verbal *Split-S* foi proposto. Para o autor, a semântica das duas classes de verbos intransitivos (inergativos e inacusativos) não parece se correlacionar com nenhum dos fatores que têm sido afirmados como relevantes na literatura.

A única correlação clara é aquela entre o  $S_A$  (ativa) e a intransitivização: ou seja, quase todos os verbos na classe  $S_A$  são formas intransitivizadas de verbos transitivos, tanto sincrônica (com origens transitivas ainda existentes), quanto diacronicamente (com origens reconstruíveis, mas não mais existentes).

A flexão morfológica associada à classe verbal  $S_A$  parece estar historicamente conectada à morfologia reflexiva, de uma forma que ainda não está completamente clara.

As anomalias semânticas da classe S<sub>A</sub> tornam-se mais compreensíveis se vistas como o resultado da evolução da semântica reflexiva original em novas áreas (ex. voz média, passiva, antipassiva, etc.) que são bem atestadas fora da família Karib, por exemplo, o reflexivo em línguas românicas e eslavas.

Isso leva o autor à conclusão de que o moderno padrão de concordância verbal *split-S* das línguas Karib é totalmente epifenomenal, ou seja, derivado. O que quer dizer que ele é uma consequência casual do desenvolvimento histórico da morfologia “intransitivizadora” na família.

Esta afirmação está de acordo com a maior parte dos verbos intransitivos da língua Ikpeng, pois a maioria dos intransitivos que carregam os afixos pessoais da Série I são formas intransitivizadas, por isso, foram, neste trabalho, considerados como verbos tipicamente transitivos, todas as vezes em que foi encontrada a sua contraparte causativa sem nenhuma morfologia de aumento de valência. Esses casos são considerados intransitivizações sincrônicas.

Há também um número menor de formas que carregam os afixos pessoais da Série I, para os quais não se encontrou nenhuma variante transitiva básica, porém, apresentam também o morfema intransitivizador agregado a sua raiz. Esses casos são considerados intransitivizações diacrônicas. Pachêco (2001) afirma que nesses casos, o prefixo intransitivo {*ot-*} perdeu sua função original e é atualmente interpretando como sendo parte da raiz verbal. Isso parece ser verdade, uma vez que para causativizar tais verbos é necessário o uso dos afixos responsáveis pelo aumento de valência na língua.

Nesses casos, os verbos foram considerados por nós como intransitivos, porém, derivados historicamente de outros verbos transitivos não mais existentes na língua. Esse é o motivo para tais verbos carregarem os prefixos pessoais da Série I. Abaixo exemplificamos alguns desses verbos:

- |  |  |
|--|--|
| <p>(18) Variante Intransitiva<br/>Aramireli<br/>Ø-[ot-amire]-li<br/>3Sa-fumar-PAS.IM<br/>'Ele fumou'</p>       | <p>(19) Variante Transitiva/Causativa<br/>Yaramirenopli<br/>Y-otamire-nop-li<br/>1A/3P-fumar-CAUS-PAS.IM<br/>'Eu fiz/mandei ele fumar'</p> |
| <p>(20) Variante Intransitiva<br/>Korenankeli<br/>k-[ot-enanke]-li<br/>1Sa-vomitar-PAS.IM<br/>'Eu vomitei'</p> | <p>(21) Variante Transitiva/Causativa<br/>Korenankepoli<br/>ko-otenanke-po-li<br/>1A/2P-vomitar-CAUS-PAS.IM<br/>'Eu fiz você vomitar'</p>  |

Como tem sido mostrado até aqui, a maioria dos verbos intransitivos que carregam os afixos pessoais da Série I são ou sincrônica ou diacronicamente derivados de formas transitivas, fato recorrente em outras línguas da família Karib.

No entanto, o que nos chama a atenção são os verbos que carregam os afixos da Série I que aparentemente não são derivados de transitivos nem sincrônica, nem diacronicamente. Em nosso *corpus*, um terço dos intransitivos se enquadra nesse perfil, não podendo ser ignorados. Reproduzimos abaixo a título de ilustração alguns desses verbos com seus respectivos significados:

(22) Exemplos de Verbos Intransitivos não-derivados que carregam a Série I

- a) *aluku* ‘desaparecer’
- b) *ewiante* ‘esfriar’
- c) *akapakte* ‘amarelar’
- d) *eputxikte* ‘engrossar’
- e) *emri* ‘amadurecer’
- f) *egwam* ‘afundar’

Para entender o porquê desses verbos carregarem a série de prefixos inergativos, lançamos mão do conceito de verbos interna e externamente causados, apresentado por Levin & Hovav (1995), que será discutido na seção abaixo.

#### ***2.4 Causativização Interna versus Causação Externa***

O objetivo de Levin & Hovav (1995) é caracterizar semanticamente verbos como *break* (quebrar) e *open*<sup>3</sup> (abrir), que frequentemente participam de alternâncias causativas, em oposição a verbos como *laugh* (rir) e *speak* (falar), que raramente participam desse tipo de alternâncias.

Para explicar a razão disso, as autoras tomam como ponto de partida as ideias de Smith (1970) que caracteriza a distinção entre os verbos intransitivos que podem ou não ter usos transitivos a partir da noção de CONTROLE.

Segundo Smith (1970), verbos como *break* e *open* descrevem eventos que estão sob o controle de alguma causa externa. Tais verbos possuem versões transitivas quando

---

<sup>3</sup> Depois de longa discussão sobre as alternâncias causativas dos verbos em inglês, Levin & Hovav (1995) concluem que os verbos *break* e *open* são intransitivos nessa língua, podendo ter uma realização transitiva, quando causativizados. É dessa forma que devem ser compreendidos neste trabalho.

essa causa externa é realizada como sujeito. Verbos como *laugh* e *speak* não possuem essa propriedade, ou seja, os eventos que cada um descreve não podem ser externamente controlados, eles são controlados apenas pelas pessoas envolvidas no evento. Levin & Hovav (1995) derivam dessa ideia para outra sutilmente diferente, que é a noção de evento INTERNA e EXTERNAMENTE CAUSADO.

Nos verbos intransitivos internamente causados, alguma propriedade inerente ao seu argumento é a total responsável pela realização do evento. As autoras dizem que a maioria dos verbos internamente causados codifica eventos cuja realização não depende da vontade do sujeito, não podendo ser controlados por ele. Por isso, consideram que a noção de controle proposta por Smith (1970) não é satisfatória. Esses verbos podem ter sujeitos animados (O peixe nada) ou inanimados (O fogo queima), agentivos (Eu pulei) ou não agentivos (Eu adoeci). Isso mostra que as noções de animacidade e agentividade não são o que distinguem os verbos interna e externamente causados. O fundamental é que a realização dos eventos descritos por esses verbos são resultado de características próprias de seus argumentos.

Diferente destes são os verbos externamente causados, pois sua natureza sugere a existência de uma CAUSA EXTERNA [CAUSER] que é responsável pelo desencadeamento do evento codificado pelo verbo. Essa causa externa pode ser um agente, um instrumento, uma força natural, ou uma circunstância. Tomemos como exemplo o verbo *break* (quebrar) na concepção de Levin & Hovav (1995), como basicamente intransitivo. Alguma coisa quebra por causa da existência de uma causa externa, não apenas por causa de suas características inerentes. Ou seja, embora seja indispensável que para quebrar, a entidade deve possuir certas características específicas que a tornem “quebrável”, é difícil pensar que alguma coisa se quebre espontaneamente. Então, embora verbos externamente causados como *break* (quebrar), possam ser usados intransitivamente em sua forma básica, ou seja, sem a realização sintática da causa externa, esta é semanticamente inferível.

Outra distinção que pode ser apontada entre os verbos interna e externamente causados é que estes últimos normalmente codificam uma semântica de mudança de estado ou posição na entidade envolvida; enquanto que os primeiros codificam geralmente eventos relacionados ao corpo, que podem ser fisiológicos ou psicológicos.

Além disso, nos verbos internamente causados, o evento inicia e finda no [CAUSEE]; enquanto que nos verbos externamente causados, o evento inicia no [CAUSER] e se desloca para o [CAUSEE]. Partindo dessas oposições, Levin & Hovav (1995) apresentam as seguintes estruturas semânticas lexicais para os verbos interna e externamente causados, respectivamente em i. e ii.:

- i. [X PREDICATE]
- ii. [[X DO-SOMETHING] CAUSE [Y BECOME STATE]]

Os verbos internamente causados possuem uma estrutura semântica monádica, uma vez que projetam apenas um argumento. Já os externamente causados possuem uma estrutura diádica, pois projetam duas posições argumentais, tal como os verbos transitivos.

Assim, Levin & Hovav (1995) concluem que a possibilidade de mudança de valência de um verbo é um reflexo direto de suas propriedades semânticas lexicais, ou seja, do número de posições abertas na representação semântica lexical.

Mencionamos que CAUSA INTERNA e CAUSA EXTERNA, na concepção de Levin & Hovav (1995), são noções semânticas que podem ou não coincidir com as noções de argumento interno e externo.

Observando os dados da língua Ikpeng foi possível verificar que os verbos que carregam os prefixos pessoais da Série I são externamente causados; enquanto que os que carregam os prefixos da Série II são internamente causados. Exemplos podem ser vistos na tabela a baixo:

Tabela 01: Verbos Intransitivos

VERBOS INTRANSITIVOS SÉRIE I	VERBO INTRANSITIVOS SÉRIE II
1. <i>Inpome</i> ‘apagar’	1. <i>Mrere</i> ‘ficar grávida’
2. <i>Engru</i> ‘boiar’	2. <i>Etpang</i> ‘parir’
3. <i>Epiante</i> ‘esfriar’	3. <i>Eprum</i> ‘sorrir’
4. <i>Alukut</i> ‘desaparecer’	4. <i>Mtarum</i> ‘falar’
5. <i>Eputxikte</i> ‘engrossar’	5. <i>Ekiripang</i> ‘envelhecer’
6. <i>Epkuytum</i> ‘doer’	6. <i>Aginum</i> ‘chorar’
7. <i>Aginte</i> ‘adoecer’	7. <i>Ongyetom</i> ‘sonhar’
8. <i>Egwam</i> ‘afundar’	8. <i>Aramare</i> ‘crescer’
9. <i>Egıngtare</i> ‘estreitar, afinar’	9. <i>Awm</i> ‘voar, viajar’
10. <i>Elegutkure</i> ‘empalidecer’	10. <i>Irompo</i> ‘morrer’
11. <i>Enmep</i> ‘clarear’	11. <i>Mulukte</i> ‘tossir’
12. <i>Akapakte</i> ‘amarelar’	12. <i>Alum</i> ‘pular’

13. <i>Akpinte</i> ‘avermelhar’	13. <i>Txiktek</i> ‘urinar’
14. <i>Omom</i> ‘entrar’	14. <i>Engki</i> ‘dormir’
15. <i>Onku</i> ‘subir’	15. <i>Pkare</i> ‘peidar’
16. <i>Awrenump</i> ‘ventar’	16. <i>Ipkonum</i> ‘gemer’
17. <i>Ewrokti</i> ‘florescer’	17. <i>Atke</i> ‘defecar’
18. <i>Emri</i> ‘amadurecer’	18. <i>Kontxike</i> ‘sentir frio’
19. <i>Engmep</i> ‘amanhecer’	19. <i>Aramapkep</i> ‘sentir fome’
20. <i>Engoyare</i> ‘entardecer/anoitecer’	20. <i>Erunke</i> ‘sentir sono’

Como pode ser observado, os verbos inerentemente intransitivos em Ikpeng estão de acordo com o que preveem as autoras, pois os que carregam a Série I, são verbos que codificam em sua maioria mudança de estado (de 1 a 13) ou de posição (14 e 15), por isso, os classificaremos como externamente causados. Recebem também a marcação morfológica da Série I os verbos que codificam forças naturais.

Os verbos que carregam a Série II referem-se a eventos relacionados ao corpo, que independem da vontade/controlado do sujeito e, por esse motivo, consideraremos que são internamente causados, de acordo com a proposta das autoras.

A existência de verbos intransitivos externamente causados em Ikpeng pode ser o que justifica o uso da Série I de afixos pessoais. Pois, como dito anteriormente, tais verbos possuem uma estrutura semântica diádica, idêntica a dos verbos transitivos, que também são externamente causados e carregam os prefixos da Série I, quando estão em sua versão monoargumental (intransitivizada).

Nossa hipótese é que pelo fato de terem as mesmas propriedades semânticas (isto é, estrutura lexical diádica e sentido incoativo) que os verbos transitivos é que os intransitivos externamente causados estejam se comportando também morfológicamente da mesma maneira. Ou seja, eles selecionam os prefixos da Série I, por analogia ao que fazem os verbos transitivos quando estão na versão intransitiva, quando ficam com sentido incoativo.

Dito de outra maneira, embora se trate de verbos sintaticamente intransitivos, semanticamente possuem duas posições argumentais (tal como os transitivos) e quando preenchem apenas uma delas, selecionam a mesma série de afixos que os verbos transitivos quando estes também preenchem apenas uma posição argumental, ou seja, quando são intransitivizados.

Isto está de acordo com a proposta de Levin & Hovav (1995, p. 1) para quem o comportamento morfossintático dos verbos é em grande parte determinado pelo seu significado.

Dessa forma, podemos concluir que a cisão intransitiva em Ikpeng, que provavelmente, teve origens gramaticais (de acordo com o que propõem Meira (2000) para a família Karib), parece agora estar se realizando com base em critérios semânticos que levam em consideração a oposição entre eventos interna e externamente causados. As estruturas abaixo ilustram o que foi dito de forma esquemática:

(23) Verbo Transitivo

Yenli	uro	tarīwe
y-en-li	uro	tarīwe
1A/3P- torrar-PAS.IM	eu	beiju

‘Eu torrei o beiju’

(24) Representação Semântica Lexical:

[[X DO-SOMETHING]	CAUSE	[Y	BECOME	STATE]]
[[URO DO-SOMETHING]	CAUSE	[TARĪWE	BECOME	T-EN-TE]]
[[EU FIZ-ALGO]	CAUSA	[BEIJU	FICAR	TORRADO]]

(Eu fiz o beiju ficar torrado)

(25) Verbo Transitivo na versão monoargumental:

Orenli	tarīwe
Ø-ot-en-li	tarīwe
3Sa-INTR-torrar-PAS.IM	beiju

‘O beiju torrou’

(26) Representação Semântica Lexical:

[[X DO-SOMETHING]	CAUSE	[Y	BECOME	STATE]]
		[TARĪWE	BECOME	T-EN-TE]]
		[BEIJU	FICAR	TORRADO]]

(O beiju ficou torrado)

(27) Verbo Intransitivo Externamente Causado:

Egwamli	muy
Ø-egwami-li	muy
3Sa-afundar-PAS.IM	canoa

‘A canoa afundou’

(28) Representação semântica lexical:

[[X DO-SOMETHING]	CAUSE	[MUY	BECOME	STATE]]
		[CANOA	BECOME	T-ENGWAM-TE]]
		[CANOA	FICAR	AFUNDADA]]

(A canoa ficou afundada)

(29) Verbo Intransitivo Internamente Causado:

Ugwon imulukteli  
 ugwon i-mulukte-li  
 homem 3Sp-tossir-PAS.IM  
 ‘O homem tossiu’

(30) Representação semântica lexical:

[X PREDICATE]  
 [UGWON MULUKTE]  
 [HOMEM TOSSIR]  
 (O homem tossiu)

O que tentamos mostrar com as representações acima é que os verbos que possuem a mesma estrutura semântica lexical selecionam a mesma série de afixos pessoais e os verbos que possuem estrutura semântica lexical diferente carregam série afixal diferente. Ou seja, os verbos que possuem estrutura diádica (transitivos e intransitivos externamente causados) selecionam os afixos da Série I, enquanto que os verbos que possuem estrutura monádica selecionam os prefixos pessoais da Série II.

Em outras palavras, parece que só os prefixos pessoais da Série I podem indexar/concordar com o argumento (S) do verbo monoargumental (intransitivo ou intransitivizado) que ocupa a posição de Y na estrutura semântica diádica. Enquanto que apenas os prefixos da Série II podem concordar com o elemento que preenche a posição de X na estrutura semântica monádica.

Apresentamos abaixo a tabela de prefixos pessoais intransitivos da língua Ikpeng e em seguida alguns dos verbos apresentados na tabela 01, ocorrendo com os seus respectivos afixos:

Tabela 02: Prefixos Pessoais Intransitivos

VERBO INTRANSITIVO			
Série I (Função Sa)		Série II (Função Sp)	
C-Inicial	V-Inicial	C-Inicial	V-Inicial
ko-	k-	ĩ-	g-
me-	m-	o-	w-
kut-	kut-	wĩ-	ug(w)-
e-	Ø-	i-	y-

EXEMPLOS DE VERBOS EXTERNAMENTE CAUSADOS

PREFIXOS S<sub>A</sub>

(31.a) **Wiante**: ‘boiar’

Kowianteli

**ko**-wiante-li

**1Sa**-esfriar-PAS.IM

‘Eu (me) esfriei/aliviei’

(32.a) **Aluku**: ‘desaparecer’

Malukuli

**m**-aluku-li

**2Sa**-desaparecer-PAS.IM

‘Você desapareceu’

(33.a) **Engru**: ‘boiar’

Kurengruli

**kut**-engru-li

**1+2Sa**-boiar-PAS.IM

‘Nós boiamos’

(34.a) **Inpo**: ‘apagar’

Inpoli atxi

**Ø**-inpo-li atxi

**3Sa**-apagar-PAS.IM fogo

‘O fogo apagou’

PREFIXOS S<sub>P</sub>

(31.b) **Wiante**: ‘boiar’

\*İwianteli

**ï**-wiante-li

**1Sp**-esfriar-PAS.IM

(32.b) **Aluku**: ‘desaparecer’

\*Walukuli

**w**-aluku-li

**2Sp**-desaparecer-PAS.IM

(33.b) **Engru**: ‘boiar’

\*Ugwengruli

**ugw**-engru-li

**1+2Sp**-boiar-PAS.IM

(34.a) **Inpo**: ‘apagar’

\*Yinpoli atxi

**y**-inpo-li atxi

**3Sp**-apagar-PAS.IM fogo

EXEMPLOS DE VERBOS INTERNAMENTE CAUSADOS

PREFIXOS S<sub>P</sub>

(35.a) **Mrere**: ‘ficar grávida’

İmrereli

**ï**-mrere-li

**1Sp**-ficar.grávida-PAS.IM

‘Eu fiquei grávida’

(36.a) **Ekiripang**: ‘envelhecer’

Wekiripangli

**w**-ekiripang-li

**2Sp**-envelhecerr-PAS.IM

‘Você envelheceu’

(37.a) **Mulukte**: ‘tossir’

Wimulukteli

**wi**-mulukte-li

**1+2Sp**-tossir-PAS.IM

‘Nós tossimos’

PREFIXOS S<sub>A</sub>

(35.b) **Mrere**: ‘ficar grávida’

\*Komrereli

**ko**-mrere-li

**1Sa**-ficar.grávida-PAS.IM

(36.b) **Ekiripang**: ‘envelhecer’

\*mekiripangli

**m**-ekiripang-li

**2Sa**-envelhecer-PAS.IM

(37.b) **Mulukte**: ‘tossir’

\*Kutmulukteli

**kut**-mulukte-li

**1+2Sa**-tossir-PAS.IM

(38.a) **Alum:** ‘pular’  
Yalumli  
y-alum-li  
**3Sp**-pular-PAS.IM  
‘Ele pulou’

(38.b) **Alum:** ‘pular’  
\*Alumli  
Ø-alum-li  
**3Sa**-pular-PAS.IM fogo

Os exemplos (31.a, 32.a, 33.a e 34.a) mostram verbos externamente causados sendo marcados com os prefixos  $S_A$  e seus correspondentes nos exemplos (31.b, 32.b, 33.b e 34.b), com o uso dos prefixos da série  $S_P$  que mostra que a ocorrência desses verbos com tais prefixos é agramatical. Nos exemplos (35.a, 36.a, 37.a e 38.a) tem-se o oposto, ou seja, verbos internamente causados ocorrendo com prefixos pessoais  $S_P$  e nos exemplos (35.b, 36.b, 37.b e 38.b), temos os seus respectivos usos com os prefixos  $S_A$ , que os deixa agramaticais.

## 2.5 Causativização ou Transitivização?

Nesta seção, mostraremos porque consideramos que há distinção entre transitivização e causativização na língua Ikpeng.

Segundo Levin e Hovav (1995), pelo fato dos verbos intransitivos externamente causados possuírem uma semântica diádica, eles são facilmente causativizados; enquanto que os intransitivos internamente causados, que possuem uma estrutura semanticamente monádica são mais estáveis quanto a sua causativização. No entanto, ainda assim, tais verbos podem ser encontrados em versões causativas.

Sobre isso, as autoras argumentam que se trata de fenômenos distintos, pois a relação entre a variante transitiva e a intransitiva não é a mesma nas alternâncias com verbos interna e externamente causados.

Uma das evidências de que são fenômenos distintos é a possibilidade dos elementos que podem ocorrer como a CAUSA em cada um. A CAUSA dos verbos externamente causados pode ser representada por várias entidades semânticas, como um agente, uma circunstância, um instrumento, ou uma força natural; enquanto que nos verbos internamente causados, ela obrigatoriamente tem que ser um “agente”, ou seja, um alguém que faça ou induza a ação.

Outra evidência de que a transitivização e a causativização são distintas é o fato do argumento dos verbos internamente causados não se tornar um objeto

semanticamente igual ao encontrado na versão causativa dos verbos externamente causados ou nos transitivos em geral, de forma que a estrutura de ambos pode ser esquematizada da seguinte forma:

Verbos Externamente Causados:

Variante Intransitiva: X VI  
 Variante Transitivizada: Y VT X

Verbos Internamente Causados:

Variante Intransitiva: X VI  
 Variante Transitivizada: Y causar X VI

O que os esquemas acima nos mostram é que na versão derivada dos verbos externamente causados, o sujeito do verbo é também o sujeito da causativização, ou seja, o CAUSER, enquanto que o CAUSEE codifica o objeto. Na versão derivada dos verbos internamente causados há dois sujeitos: um que é o sujeito da causativização (CAUSER) e outro que é o sujeito do verbo intransitivo (CAUSEE).

Em outras palavras, na versão derivada, os verbos externamente causados possuem dois argumentos: um interno (CAUSEE) e um externo (CAUSER), tal como os verbos transitivos; já os verbos internamente causados continuam com apenas um argumento, o CAUSEE; enquanto que o CAUSER é interpretado como o argumento da construção causativa:

a) Verbos Externamente Causados:

(S)	VI	
O rio	estreitou	
CAUSEE		
(A)	VT	(P)
A barragem	estreitou	o rio
CAUSER		CAUSEE

b) Verbos Internamente Causados:

(S)	VI	
Você	sorriu	
CAUSEE		
Eu	fiz	(S) VI
CAUSER	você	sorrir
	CAUSEE	

Adaptando esses esquemas para orações da língua Ikpeng, teríamos:

(39) Verbos Externamente Causados:

a)	CAUSEE
VI	(S)
Egĩngtare-lĩ	igru
Ø-egĩngtare-lĩ	igru
3S-estreitir-PAS.IM	rio
‘O rio estreitou’	

b)	CAUSER	CAUSEE
VT	(A)	(P)
egĩngtarenoplĩ	ĩwĩ	igru
Ø-egĩngtare-nop-lĩ	ĩwĩ	igru
3A/3S-estreitir-CAUS-PAS.IM	pedra	rio
‘A pedra estreitou o rio’		

(40) Verbos Internamente Causados:

a)	VI	(S)
Weprumlĩ	omro	
w-eprum-lĩ	omro	
2S-sorrir-PAS.IM	você	
‘Você sorriu’		

b)	CAUSER	CAUSEE
VI		(S)
Kiprupoli	uro	omro
Ko-epru-po-lĩ	uro	omro
1A/2P-sorrir-CAUS-PAS.IM	eu	você
‘Eu fiz você sorrir’		

Segundo Levin & Hovav (1995), nas línguas em que há morfologia envolvida na causativização, a formação de verbos causativos derivados de intransitivos interna e externamente causados é diferente.

As autoras citam como exemplo o Hebreu moderno, língua em que sempre há morfologia envolvida na construção de variantes causativas, seja na derivação de verbos interna ou externamente causados. Porém, a morfologia envolvida na causativização de um e de outro tipo de verbo é diferente.

Isso é o que pode também ser observado em Ikpeng, pois foi possível identificar como mais recorrentes nas construções causativas os morfemas {-nop} e {-po}, que parecem possuir funções distintas na causativização.

A distribuição desses morfemas nos permite concluir que a forma {-nop} deriva verbos com estrutura semântica diádica (X VI > Y VT X), ou seja, trata-se de um formador de verbos transitivos, um morfema de aumento de valência. Este é o morfema que se realiza nos verbos externamente causados em Ikpeng.

A forma {-po}, por outro lado, parece ter a função de introduzir uma semântica causativa, porém sem modificar a estrutura semântica lexical dos verbos. Essa forma é geralmente encontrada com: (i) verbos internamente causados (que possuem estrutura semântica monoargumental e, de acordo com o que está sendo proposto nesse trabalho, a partir das ideias de Levin & Hovav (1995), continuam sendo monoargumentais após a derivação: X VI > Y CAUSE X VI); (ii) verbos transitivos (que possuem uma estrutura semântica biargumental: (Y VT X)); e (iii) verbos externamente causados depois de já terem sido derivados pelo morfema {-nop}. Ou seja, a função de {-po} não é exatamente a de aumentar a valência dos verbos, mas sim de introduzir uma construção causativa. Vejamos abaixo exemplos ilustrativos:

VERBO INTRANSITIVO EXTERNAMENTE CAUSADO:

(41.a) Variante Básica		(41.b) Variante Derivada	
Egwamlī	muy	Awarepī egwamnoplī	muy
Ø-egwam-lī	muy	Awarepī Ø-egwam- <b>nop</b> -lī	muy
3Sa-afundar-PAS.IM	canoa	Awarepī 3A/3P-afundar-CAUS-PAS.IM	canoa
‘A canoa afundou’		‘Awarepī afundou a canoa’	

VERBO INTRANSITIVO INTERNAMENTE CAUSADO:

(42.a) Variante Básica		(42.b) Variante Derivada	
Gaginumlī		Ugwaginumpolī	
g-aginum-lī		ugw-aginum- <b>po</b> -lī	
1Sp-chorar-PAS.IM		2A/1P-chorar-CAUS-PAS.IM	
‘Eu chorei’		‘Você me fez chorar’	

VERBO TRANSITIVO:

(43.a) Variante Básica		(43.b) Variante Derivada	
Yangkuli	nabiot	Yangkupolī	nabiot
y-angku-lī	nabiot	y-angku- <b>po</b> -lī	nabiot
1A/3P-amassar-PAS.IM	batata	1A/3P-amassar-CAUS-PAS.IM	batata
‘Eu amassei a batata’		‘Eu fiz/deixei a batata amassar’	

VERBO INTRANSITIVO INTERNAMENTE CAUSADO DERIVADO POR {-NOP}:

(44.a) Variante Básica

Awarepĩ egwamnoplĩ	muy
Awarepĩ Ø-egwam- <b>nop</b> -li	muy
Awarepĩ 3A/3P-afundar-CAUS-PAS.IM	canoa
‘Awarepĩ afundou a canoa’	

(44.b) Variante Derivada

Awarepĩ egwamnopolĩ	muy
Awarepĩ Ø-egwam- <b>nop-po</b> -li	muy
Awarepĩ 3A/3P-afundar-CAUS-CAUS-PAS.IM	canoa
‘Awarepĩ fez/deixou a canoa afundar’	

Os exemplos acima nos mostram as diferentes ocorrências dos morfemas {-nop} e {-po}. Observe, principalmente, a diferença entre os exemplos (41) e (42). Veja que em (41), o morfema {-nop} causativiza, aumentando a valência do verbo em questão. Observe que o argumento (S) de VI torna-se o objeto (P) do VT. O [CAUSER] (Awarepĩ) assume a função de sujeito que realiza diretamente a ação do verbo sobre o [CAUSEE]. Em (42), o [CAUSER] não é o elemento que realiza a ação do verbo, mas sim quem induz o [CAUSEE] a realizá-la, ele é o elemento que CAUSA a sua realização.

Nos exemplos (43) e (44), com verbo transitivo e transitivizado (via {-nop}), respectivamente, que já possuem os elementos CAUSER e CAUSEE, a função do morfema {-po} é introduzir uma construção causativa, cuja oposição de sentido com a variante não derivada via {-po} pode ser entendida da seguinte maneira: em (43.a) e (44.a) a interpretação é de que o CAUSER realizou a ação direta e propositalmente; enquanto que nas versões causativizadas com {-po} ((43.b) e (44.b)) a interpretação é de que ou a ação foi realizada acidentalmente pelo [CAUSER], ou que este permitiu ou ordenou que alguém (que não é mencionado no discurso) realizasse essa ação em seu lugar, podendo também ser traduzidas livremente como: ‘Eu deixei/mandei (X) esmagar a batata/Eu deixei que esmagassem a batata’ e ‘Awarepĩ deixou/mandou (X) afundar a canoa/Awarepĩ deixou que afundassem a canoa’, respectivamente. Quando o nome da pessoa é mencionado, temos a seguinte realização:

(45)	Yangkupilĩ	nabiot	Kay	ĩna
	y-angku- <b>po</b> -li	nabiot	Kay	ĩna
	1A/3P-amassar-CAUS-PAS.IM	batata	Kay	POSP
	‘Eu fiz/deixei/mandei Kay esmagar a batata’			
	(Lit.: ‘Eu esmaguei a batata através do Kay’)			



## 2.6 Classificação dos Verbos Ikpeng

Com base nas discussões acima, propomos as seguintes classificações para os verbos em Ikpeng:

CLASSIFICAÇÃO MORFOSSINTÁTICA:

- a) Transitivo: apresenta dois argumentos: interno e externo, sem nenhuma morfologia envolvida.
- b) Intransitivo: apresenta apenas um argumento: interno ou externo, sem nenhuma morfologia envolvida.
- a') Transitivizado: apresenta dois argumentos: interno e externo, porém mediante adição de morfologia de aumento de valência.
- b') Intransitivizado: apresenta apenas um argumento: interno, com marcação SI, derivado através de morfologia redutora de valência.

CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA:

- Diádico: 

{	Transitivos
}	Intransitivos Externamente Causados

- Monádico: Intransitivos Internamente Causados

### Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos os tipos de alternâncias causativas possíveis de ocorrer na língua Ikpeng. Observando o comportamento dos verbos nas alternâncias transitivas, vimos que o argumento (S) dos intransitivos torna-se (P) na versão transitiva, e que o argumento (P) transitivo, torna-se (S) na versão monoargumental desses verbos, donde é possível concluir que a língua Ikpeng possui um alinhamento semântico nominativo-acusativo. No entanto, há verbos intransitivos que recebem os prefixos  $S_A$ , inergativos. Para compreender porque isso ocorre, verificamos a estrutura semântica dos verbos intransitivos na língua e observamos que os verbos monoargumentais marcados com os prefixos  $S_P$  são internamente causados, ou seja, possuem uma estrutura semântica monádica; enquanto que os verbos que são marcados com os prefixos  $S_A$  são externamente causados, ou seja, possuem uma estrutura semântica diádica, tal como os transitivos, que também recebem os prefixos  $S_A$  quando

estão em sua versão monoargumental. Com base nesses fatos, propusemos que o que determina a classe de prefixos a ocorrer com cada tipo de verbo (monoargumental) é a sua estrutura semântica. Assim, os verbos de estrutura semântica diádica (transitivos e intransitivos externamente causados) são marcados com S<sub>A</sub> e os de estrutura semântica monádica (internamente causados) são marcados com S<sub>P</sub>.

## REFERÊNCIAS

- BURZIO, L. *Italian Syntax: a government-binding approach*. Dordrecht: Reidel, 1986.
- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Tradução: Luiz A Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da UNICAMP; Londrina: EDUEL, 2003.
- JACKENDOFF, Ray S. *Semantic Structures*. Cambridge: The MI Press, 1990.
- LEVIN, Beth. *English Verb Classes and Alternations: a preliminary investigation*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1993.
- LEVIN, Beth; HOVAV, Malka R. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- MEIRA, Sérgio. The accidental intransitive split in the Cariban family. In: GILDEA, S. (Org.). *Reconstructing Grammar: comparative linguistics and grammaticalization*. Amsterdam: Philadelphia: J. Benjamins, 2000. p. 201-230.
- MEIRA, Sérgio; FRANCHETTO, Bruna. The Southern Carib Languages and the Cariban Family. *International Journal of American Linguistics*, v. 7, n. 2., 2005. p. 127-190.
- PACHÊCO, Frantomé. *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)*. Tese - (Doutorado) Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, Campinas, 2001.
- ROSEN, C. *The Relational Structure of Reflexive Clauses: evidence from Italian*. PhD Thesis. Harvard University, Cambridge, 1981.
- SMITH, C. S. Jespersen's Move and Change Class and Causative Verbs in English. In: JAZEYERY, M. A.; POLOMÉ, E. C.; WINTER, W. (Org.). *Linguistics and Literary Studies in Honor of Archibald A. Hill*, v. 2. Descriptive Linguistics. The Hauge: Mouton, 1970, p. 101-109.

# Uma questão de essência: classificadores para o corpo humano em Apinayé

*A matter of essence: human body classifiers in Apinayé*

Laísa Fernandes TOSSIN\*

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

**RESUMO:** Este trabalho apresenta uma análise morfofonológica associada a uma descrição semântica de termos em Apinayé relacionados ao corpo humano, elaborando as possíveis implicações entre o pensamento Apinayé e sua noção de pessoa. Também apresenta explicações sobre a relação entre o ato de nomear o mundo e a eleição de elementos formadores da realidade, do humano e da cosmologia. Mostra alguns termos de Apinayé relacionados ao corpo humano e desenha suas relações com os elementos culturais constitutivos, tais como: centro da vila, leite materno e sangue menstrual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística. Pragmática. Relações semânticas.

**ABSTRACT:** This paper presents a morphophonological analysis related to a semantic description of terms in Apinayé related to human body, constructing all possible implications between the Apinayé thought and their notion of person. It also presents some possible explanations of the relation between the act of naming the world and the election of formative elements of reality, of human e of cosmology. It shows some terms of Apinayé related to human body and draws its relations with constitutive cultural elements such as: centre of the village, mother's milk and menstrual blood.

**KEYWORDS:** Linguistics. Pragmática. Semantic relations.

## Introdução

Sapir (1980) nos iluminou com sua suposição de que língua e cultura partilhariam a mesma origem: o convívio social humano. Ainda, nos fez considerar que a linguagem não se dá a partir do pensamento, mas sim o oposto, da linguagem surge a possibilidade do pensar, e do pensamento teríamos, então, a matéria conceitual necessária para o desdobrar-se da cultura. A linguagem seria, de fato, o próprio fundamento da cultura. (JAKOBSON, 2003) Então, nesta cadeia lógica, teríamos uma intrincada relação entre língua e cultura capaz de nos revelar, em parte, aspectos de uma imbricados na outra, e vice-versa.

---

\* Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.

O entendimento que o homem constrói de si mesmo, a compreensão de ser/estar no mundo, a decodificação da experiência e sua transmissão às gerações sucedâneas, todos estes processos expressos pela linguagem serviriam de farol a nos clarear o caminho da busca pelo tempo perdido, aquele momento primeiro em que se criou a representação primordial da experiência da vida. (DELANCEY, 2008; BENVENISTE, 1989)

Por representação entende-se um quê de ficção, certo aspecto colorido de criatividade e múltiplas escolhas para designar e entender o mundo seja em sua manifestação concreta seja no inatingível. Assim, podemos entender as escolhas fonológicas de uma língua como fruto de mera arbitrariedade, mas sua manutenção e propagação ao longo da história teceram redes de significação cultural, dando-lhes sustentabilidade orgânica e coerência semântica que conduziram a experiência e trouxeram sentido aos que vieram depois. (DELANCEY, 2008; BENVENISTE, 1989)

É justamente por meio das formas propagadas ao longo da história da língua Apinayé que pretendo traçar as possíveis relações entre padrões linguísticos e aspectos culturais relevantes, a iniciar pela denominação do corpo e de coisas e processos que o tornam humano. É notório que, em várias sociedades indígenas, o corpo do recém-nascido precisa tornar-se humano por meio de rituais que lhe agreguem as substâncias necessárias para que se materialize o humano naquele corpo. (SANTOS-GRANERO, 2009; HUGH-JONES, 2009; CAYÓN, 2013)

Ainda é necessário compreender, sob o prisma da composição do mundo, as diferentes CULTURAS existentes, pois os elementos formadores do cosmos não são os mesmos para todas elas. Alguns trabalhos recentes em antropologia<sup>1</sup> começaram a levantar a existência de substâncias formadoras do universo compreendido por determinadas culturas, portanto, minha suposição é que traços linguísticos poderiam ser identificados nas relações semânticas criadas por estas substâncias. É claro, estou aqui supondo que nos apegamos com força à forma e a seu significado, deixando pouco espaço para a incorporação de novidades, porém não ignoro a existência de mudanças linguísticas nem as importações de termos de outras línguas com as quais temos contato.

---

<sup>1</sup> Jonathan Hill (2002) escreveu um artigo no qual demonstra como os classificadores nominais de número servem também para colocar tipos de pessoas, animais e coisas em seus devidos lugares existenciais.

Posso apontar, como exemplo, a construção que nossa cultura e nossa língua fizeram do nosso corpo e reconfigurar um provável caminho histórico de como o entendemos. Assim, o corpo, este corpo formado por concepções gregas, iniciou seu processo com o *phúsis*, que, para os princípios pré-socráticos era a matéria de fundamento eterno de todas as coisas, desenrolou-se em *phúsis*>fito=físio, referente ao orgânico, à regulação do funcionamento do corpo e da natureza. Para os gregos, porém, a palavra corpo não se referia, senão, ao cadáver, inerte, sem vida. Um corpo era então, *démas* ou *anima* em latim, origem de alma, espírito. Um corpo com vida seria uma alma. Em algum momento da história da ciência, o cadáver passou a ser sinônimo de vida, e a vida deixou de ser relevante para que o mecanismo (corpo/órgãos/tecidos) fosse o principal.

Esta relação se estende para os domínios da natureza, já que fito, sinônimo de físico, se refere à regulação do sistema biótico vegetal: a natureza. Do latim, natureza e nascer partilham o mesmo radical, revelando a intimidade de homem e natureza colocando-os em pé de igualdade com relação a sua forma de surgir no mundo.

Além disso, *phúsis*, também, derivou-se em *phýsa*, ar, um dos elementos que compõem o mundo pré-socrático, sendo de fundamental importância para a determinação da vida de um corpo, fortemente relacionado à primeira respiração do recém-nascido e ao último alento do moribundo. E assim, fechamos o círculo se voltarmos aos pré-socráticos e reavivarmos a discussão a respeito da essência do homem; o ser. O que me parece interessante salientar é que a matéria que compõe o cosmos e o corpo tem tantas variações quantas são as línguas no mundo. Para algumas culturas, pode ser o tabaco, a pupunha, a ayahuasca ou a coca; para outras: ar, água, terra e fogo.

Antes de elaborar qualquer análise, é importante apontar algumas questões gerais de como a etnologia contemporânea tem tratado a noção de pessoa. Atualmente, há um consenso sobre o fato de que, nas sociedades amazônicas, a pessoa é concebida como um ser processual e divisível (LAGROU, 2007), pelo qual circulam partes de outras pessoas para produzir novos seres, seja pelo consumo constante das mesmas substâncias dentro de um grupo doméstico (OVERIG; PASSES, 2000), seja pela troca de fluidos corporais e através das memórias dos cuidados recebidos na infância (GOW, 1991) ou pela incorporação de nome e almas baseados em um esquema relacional de

predação ontológica (VIVEIROS DE CASTRO, 1996. Santos-Granero (2009) chama a atenção para a importância dos objetos na construção da pessoa dentro das cosmologias ameríndias, que requerem sempre a desconstrução e reconstrução de corpos, compostos por partes de objetos, artefatos, plantas e animais, dos quais a anatomia humana, assim como a de outras formas de vida, se constitui.

Por incluir espíritos, plantas e animais dotados de alma, de consciência reflexiva e de intencionalidade (DESCOLA, 1998), a categoria corpo carrega o entendimento de que cada corpo é a singularização de afetos, inclinações e capacidades particulares de sua espécie, assim, ao estar imbuído de agencialidade, este corpo definirá como o mundo será percebido. (VIVEIROS DE CASTRO, 1996)

Portanto, entender que as partes do corpo humano são dotadas de agentividade e intencionalidade, lhes atribui um caráter muito mais agentivo, o que, ao procurarmos estabelecer relações semânticas precisam ser consideradas.

Assim, a complexidade de prefixos e classificadores relativos às partes do corpo pode ser iluminada pela compreensão de que, a exemplo da cosmologia Pano, cada parte do corpo pode possuir uma alma própria, com agencialidade e intencionalidade, e relações com outros seres, inclusive os seres primordiais, os lugares e o tempo.

Para o estabelecimento das relações semânticas possíveis em línguas ameríndias, é inevitável construir um elo entre as informações etnográficas e as descrições linguísticas. Isso possibilitaria iluminar questões como categorias gramaticais sob a perspectiva indígena, rompendo, em alguns casos, com as estruturas ocidentais convencionadas para a descrição e o estudo das línguas.

## **1 A construção do corpo no universo indígena Apinayé**

Os Apinayé têm sido antropologicamente estudados com regularidade desde o século passado. Há os trabalhos de DaMatta (1976) e Giraldin (2000, 2001), além, é claro, do clássico *Os Apinayé*, de Nimuendajú (1956). Os estudos linguísticos estão fortemente ligados aos missionários, em especial, a Wisemann (1986), e também a Ham (1961, 1979), Waller (1974), e Koopman (1979), e aos linguistas Callow (1962), Salanova (2001), Oliveira (2003, 2005), Albuquerque (2007) e Coffman (2008).

Meu maior interesse em pesquisar esta língua já tão descrita e analisada é justamente buscar os pontos de coesão entre a língua e a cultura produzida pelos Apinayé, aproveitando-me das detalhadas descrições existentes para ampliar seu escopo semântico. Em especial, as relações entre o verbo *ka*, ‘ser’; e suas ocorrências como morfema ou radical.

Diferentemente do que vem sendo dito sobre este formativo<sup>2</sup> ‘*ka*’, entendo-o como um morfema que desempenha função de classificador, formando uma categoria de verbos iniciados por ele, com relação semântica entre si e, portanto, imagino se haveria alguma relação entre este formativo ‘*ka*’ e alguma substância formadora do mundo, tendo em vista que está presente também em palavras que especificam determinados graus de parentesco, como (DAMATTA, 1976):

<i>akatxoiti</i>	‘filha’
<i>akantêre</i>	‘filho’

Existem outros morfemas em Apinayé que formam classes de verbos, tais como: *ku* e *pia*. Desde já apresento estes elementos como sendo de relevante interesse para este artigo, não apenas por integrarem a língua Apinayé, mas por ser *ku* uma mudança diacrônica de *ka*, que também é pronome de 2ª pessoa singular. E *pia* forma uma classe de verbos que dizem respeito ao nascimento e aos eventos pós-parto, tais como a amamentação e a reclusão (OLIVEIRA, 2003). Entretanto, não me deterei, neste momento, para analisá-los.

Além das relações semânticas e morfológicas entre estes termos, também pretendo uma reanálise das glosas e traduções livres apresentadas para os dados da língua, pois, parece-me que as traduções realizadas não equivalem semanticamente aos termos que se pretende traduzir. A questão da tradução em línguas indígenas sempre demonstrou ser um desafio para qualquer linguista devido ao viés cultural ao qual estamos atados e com o qual é impossível romper, pois, ao nos propormos a fazer uma tradução esperamos encontrar elos entre uma língua e outra que tornem possível a

---

<sup>2</sup> Oliveira (2005) considera que estes morfemas que aparecem em classes de palavras específicas não fazem parte de um sistema morfológicamente produtivo, são fósseis morfológicos que servem apenas para classificar palavras em classes, são vazios semanticamente ou possuem significados elusivos, por isso chama-os de ‘formativos’ e não de ‘morfemas’.

compreensão para os falantes de nossa língua (BENVENISTE, 1989). Como minha proposta é, primeiro, a imersão cultural no universo Apinayé, para posterior tradução, entendo que algumas das traduções realizadas apresentam equívocos que, por sua vez, geram enganos fonológicos.

Um exemplo é a palavra *ke*, traduzida como ‘corpo, pele, peito’, que pode ser um alofone de *ka* ou simplesmente a flutuação da vocalização, em vez de um item lexical diferente, como é possível visualizar em *kator-txô* ‘mãe’, que literalmente significa ‘de onde sai um corpo’ (DAMATTA, 1976).

Assim também, o par opositor [krΛ] [krã] (Ham, 1961) foi rechaçado na tese de Cristhiane de Oliveira (2005), que argumenta a impossibilidade de comprovar em campo a existência da vogal nasal [ã] em Apinayé, portanto, não a inclui em seu quadro de fonemas vogais da língua. No entanto, ela estabelece a existência de duas vogais distintas para o mesmo par opositor: [krΛ] e [kra]. Este par *krá/krã* ou *krá/kra*, comumente usado como par opositor para testar a presença dos fonemas das vogais aberta e nasal na língua, é, portanto, sempre tratado como se representasse dois itens lexicais diferentes, sendo *krá* ‘filho-criança’ e *krã/kra* ‘cabeça’. Porém, as concepções expressas por estas palavras representam algo bem maior e mais extenso que a tradução para o português pode abranger.

Para Ham (1961), *krá* é a palavra usada para referir-se aos filhos ou às crianças, em geral, e *krã* é ‘cabeça’, constituindo-se assim a diferença lexical necessária para comprovar a existência de ambas as vogais. Assim como para Ham (1961), para Oliveira (2005), *krá* refere-se a filho ou criança, mas ‘cabeça’ é *kra*. Em ambos os casos, a distinção lexical é definida pela existência de oposição fonológica entre estas vogais.

Entretanto, poderíamos supor aqui, a existência de um categorizador da forma “redondo”, supostamente relacionado à vogal nasal, como ocorre em Kaingang (D’ANGELIS, 2002). Porém, ao fazer uma pequena lista de palavras relacionadas a termos de parentesco, pude perceber que o termo *krã* ou *kra*, embora traduzido literalmente como ‘cabeça’, aparece diretamente relacionado à criança.

No sistema de nomeação Apinayé, como citado por DaMatta (1976), os genitores escolhem, entre seus amigos formais (*pakrã/krã-geti*), aquele que dará nomes

à criança. Após estabelecida a formalidade, o nomeador e o nomeado passam a se tratar pelos seguintes termos (DAMATTA, 1976):

*id-krã-tum* ‘nomeador’ (literalmente ‘minha cabeça velha’)

*id-krã-dúw* ‘nomeado’ (literalmente ‘minha cabeça nova’).

Embora, literalmente a referência seja feita à cabeça, semanticamente, remete à criança/filho. Se visualizarmos que, ao nascer, a primeira parte do corpo humano que desponta no canal vaginal é a cabeça teríamos uma unidade semântica que se estende de *král/kra* alcançando *krã*. A cabeça é, das partes do corpo, a mais significativa para os Apinayé, visto o cuidado e a relevância do corte de cabelo e dos adornos cerimoniais identificadores de cada metade amarrados sobre o sulco criado pelo corte de cabelo (DAMATTA, 1976). Além do zelo no trato do cabelo, o corte em muito se assemelha ao formato das casas que, em um sistema uroxilocal, estão relacionadas à vagina da mãe. O verbo usado para dizer ‘eu saio’, referindo-se ao ato de sair fisicamente da casa, é *idkatoro*, em que *id\_* é relativo à primeira pessoa, remetendo-nos a *kator-txô* ‘mãe’. Talvez, *krã* sequer signifique ‘cabeça’, mas sim conduza ao entendimento mais amplo da compreensão de corpo e de pessoa Apinayé, assim como do mundo que os cerca.

O que se propõe aqui é tomar como referência a noção de pessoa manifestada na peculiaridade de cada grupo humano ao nomear e classificar o mundo ao seu redor. Alguns verbos intransitivos em apinajé possuem uma marcação diferenciada em seus pronomes pessoais, mesmo aqueles verbos que exprimem ação voluntária como é o caso de ‘sair’ *apoj* (plural) e *kató* (singular) ou ‘correr’ *prôt*, que recebem pronomes da série II (*i\_C*), equivalentes à marcação de objeto e não à subjetiva. Alguns sistemas de marcação de caso refletem um tipo de organização de marcação de caso motivada semântica e gramaticalmente (TOSSIN, 2009).

Tradicionalmente a análise dos verbos *kató* e *apoj* se dá no âmbito da diferença ativo/estativo, mas proponho uma perspectiva diferente de entendimento a respeito das escolhas gramaticais, compreendendo o papel que a cultura e a pragmática exercem sobre o falante. Assim, os verbos ‘sair de casa’, ‘nascer’, e os nomes ‘cabeça’ e ‘criança/pessoa’ estão profundamente relacionados (TOSSIN, 2009). DRYER (1997)

nos explica que os novos falantes aprendem estas palavras como unidades individuais que não apenas descrevem entidades, propriedades ou eventos, mas sim, os nomeiam.

Na categoria de verbos com o formativo *ka*, conforme descrita por Oliveira (2005), existem verbos transitivos e descritivos referentes ao contato físico ou à manipulação, aos cabelos, a mudanças de estado, ao estado líquido, a tudo que possui formato esférico, redondo como a cabeça. Para a autora, não há relação semântica entre os verbos desta categoria, embora não haja idiosincrasia morfológica entre eles.

<i>ka</i>	‘corpo/ser’
<i>kagró</i>	‘ser (tornar-se) quente/ter febre’
<i>ka’i</i>	‘ser (tornar-se) fino’
<i>karor</i>	‘ser louro’
<i>kago</i>	‘suco/espremer o suco’
<i>kabro</i>	‘sangue/menstruar’
<i>karot</i>	‘trabalho de parto’
<i>ka kago</i>	‘leite materno’

Para mim, na longa lista de verbos da categoria *ka*, aqui representada por poucos exemplos, a relação mais relevante é com o corpo, e com seus elementos formadores mais importantes: o líquido, os cabelos e a cabeça, pois na concepção Apinayé da composição do corpo, estão o leite materno, o sangue da mãe e o esperma.

## Considerações Finais

Estes dados me fazem refletir sobre o cuidado no estabelecimento dos pares opostos  $[kr\Lambda]$   $[kr\tilde{\Lambda}]/[kra]$  para o teste de existência das vogais  $[\Lambda]/[\tilde{\Lambda}]$ , pois estabelecer a distinção semântica entre termos lexicais tão semelhantes requer conhecimento a respeito da noção de pessoa, de pertencimento e de humanidade dos Apinayé. Visto que a vogal nasal  $[\tilde{\Lambda}]$  pode não existir, ou não mais existir na fala deste grupo, permanece a distinção entre  $[\Lambda; a]$ , porém a distinção lexical atribuída a *krá* e *kra* é passível de questionamento.

Além disso, temos outra perspectiva para *krá* que poderia receber a tradução

‘pessoa’, podendo ser encontrada nas autodenominações dos povos Timbira, como, por exemplo, *apãniekrá*.

Como os demais grupos Jê, os Apinayé dividem-se em diversas metades cerimoniais além das metades cosmológicas conhecidas pelos nomes Kolti - Kolre, que representam o Sol e a Lua. O Sol (Kolti), o mais velho, e a Lua (Kolre), o mais novo, constituem-se nas categorias mais amplas para classificar o mundo Apinayé, porém recebem outros nomes cerimoniais, usados em festas e que determinam o caráter dos membros que fazem parte destas metades, assim, Kolti, o irmão mais velho, é mais sisudo e recebe o nome de Ipôgnotxóine e Kolre, o irmão mais novo, Krénotxóine, mais alegre e sorridente. Durante as festas, a metade Krénotxóine canta alto, dança, faz piadas com os membros da outra metade e rouba pertences de dentro das casas, enquanto os Ipôgnotxóine apenas observam quietos e sérios (DAMATTA, 1976; GIRALDIN, 2000, 2001). Oliveira (2005) trouxe em seu trabalho uma tradução diferente para estas metades cerimoniais, como apresentadas abaixo:

*Ipôgnotxóine*                      ‘pessoa do centro’

/ipok.nh-õ.ce´wnh/

centro.RP-GEN.NMLZ

*Krénotxóine*                      ‘pessoa que canta e dança’

/grér.nh-õ.ce´wnh/

dance/sing-NF.RP-GEN.NMLZ

As qualidades de ambas as metades estão, de certa forma, morfológicamente expressas nos nomes cerimoniais, se entendermos que *kré*<sup>3</sup> pode ser uma forma equivalente de *krá*, então, entenderíamos que o comportamento jocosos da metade Krénotxóine é próprio das ou permitido às crianças, e teríamos uma unidade semântica e morfológica que se estende alcançando *kra*. Além disso, *kré* recebe a tradução ‘pessoa’ e podemos encontrá-la também nas denominações dos povos como, por exemplo,

---

<sup>3</sup> Um estudo realizado por Oliveira e Ribeiro (2005) revela a correspondência fonológica da vogal central média /ʌ/ à vogal frontal média-baixa /ɛ/ respectivamente entre Jê do Norte e Jê Central.

mebengokré e apãniekrá, ou seja, a noção de pessoa destes grupos está relacionada a este morfema.

Talvez, a universalidade das categorias gramaticais não exista da forma com que gostaríamos de encontrá-la, com extratos comuns nos quais basta enquadrar as palavras encontradas em línguas diferentes ao redor do mundo e traduzi-las da maneira mais aproximada possível. Proponho que se perceba a peculiaridade de cada grupo humano ao nomear e classificar o mundo ao seu redor. Se o mundo Apinayé é dividido em metades, às quais tudo deve pertencer, então, é possível que também as palavras tenham sua forma de pertencer a cada metade.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. *Contribuição da fonologia ao processo de educação indígena Apinayé*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)-Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007. 255 f.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

CALLOW, John. *The Apinayé language: phonology and grammar*. Tese. (Doutorado)-University of London. Londres, 1962.

CAYÓN, Luis. *Pienso, luego creo: La teoria makuna del mundo*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropologia, 2013.

COFFMAN, Ian. Antihomorganicity. In: *Apinayé and Hayu: evidence for closure duration as a phonotactic variable*. Tese. University of California. Berkeley, 2008.

DaMATTA, Roberto. *Um mundo dividido: a estrutura social Apinayé*. Petrópolis: Vozes, 1976. Coleção Antropologia, 10.

D'ANGELIS, Wilmar. Gênero em Kaingang?. In: SANTOS, Ludoviko; PONTES, Ismael (Orgs.). *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Eduel, 2002. p. 215-242.

De LANCEY, Scott. *Lectures on functionalism syntax*. EUA: Universidade de Oregon,. Disponível em: <<http://www.uoregon.edu/~delancey/prohp.html#T>>. Acesso em: 21 out. 2008.

DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 23-45, 1998.

DRYER, Matthew S. Are Grammatical Relations Universal?. In: BYBEE, Joan; HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra (Eds.). *Essays on Language Function and Language Type: Dedicated to T. Givon*. Amsterdam: J. Benjamins, 1997. p. 115-143.

GIRALDIN, O. *Axpên pyrák: história, cosmologia, onomástica e amizade formal apinaje*. Tese. (Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp). Campinas, 2000.

- GOW, P. *Of mixed blood: kinship and history in Peruvian Amazon*. Oxford: Clarendon, 1991.
- HAM, P. *Apinayé Grammar: preliminary version*. Anápolis: Summer Institute of Linguistics, 1961.
- HAM, P.; KOOPMAN, L.; WALLER, H. *Aspectos da Língua Apinayé*. Cuiabá: Summer Institute of Linguistics, 1979.
- HILL, Jonathan; SANTOS-GRANERO, Fernando. *Introduction to a comparative Arawakan histories: rethinking language family and culture area in amazonia*. Chicago: University of Illinois Press, 2002.
- HUGH-JONES, Stephen. The fabricated body: objects and ancestors in northwest Amazônia. In: SANTOS-GRANERO, F. (Org.) *The occult life of things: native amazonian theories of materiality and personhood*. Tucson: The University of Texas Press, 2009.
- JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- LAGROU, E. *A fluidez da forma: arte, alteridade e agencia em uma sociedade amazônica (Kaxinawá, Acre)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- NIMUENDAJÚ, Kurt. Os Apinayé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Tomo XII. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1956.
- OLIVEIRA, Christiane. Lexical categories and the status of Descriptives in Apinajé. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 69, n. 3, p. 243-274, 2003.
- OLIVEIRA, Christiane. *The Language of the Apinajé People of Central Brazil*. Tese – (Doutorado)-Departamento de Linguística da Universidade de Oregon. Oregon, , 2005.
- OLIVEIRA, Christiana; RIBEIRO, Eduardo. Vowel shift in Central Jê. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HISTORICAL LINGUISTICS, 17. *Anais...Estados Unidos: University of Wisconsin*, 2005.
- OVERIG, J.; PASSES, A. Conviviality and the opening up of Amazonian anthropology. In: OVERIG, J.; PASSES, A. *The anthropology of Love and anger: the aesthetics of conviviality in the native Amazônia*. Londres. Nova York: Routledge, 2000. p. 1-30.
- SAPIR, E. *A Linguagem..* Perspectiva: São Paulo, 1980. Coleção Estudos.
- SANTOS-GRANERO, F. Amerindian constructional views of the world. In: SANTOS-GRANERO, F. *The occult life of things: native amazonian theories of materiality and personhood*. Tucson: The University of Arizona Press, 2009. p. 1-29
- SALANOVA, Andrés Pablo. *A nasalidade em Mebengokré e Apinayé: o limite do vozeamento soante*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Unicamp, Campinas, 2001.
- TOSSIN, Laísa. *Intransitividade cindida em Apinajé*. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília. Brasília, 2009. 116 p.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Mana*, n. 2, v.2, p.115-144, 1996.

WIESEMANN, U. The pronoun systems of some Jê and Macro-Jê languages. In: WIESEMANN, U. (Ed.). *Pronominal systems*. Tübingen: Gunther Narr Verlag, 1986. p. 359-380.

WALLER, H. E. *A Conjunção Nhũm na Narrativa Apinajé*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1974.

# Expressando conceitos de qualidade em Xavante: adjetivos ou verbos?

*Expressing concepts of quality in Xavante: adjectives or verbs?*

Adriana MACHADO ESTEVAM\*

Université du Québec à Montréal (UQAM)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é discutir a categoria dos lexemas que expressam conceitos de qualidade em Xavante para mostrar que, apesar destes lexemas apresentarem propriedades semânticas características dos adjetivos, tratam-se de lexemas verbais. Com esse propósito, veremos num primeiro momento que, além de compartilharem propriedades semânticas, estes lexemas possuem propriedades morfossintáticas que os caracterizam de maneira formal como uma classe de palavras, mas que esta classe não pode ser considerada como sendo de adjetivos, se definirmos os adjetivos como lexemas cuja função primordial é atuar como núcleo de um sintagma adjetival desempenhando a função de atributo num sintagma nominal. Em seguida serão apresentadas as propriedades morfossintáticas dos lexemas verbais e nominais, deixando claro que os lexemas em questão formam uma subclasse verbal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Categorização. Adjetivos. Morfossintaxe. Xavante.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to discuss a category of lexemes that express concepts of quality in Xavante in order to show that, despite showing semantic properties typical of adjectives, the lexemes in question are verbal. With this in mind, we will show first that, not only do the lexemes under investigation share semantic properties, they also exhibit morphosyntactic properties that characterize them as a formal class. However, this class cannot be considered as an adjectival class if adjectives are defined as heads of adjectival phrases acting as attributes inside a nominal phrase. We will then present the morphosyntactic properties of verbal and nominal lexemes, which clearly show that the lexemes in question form a subclass of verbs.

**KEYWORDS:** Categorization. Adjectives. Morphosyntax. Xavante.

## Introdução

A linguística descritiva e tipológica tem mostrado, no que diz respeito à questão das classes de palavras, a importância dos critérios internos que cada língua oferece para estabelecer uma categorização dos itens de seu léxico em partes do discurso e a dificuldade (para não dizer a impossibilidade) de se identificar critérios universais para definir certas categorias, como a do adjetivo. Esta questão é particularmente relevante em Xavante<sup>1</sup>, que apresenta uma classe de

---

\* Doutorado em Linguística pela Université Paris 7 Denis Diderot. Atualmente em pós-doutorado na Université du Québec à Montréal (Département de Linguistique, Faculté des Sciences Humaines), Montréal (Canadá). Email para contato: [dri.mcst@gmail.com](mailto:dri.mcst@gmail.com).

<sup>1</sup> Língua do grupo jê, do tronco macro-jê, falada por aproximadamente 15000 pessoas espalhadas em terras indígenas

lexemas que podem funcionar, de um ponto de vista semântico, como modificadores nominais. Tentaremos mostrar aqui que esta propriedade não é suficiente para estabelecermos uma classe de adjetivos, pois as propriedades formais dos lexemas em questão são todas verbais.

O artigo está organizado da seguinte forma. Num primeiro momento são apresentados os lexemas de sentido adjetival e suas propriedades morfossintáticas. Em seguida são expostas as propriedades morfológicas (flexão e composição) e sintáticas (funções desempenhadas) que definem os lexemas verbais. A seção seguinte aborda a flexão, a composição e as funções sintáticas características dos lexemas nominais. Uma hipótese diacrônica é sugerida antes de concluirmos com algumas considerações finais.

## 1 Lexemas que expressam qualidades

### 1.1 Apresentação

Observa-se em Xavante uma classe de lexemas que referem aos tipos semânticos que, segundo Dixon (1982, p. 16), estão associados à categoria dos adjetivos nas línguas onde esta categoria existe. Seguem abaixo alguns exemplos desta classe, em função dos tipos semânticos em questão.

dimensão	propriedade física	cor	idade	valor	velocidade	propensão humana
<b>saʔētē</b> 'grande'	<b>pire</b> 'pesado'	<b>pré</b> 'vermelho'	<b>ʔrada</b> 'velho'	<b>wē</b> 'bom'	<b>waptu</b> 'rápido'	<b>sōprub</b> 'generoso'
<b>ʔrare</b> 'pequeno'	<b>tede</b> 'duro'	<b>rã</b> 'branco'	<b>té</b> 'novo'	<b>pese</b> 'perfeito'		<b>sahi</b> 'bravo'
<b>pa</b> 'comprido'	<b>se</b> 'doce'	<b>ʔrādō</b> 'preto'		<b>uptabi</b> 'verdadeiro'		<b>waʔa</b> 'preguiçoso'
<b>ʔrudu</b> 'curto'	<b>waʔro</b> 'quente'					<b>sita</b> 'exibido'

Estes lexemas – que chamaremos por precaução de ‘lexemas com sentido adjetival’ – formam uma classe não só semântica como também morfossintática: uma de suas propriedades formais, como mostra o exemplo (1), é de poder ocupar uma posição seguinte a do nome para determiná-lo. Neste exemplo, o lexema *uptabi* ‘verdadeiro, autêntico’ segue o nome *damreme* ‘língua’: à primeira vista, poderia tratar-se de um adjetivo em função atributiva.

---

no leste do Mato Grosso, na região da Serra do Roncador e dos rios Culuene, das Mortes, Couto de Magalhães, Batovi e Garças. Nossos dados foram coletados na Terra Indígena São Marcos. Outros trabalhos efetuados na mesma área – mas que têm uma visão diferente sobre o problema tratado aqui – são Lachnitt (1999) e Oliveira (2007).

- (1) Romnhoré?wai ma hã da-mreme **uptabi** si hã  
 aluno DAT PE 3<sup>a</sup>GNQ-língua verdadeiro somente PE
- waihu?u za?ra wa?aba mono !  
 [3<sup>a</sup>ABS]ensinar PL COL ITR
- ‘Ensinem para os alunos somente a nossa verdadeira língua!’

No entanto, uma série de propriedades nos leva a pensar que um morfema como *uptabi* ‘(ser) verdadeiro’ em (1) não é o núcleo de um sintagma adjetival dependente de um nome como *damreme* ‘língua’ em função de atributo.

De modo geral, observa-se que a frequência de uso de um lexema com sentido adjetival após um nome é muito baixa; visto que estes lexemas formam uma classe extensa, esperaria-se que o uso destes fosse mais frequente no caso de serem adjetivos.

Existem também restrições sintáticas, como a impossibilidade de variar a ordem entre o nome e o lexema com sentido adjetival, assim como coordenar dois lexemas com sentido adjetival: para que o lexema com sentido adjetival apareça em outra posição ou faça parte de uma coordenação, ele deve ser usado numa forma específica. Ou seja, é importante notar o contraste entre uma forma simples do lexema com sentido adjetival e uma forma complexa, onde o mesmo é prefixado pelo morfema *ĩ-*, como ilustrado nos exemplos a seguir.

Em (2.a) vê-se que o lexema com sentido adjetival *?rãihö* ‘alto’, na sua forma simples, não pode anteceder o nome *aibö* ‘homem’. No entanto, prefixado pelo morfema *ĩ-* em (2.b), a ordem das palavras pode ser invertida.

- (2.a.i) Wa ?madö aibö **?rãihö.**  
 EGO [3<sup>a</sup>ABS]ver homem alto  
 ‘Eu vi um homem alto.’

- (2.a.ii) \* wa ?madö **?rãihö** aibö  
 EGO [3<sup>a</sup>ABS]ver alto homem

- (2.b.i) Wa ?madö aibö **ĩ-?rãihö.**  
 EGO [3<sup>a</sup>ABS]ver homem *ĩ*-alto  
 ‘Eu vi um homem alto.’

- (2.b.ii) Wa ?madö **ĩ-?rãihö** aibö.



(4.b) Robʔrã ĩ-sipo                      wa                      ti-ʔrẽ.  
fruta      N-estar.madura      EGO                      3ªABS-comer

‘Estou comendo uma fruta madura.’

Este mesmo tipo de oposição se encontra em outras línguas. Podemos observar em (5) que, segundo Van Tien Nguyen (2006, p. 97), o chinês também apresenta duas estruturas para qualificar um lexema nominal: em (a) está ilustrada a composição, envolvendo o lexema verbal *cōngmíng* ‘ser inteligente’ modificando o lexema nominal *rén* ‘pessoa’ numa palavra composta de dois radicais; em (b) a mesma qualificação é operada por um sintagma marcado pelo morfema *de*.

(5.a) Tā shì yī                      gè                      **cōngmíng-rén.**  
ele ser um                      CL                      ser.inteligente-pessoa

‘É uma pessoa inteligente.’

(5.b) Tā shì yī                      gè                      **cōngmíng                      de                      rén.**  
ele ser um                      CL                      ser.inteligente                      DE<sub>1</sub>                      pessoa

‘É uma pessoa inteligente.’

Um argumento que justifica a idéia da composição em Xavante é a impossibilidade de inserir um morfema entre o nome e o lexema de qualidade: observa-se em (6) que a inserção do clítico diminutivo *re* só é possível entre o nome *robʔrã* ‘fruta’ e a forma prefixada por *ĩ-* do lexema com sentido adjetival *ĩ-sipo* ‘estar maduro’; ela é agramatical entre as unidades *robʔrã* ‘fruta’ e *sipo* ‘estar maduro’, por serem dois componentes de uma palavra composta.

(6.a) Robʔrãi **re**    ĩ-sipo    wa                      ti-ʔrẽ.  
fruta                      DIM    N-estar.maduro    EGO                      3ªABS-comer

‘Estou comendo uma frutinha madura.’

(6.b) \*Robʔrãi **re**                      sipo                      wa                      ti-ʔrẽ  
fruta                      DIM                      estar.maduro                      EGO                      3ªABS-comer

Um nome seguido de um lexema com sentido adjetival constituem, portanto, uma unidade complexa cujos elementos não podem ser separados sintaticamente; trata-se, então, de

uma palavra composta morfo ou sintaticamente, e não de um nome seguido de um sintagma adjetival. Outros dados que levam a interpretar um nome seguido de um lexema com sentido adjetival como formando uma palavra composta estão expostos em (7): a palavra para ‘anta’, que tem a forma livre *uhödö* e a forma dependente *utö*, ilustradas em (a) e (b) respectivamente, só pode ser usada na forma dependente *utö* quando seguida por um lexema com sentido adjetival na sua forma simples, como mostram os exemplos (c) e (d); da mesma maneira, quando o lexema com sentido adjetival é usado na sua forma livre, ele só pode se combinar com a forma livre *uhödö*, como indicam os exemplos (e) e (f).

(7.a) **Uhödö**                      misi                      tâma                      ti-wĩ.  
 anta                                  um                                  3<sup>a</sup>+DAT                      3<sup>a</sup>ABS-matar  
 ‘(A onça) matou uma anta para ele.’

(7.b) **Utö-ʔrui-ʔwa**                      te                      aba                      mo.  
 anta-opôr.se-NAGT                      HTO                      caça                      [3<sup>a</sup>ABS]ir  
 ‘O caçador de anta (lit. ‘inimigo da anta’) foi caçar.’

(7.c) **Utö-zaʔëtê**                      norĩ                      te                      sisaʔre.  
 anta-ser.grande                      COL                      HTO                      [3<sup>a</sup>ABS]correr  
 ‘As antas grandes estão correndo.’

(7.d) \* **uhödö**                      zaʔëtê                      norĩ                      te                      sisaʔre  
 anta                                  ser.grande                      COL                      HTO                      [3<sup>a</sup>ABS]correr

(7.e) **Uhödö**                      ã-saʔëtê                      norĩ                      te                      sisaʔre.  
 anta                      N-ser.grande                      COL                      HTO                      [3<sup>a</sup>ABS]correr  
 ‘As antas grandes estão correndo.’

(7.f) \* **utö**                      ã-saʔëtê                      norĩ                      te                      sisaʔre  
 anta                      N-ser.grande                      COL                      HTO                      [3<sup>a</sup>ABS]correr

Assim, fica claro que existe uma classe de lexemas podendo qualificar um nome que não são adjetivos: na ausência de uma classe lexical de adjetivos na língua, lexemas com sentido

adjetival modificam nomes por meio de uma composição<sup>3</sup>. Para determinar qual a categoria destes lexemas, serão examinadas a seguir suas propriedades morfológicas e sintáticas para compará-las com as propriedades morfossintáticas dos verbos e dos nomes.

## 1.2 Propriedades morfossintáticas

As propriedades morfossintáticas dos lexemas com sentido adjetival apresentadas aqui dizem respeito à flexão, à composição e às funções sintáticas.

A flexão dos lexemas com sentido adjetival é parcialmente sintética, parcialmente analítica, como mostra o quadro abaixo: índices de pessoa objeto são prefixados ao radical, enquanto este é seguido pela partícula *di*, índice de sujeito impessoal.

**Quadro 1: flexão pessoal dos lexemas com sentido adjetival (no singular)**

1ª pessoa	ĩ-	di
2ª pessoa não marcada	a(i)-	di
2ª pessoa honorífica	aa-	di
3ª pessoa não marcada		di
3ª pessoa honorífica	ta-	di
3ª pessoa genérica	da-	di

A morfologia dos lexemas com sentido adjetival sugere que estes lexemas são verbos usados numa construção impessoal: o exemplo (8.a) mostra como o índice *di* representa um sujeito impessoal, por oposição ao sujeito *dawara* ‘corrida’, marcado pelo índice de sujeito heterofórico *te*<sup>4</sup> em (8.b). Ou seja, o lexema com sentido adjetival *wasutu* ‘estar cansado’ pode ser analisado como um verbo transitivo com sentido dinâmico ‘cansar’, cuja interpretação estativa obtem-se com um sujeito impessoal. Em outras palavras, ‘ele está cansado’ se diz literalmente algo como ‘o está cansando’. Neste caso, trata-se em (8) de um mesmo lexema usado em duas construções diferentes; nossa hipótese, porém, é que existem dois lexemas distintos – visto que não são todos os verbos transitivos que podem entrar numa construção impessoal – e por isso a glose é ‘estar.cansado’ em (8.a) e ‘cansar’ em (8.b).

- (8.a) Õhã wasutu di.  
 PR.3<sup>a</sup> [3<sup>a</sup>ABS]estar.cansado IMP  
 ‘Ele está cansado.’

<sup>3</sup> Existem certamente restrições semânticas, ainda por serem investigadas.

<sup>4</sup> Ver 2.1. e a nota 10.

8.b)	Da-wara	ã	ma	<b>te</b>	wasutu.
	3 <sup>a</sup> GNQ-corrída	PE	PFT	HTO	[3 <sup>a</sup> ABS]cansar
	‘A corrida o cansou.’				

Em todo caso, veremos mais adiante que a marca ‘zero’ na terceira pessoa, ilustrada em (8) com o lexema *wasutu* ‘estar cansado’, prova que os índices pessoais prefixados ao radical dos lexemas com sentido adjetival são verbais. Além disso, o morfema *di* não se emprega com nomes, mas é obrigatório com verbos depois da negação. Ou seja, a morfologia flexional dos lexemas com sentido adjetival é uma morfologia verbal.

Paralelamente às formas marcadas pelo índice de sujeito impessoal *di*, os lexemas com sentido adjetival também aparecem marcados pelo prefixo *ĩ-*: este morfema flexional indica, como veremos a seguir, a forma nominal de um lexema verbal, permitindo a este acessar as funções nominais (complemento e predicado). Os exemplos abaixo mostram que o lexema com sentido adjetival, mesmo na forma nominal, continua recebendo as marcas de pessoa do seu argumento.

(9.a)	Ahã	ĩ- <b>ai</b> -prã.
	PR.2 <sup>a</sup>	N-2 <sup>a</sup> ABS-ser.falso
	‘Você é falso.’	

(9.b)	Uburé	ĩ-ma	ĩ- <b>da</b> -wẽ.
	todos	1 <sup>a</sup> SG-DAT	N-3 <sup>a</sup> GNQ.ABS-ser.bom
	‘Gosto de todos.’		

Os lexemas com sentido adjetival podem participar da construção de uma palavra composta no sentido de *composé au sens fort* definido por Mel’čuk (1997, p. 87-89) como segue:

Nous distinguerons *composés au sens fort*, ou *composés<sub>1</sub>*, et *composés au sens faible*, ou *composés<sub>2</sub>*. [...] Les lexèmes *composés<sub>1</sub>* sont LIBREMENT FORMÉS par le locuteur dans le processus de parole [...], sont de « vrais » composés, des composés synchroniques, tandis que les *composés<sub>2</sub>* ne sont que des composés diachroniques. [...] Un lexème *composé<sub>1</sub>* (= composé au sens fort) ne doit pas apparaître dans un dictionnaire : il est tout à fait fabricable par règle, sur la base des racines emmagasinées dans la langue, et ne manifeste aucune phraséologisation.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> ‘Faremos a distinção entre *lexemas compostos no sentido forte*, ou *compostos<sub>1</sub>*, e *lexemas compostos no sentido fraco*, ou *compostos<sub>2</sub>*. [...] Os lexemas *compostos<sub>1</sub>* são FORMADOS LIVREMENTE pelo locutor durante o processo da fala [...], são ‘verdadeiros’ lexemas compostos, compostos sincrônicos, enquanto os *lexemas compostos<sub>2</sub>* são





(13.a) ãhã wede hã pa di.  
 DEM pau PE [3<sup>a</sup>ABS]ser.comprido IMP  
 ‘Esse pau está comprido.’

(13.b) ãhã wede hã i-pa.  
 DEM pau PE N[3<sup>a</sup>ABS]ser.comprido  
 ‘Esse pau é comprido.’

Observa-se em (14) que as marcas de tempo-aspecto-modo usadas com os lexemas de sentido adjetival em função de predicado são as mesmas quando o predicado é verbal: a partícula de prospectivo *za* usada em (a), assim como a partícula de modo irrealis *éré* em (b) podem ser observadas a seguir em (17) com o verbo *ñono* ‘dormir’.

(14.a) E ai-ma mram di za ?  
 PI 2<sup>a</sup>-DAT [3<sup>a</sup>ABS]estar.faminto IMP PROSP  
 ‘Você vai ficar com fome?’

(14.b) E éré ai-ma mram di ?  
 PI IRR 2<sup>a</sup>-DAT [3<sup>a</sup>ABS]estar.faminto IMP  
 ‘Você estava com fome?’

Quando usado na forma nominal, o lexema com sentido adjetival tem acesso às funções de complemento: ele funciona como o núcleo de um constituinte que é equivalente, do ponto de vista de suas funções sintáticas, a um sintagma nominal. (Trata-se de uma oração relativa do tipo comumente designado em inglês como *head-internal*<sup>8</sup>.) No exemplo (15), a palavra *ĩsiptete* – forma nominal do lexema com sentido adjetival *siptete* ‘ser forte’ – é o núcleo de um constituinte que funciona como um sintagma nominal em função de adjunto, marcado pela posposição instrumental *na*. Observa-se que o nome qualificado pela oração relativa, *dawedezé* ‘remédio’, pode ser omitido.

<sup>8</sup> Este tipo de oração relativa parece ser comum nas línguas macro-jê; para exemplos em mēbengokre e em karajá, ver respectivamente Salanova (2011) e Ribeiro (2006).

(15) [Dawedezé **ĩ-siptete** ]      na      te      wa-wede      zaʔra mono õ      di  
 remédio    N[3<sup>a</sup>ABS]ser.forte INSTR [3<sup>a</sup>ERG]AUX 1<sup>a</sup>PL.ABS-tratar PL ITR NEG EXPL  
 ‘Não estão nos tratando com remédios suficientemente bons.’

[ **ĩ-sibuwa**      **re** ]    na      si te      te      wa-wede      zaʔra.  
 N[3<sup>a</sup>ABS]ser.fraco DIM INSTR só HTO [3<sup>a</sup>ERG]AUX 1<sup>a</sup>PL.ABS-tratar PL  
 ‘só estão nos tratando com (remédios) fraquinhos’.

Termina aqui o panorama das propriedades morfossintáticas dos lexemas com sentido adjetival, onde foram apontadas semelhanças com as propriedades formais dos verbos. Estas são o objeto dos próximos parágrafos.

## 2 Lexemas verbais

Apresentamos aqui as características morfossintáticas dos lexemas verbais em comparação com as propriedades dos lexemas de sentido adjetival: a flexão é abordada em 2.1., a composição em 2.2. e as funções sintáticas são tratadas em 2.3.

### 2.1 Flexão

As categorias da flexão verbal examinadas aqui são as de pessoa, modalidade, finitude e polaridade. Os morfemas incluídos aqui podem ser afixos, clíticos ou partículas: sejam eles fonologicamente livres ou dependentes, são considerados como parte da flexão verbal por entrarem numa série de oposições constituindo um paradigma de valores para uma mesma categoria flexional.

A categoria da pessoa na flexão verbal é marcada por várias séries de morfemas: uma série de prefixos ergativa<sup>9</sup>, uma série de prefixos absolutiva e uma série de clíticos nominativos. Os morfemas que nos interessam aqui são os prefixos da série absolutiva no singular<sup>10</sup>, apresentados no quadro 2. (O condicionamento dos alomorfes pode ser aspectual ou morfológico.)

<sup>9</sup> Esta série opõe somente a segunda pessoa, marcada pelo prefixo *ĩ-*, a todas as outras. Para não sobrecarregar as glosas, não indicaremos o valor ‘não segunda pessoa ergativa’ correspondente à ausência de marca fonológica quando o sujeito de um verbo transitivo for de primeira ou terceira pessoa.

<sup>10</sup> A única expressão nos prefixos de pessoa da categoria do número se vê na primeira pessoa: assim, o prefixo absolutivo de primeira pessoa é *ĩ-* no singular e *wa-* no plural. Nas outras pessoas, o número é marcado por partículas pospostas ao verbo.

**Quadro 2: série absolutiva de prefixos pessoais verbais**

1ª pessoa	ĩ- ~ ø
2ª pessoa não marcada	a(i)-
2ª pessoa honorífica	aa-
3ª pessoa não marcada	ti- ~ ø
3ª pessoa honorífica	ta- ~ da-
3ª pessoa genérica	da-

Nota-se que a única diferença com os prefixos nominais (apresentados em 3.2.) se vê na marca ‘zero’ de terceira pessoa característica de uma classe morfológica de verbos, representada nos exemplos seguintes. O morfema sem conteúdo fonológico indica a terceira pessoa sujeito do verbo intransitivo *ñono* ‘dormir’ em (16.a) e objeto do verbo transitivo *sa?wa* ‘jogar’ em (16.b).

(16.a) Te            ñono.  
HTO            [3ªABS]dormir  
‘Ele está dormindo.’

(16.b) Ìhōiwarobo ma            sa?wa.  
papel            PFT            [3ªABS]jogar  
‘Ele jogou o papel.’

Observa-se que o uso das marcas nominativas do sujeito – os clíticos heterofórico *te* e egofórico *wa*<sup>11</sup>, que aparecem respectivamente em (16.a) e (17) – constitui a única diferença, em termos de flexão pessoal, entre os verbos e os lexemas com sentido adjetival.

Em termos de modalidade, pode-se ilustrar a flexão verbal com as partículas de prospectivo *za* e de irrealis *éré*, como mostram respectivamente os exemplos (17.a) e (17.b). Lembramos que são os mesmos morfemas que se combinam com os lexemas de sentido adjetival exercendo a função de predicado.

(17.a) Wa    **za**            ñono.  
EGO    PROSP    [1ªSG.ABS]dormir  
‘Eu vou dormir.’

<sup>11</sup> Seguimos aqui a terminologia sugerida por Tournadre (1994) para uma marcação que distingue a primeira pessoa de todas as outras.

- (17.b) Wa éré ñono.  
 EGO IRR [1ªSG.ABS]dormir  
 ‘Eu dormi.’

A flexão verbal também inclui a categoria da finitude: veremos em 2.3. que na sua forma não finita, o verbo pode ser o núcleo de um constituinte equivalente – do ponto de vista do seu papel sintático – a um sintagma nominal. Indicaremos aqui apenas que esta forma é flexional<sup>12</sup> e que ele é marcada pelo prefixo *ĩ-*. É importante ressaltar também que, mesmo na sua forma nominal, o verbo continua expressando a pessoa, como mostra o Quadro 3. Assim, no exemplo (18), a forma nominal do verbo *höimana* ‘viver’ na primeira pessoa plural é marcada pelos prefixos *ĩ-* e *wa-*.

**Quadro 3: prefixos pessoais dos verbos na forma nominal**

1ª pessoa singular	ĩ-
1ª pessoa plural	ĩ-wa-
2ª pessoa não marcada	ĩ-a(i)-
2ª pessoa honorífica	ĩ-aa-
3ª pessoa não marcada	ĩ-
3ª pessoa genérica	ĩ-da-

- (18) ʔre ĩ-wa-höimana zaʔra mono  
 PVB N-1ªPL.ABS-viver PL ITR  
 ‘o fato de estarmos vivendo’

Para terminar esta apresentação das propriedades flexionais dos verbos, indicaremos que a negação do verbo – quando este é o predicado numa oração independente – é sempre acompanhada pela partícula *di*<sup>13</sup>, como mostram os exemplos em (19): a forma negativa do

<sup>12</sup> Sobre a mudança de categorias sintáticas operada por flexão, ver Haspelmath (1996).

<sup>13</sup> Consideramos aqui o morfema *di* como um índice expletivo, pois a negação não pode ser analisada como uma construção impessoal; é claro, porém, que o índice expletivo e o índice de sujeito impessoal são hoje dois morfemas homônimos que têm uma origem comum.

verbo usado em (a) aparece em (b) não só com a marca de negação *õ* como também o morfema *di*; o dado em (c) mostra que, na ausência desta partícula, a negação se torna agramatical.

- (19.a) Wa      za      wara.  
 EGO    PROSP    [1ªSG.ABS]correr  
 ‘Vou correr.’
- (19.b) Ì-wara                      õ      **di**      za.  
 1ªSG.ABS-correr              NEG    EXPL    PROSP  
 ‘Não vou correr.’
- (19.c) \* Ì-wara                      õ      za.  
 1ªSG.ABS-correr              NEG    PROSP

## 2.2 Composição

Os lexemas verbais podem se combinar com um lexema nominal para formar um verbo composto de duas maneiras: por incorporação do argumento – ilustrada nos exemplos (20) e (21) com verbos respectivamente intransitivo e transitivo – ou por incorporação classificatória – representada em (22).

- (20.a) Õ      te      za      ti-?ré.  
 água    HTO      PROSP    3ªABS-secar  
 ‘A água vai secar.’
- (20.b) Te      za      ti-õ-?ré.  
 HTO    PROSP    3ªABS-água-secar  
 ‘Vai acabar a água.’
- (21.a) E    Ì-**za**      te      za      Ì-ta                      ?  
 PI    1ªSG-coxa    HTO    PROSP    2ªERG[3ªABS]arrancar  
 ‘Você vai arrancar a minha coxa?’
- (21.b) E    te      za      Ì-**za**-ta                      ?  
 PI    HTO    PROSP    2ªERG+1ªSG.ABS-coxa-arrancar  
 ‘Você vai me arrancar a coxa?’

(22.a) Da-ʔrã      **upsõ**      ni.  
 3<sup>a</sup>H-cabeça [3<sup>a</sup>ABS]lavar IND  
 ‘(Ele) lavou a cabeça dele.’

(22.b) Wa-si-uihö      na      wa-uza      wa      nasi      **hö-upsõ**      zaʔra      ni  
 1<sup>a</sup>PL-REFL-testa INSTR 1<sup>a</sup>PL-roupa EGO HAB [3<sup>a</sup>ABS]casca-lavar PL IND  
 wa-te      mono      bö.  
 1<sup>a</sup>PL-NGR DISTR ?  
 ‘Nós mesmos lavamos cada um a sua roupa.’

### 2.3 Funções sintáticas

Na sua forma finita, o verbo exerce a função sintática de predicado numa oração independente: em (23), é o caso do verbo *te ñono* ‘ele dorme’.

(23) Tawamhã,      sô      morĩ      wamhã,      hu      te      **ñono**.  
 então      PVB [3<sup>a</sup>ABS]ir quando      onça      HTO [3<sup>a</sup>ABS]dormir  
 ‘Então, quando eles foram atrás dele, a onça estava dormindo.’

Na sua forma não finita, marcada pelo prefixo *ĩ-*, o verbo é o núcleo de um constituinte que tem acesso a todas as funções de um sintagma nominal, mas que tem a estrutura interna de uma oração. Em (24), (25) e (26) um tal constituinte ocupa as posições de complemento sujeito, objeto e oblíquo respectivamente. O exemplo (27) mostra que um tal constituinte também pode exercer a função de predicado, da mesma forma que um sintagma nominal numa predicação inclusiva.

(24) [ Ĩsépu      wa-te      **ĩ-a-zéptö** ]      te      oto      ʔre      nomro.  
 doente 1<sup>o</sup>PL.ERG-AUX N[3<sup>o</sup>ABS]COL-curar HTO INC PVB [3<sup>o</sup>ABS]andar  
 ‘Os doentes que nós curamos estão andando agora.’

(25) [ Mimi      da-te      **ĩ-ubumro** ]      wa      wa-te      waibu.  
 lenha 3<sup>o</sup>GNQ.ERG-AUX N[3<sup>o</sup>ABS]juntar EGO 1<sup>o</sup>PL.ERG-AUX [3<sup>o</sup>ABS]pegar  
 ‘Nós pegávamos a lenha que (os homens) juntavam.’

(26) ãmem hã 25 na ma wa-ãma ti-wahu oto  
 aqui PE 25 INSTR PFT 1ªPL-PVB 3ªABS-completar.um.ano INC

[ ãme ʔre **ĩ-wa-höimana** zaʔra mono ] na hã.

aqui PVB N-1ªPL.ABS-viver PL ITR INSTR PE

‘Moramos aqui há 25 anos. (lit. “Anou por 25 vezes pelo nosso viver aqui.”)’

27) ãhã wedeñorõ hã [ marã ʔrep si ʔre **ĩ-höimana** zaʔra mono ].

DEM cordinha PE mato INESS só PVB N[3ªABS]existir PL ITR

‘Estas cordinhas são (das) que ficam só no mato.’

Em resumo, os lexemas com sentido adjetival compartilham uma série de propriedades morfossintáticas com os lexemas verbais: a marcação de pessoa é idêntica à série de prefixos pessoais verbais; as mesmas partículas modais são usadas na predicação; o mesmo prefixo *ĩ-* indica que o lexema tem uma forma não finita usada como núcleo de um constituinte sintaticamente equivalente a um sintagma nominal; o mesmo marcador *di*, que aparece na negação verbal, é usado para marcar um sujeito impessoal numa das construções usadas para a predicação dos lexemas com sentido adjetival. Além disso, estes últimos podem formar uma palavra composta, incorporando um lexema nominal numa incorporação argumental ou classificatória. Por fim, os lexemas com sentido adjetival têm, assim como os verbos e com as mesmas particularidades morfológicas, acesso às funções de predicado e complemento.

Em comparação, as propriedades morfossintáticas dos lexemas nominais são outras, como veremos nos parágrafos seguintes.

### 3 Lexemas nominais

Antes de serem apresentadas a flexão e a composição dos nomes em 3.1. e 3.2. respectivamente, serão feitas em 3.1. algumas observações sobre as classes morfológicas nominais. Em seguida serão abordados os papéis sintáticos desempenhados pelos nomes.

#### 3.1 Classes morfológicas

Existem duas classes morfológicas de lexemas nominais, ilustrada nos exemplos a seguir: a primeira – invariável – é constituída por nomes monovalentes (ou ‘alienáveis’); a

segunda – flexionável – por nomes divalentes (ou ‘inalienáveis’)<sup>14</sup>. Os nomes monovalentes só possuem um argumento, que aparece sob a forma de um sintagma nominal sujeito numa predicação inclusiva. Para introduzir um novo participante como dependente sintático do nome monovalente, é necessário associá-los por um nome genérico relacional. Assim, o participante com papel de ‘possuidor’ do nome monovalente *wapsã* ‘cachorro’ expresso pelo nome *aibö* ‘homem’ em (28) é introduzido como complemento do nome genérico relacional *te* ‘coisa de’. Já os nomes divalentes têm um argumento interno – além daquele (externo) que aparece como sujeito numa predicação – cuja expressão é obrigatória. Em (29) observa-se que a expressão do argumento interno de um nome divalente pode ser sintática – o sintagma nominal *wapsã* ‘cachorro’ em (a) – ou morfológica – o prefixo *ĩ-* em (b).

(28) *aibö te wapsã*  
 homem NGR cachorro  
 ‘cachorro do homem’

(29.a) **wapsã** *ʔrã*  
 cachorro cabeça  
 ‘cabeça do cachorro’

(29.b) **ĩ-***ʔrã*  
 3<sup>a</sup>-cabeça  
 ‘cabeça dele’

Os nomes divalentes podem ser derivados de nomes monovalentes ou de verbos. No primeiro caso, ilustrado em (30), a derivação é marcada pelo prefixo *ñiP-*: o nome divalente *ñipiʔõ* ‘mulher de’ – cujo argumento interno é expresso pelo sintagma nominal *warazu* ‘homem branco’ em (a) e pelo prefixo de primeira pessoa plural *wa-* em (b) – é derivado do nome monovalente *piʔõ* ‘mulher’.

(30.a) *warazu ñi-piʔõ*  
 homem.branco APL.N-mulher  
 ‘mulher do homem branco’

<sup>14</sup> Adotamos aqui a análise de Queixalós (2005) dos nomes em Katukina, que nos parece válida também para os nomes em Xavante.

(30.b) wa-**ñi**-piʔõ

1ªPL-APL.N-mulher

‘nossas mulheres’

Em (31) está ilustrada a derivação de um nome divalente a partir de um lexema verbal pelo prefixo *ñimi-* ~ *simi-*. O argumento interno do nome divalente *ñimihuri* ~ *simihuri* ‘trabalho de’ – derivado do lexema verbal *romhuri* ‘trabalhar’ – aparece sob a forma do sintagma nominal *piʔõ* ‘mulher’ em (a) e sob o prefixo de terceira pessoa *ĩ-* em (b).

(31.a) piʔõ    **ñimi**-romhuri

mulher    NMZ-trabalhar

‘trabalho de mulher’

(31.b) **ĩ-simi**-romhuri

3ª-NMZ-trabalhar

‘seu trabalho’

A construção de nomes divalentes por derivação prefixal foi mencionada aqui para apoiar uma hipótese diacrônica, proposta em 4. Antes disso, o parágrafo seguinte – que apresenta a flexão dos nomes divalentes – mostra que esta é diferente da flexão dos lexemas com sentido adjetival.

### 3.2 Flexão

A flexão dos nomes divalentes, parcialmente<sup>15</sup> representada no Quadro 4, mostra que a série dos prefixos de pessoa nominais (ou ‘prefixos possessivos’) se distingue da série dos prefixos de pessoa verbais principalmente pela marcação da terceira pessoa, sendo *ĩ-* no caso dos nomes e *ti-* ou ‘zero’ no caso dos verbos.

---

<sup>15</sup> A observação feita na nota 9 sobre a flexão verbal também é aplicável aqui no caso dos nomes: a categoria do número – que não é pertinente neste contexto – é expressa por partículas pós-verbais, com exceção da primeira pessoa plural, marcada pelo prefixo *wa-*.

**Quadro 4: flexão dos nomes divalentes**

1ª pessoa	ĩĩ-
2ª pessoa não marcada	a(i)-
2ª pessoa honorífica	aa-
3ª pessoa não marcada	ĩ-
3ª pessoa honorífica	ta-
3ª pessoa co-referente	ti-
3ª pessoa genérica	da-

Assim, o radical verbal *-mreme* aparece na terceira pessoa em (32.a) sem marca fonológica, enquanto o radical nominal da mesma forma em (32.b) é prefixado pelo morfema de terceira pessoa *ĩ-*.

(32.a) *Ãne te mreme.*

assi HT [3ªABS]fala  
m O r

Ele falou assim.

(32.b) *Ãhãta ĩ-mreme wawã hã aimawi.*

DEM 3ª-fala som P ser.diferent  
E e

Lá o som da fala (do povo) é diferente.

### 3.3 Composição

Ao contrário dos verbos, os nomes não incorporam um argumento; eles podem apenas se combinar com um lexema de sentido adjetival, sendo o núcleo numa composição atributiva. Nos seguintes exemplos, as qualidades ‘ser falso’ e ‘ser antigo’ são atribuídas aos nomes *a?é* ‘colar’ e *ñitobruí* ‘inimigo’ pelos lexemas *prã* e *?rada* respectivamente dentro de uma palavra composta.

(33.a) aʔé-prã

colar-ser.falso

‘colar falso’

(33.b) ñ-ñitobruí-ʔrada

1<sup>a</sup>SG-inimigo-ser.antigo

‘meu antigo inimigo’

### 3.4 Funções sintáticas

Os lexemas nominais têm acesso à função de predicado sem que seja necessário o uso de uma cópula, mesmo que a propriedade atribuída pelo sintagma nominal predicado seja determinada como posterior ou anterior a um ponto de referência. Para ser marcada como posterior, o sintagma nominal é seguido por um morfema gramatical<sup>16</sup>, o projetivo *da*, ilustrado em (34.b); a anterioridade, por sua vez, é expressa pela composição do nome com o lexema de sentido adjetival *ʔrada* ‘ser antigo’, como mostra o exemplo (34.c).

(34.a) ãhã          aibö          utö-ʔrui-ʔwa.  
DEM          homem      anta-opôr.se-NAGT  
‘Esse homem é caçador de anta.’

(34.b) ãhã      aibö      utö-ʔrui-ʔwa          **da**      hã.  
DEM      homem      anta-opôr.se-NAGT      PRO      PE

‘Esse homem vai ser caçador de anta. (lit. ‘Esse homem é um futuro caçador de anta.’)’

(34.c) ãhã          aibö          utö-ʔrui-ʔwa-ʔrada.  
DEM          homem          anta-opôr.se-NAGT-ser.antigo  
‘Esse homem foi caçador de anta.’

Nota-se que a expressão da posterioridade e anterioridade é diferente com um predicado verbal: lembramos que a interpretação temporal de uma predicação verbal obtém-se com partículas modais.

---

<sup>16</sup> Que também serve para marcar o sintagma nominal em função de complemento.

Outra função sintática acessível aos nomes é a função de complemento – seja este a expressão de um argumento previsto pela valência do lexema verbal ou um adjunto. No exemplo a seguir, os sintagmas nominais assinalados em negrito funcionam como complemento sujeito, objeto e oblíquo.

- (35) **Aʔuwẽ norĩ** hã te **tebe** te ʔre hõzu **ariwede** na.  
 Xavante COL PE HTO peixe [3<sup>a</sup>ERG]AUX PVB [3<sup>a</sup>ABS]fisgar flecha.sp INSTR  
 ‘Os Xavantes fisgam os peixes usando a flecha *ariwede*.’

Vale ressaltar que, sendo o núcleo de um sintagma em função de complemento, os nomes não são marcados por um morfema específico para esta função, ao contrário dos verbos, que necessitam o prefixo da forma nominal *ĩ-*.

Fica claro, portanto, que os lexemas com sentido adjetival não são nominais e constituem uma subclasse dentro da categoria dos lexemas verbais. Para concluir, algumas observações são apresentadas nos seguintes parágrafos para sugerir uma hipótese diacrônica.

#### 4 Hipótese diacrônica

Como veremos com os dados a seguir, os lexemas com sentido adjetival – apesar de serem verbais numa análise sincrônica – podem ter uma origem nominal.

Uma primeira observação diz respeito à partícula *di*: o exemplo em (36.a), encontrado em McLeod e Mitchell (2003, p. 74), mostra este morfema combinado ao sintagma nominal *aibö* ‘homem’ como sendo uma cópula existencial. Talvez ainda seja o caso em certos dialetos, mas na região onde nossos dados foram recolhidos, uma predicação existencial se dá como em (36.b), com outro morfema gramatical. Ou seja, os lexemas com sentido adjetival – atualmente verbos – podem ter sido nomes usados numa predicação existencial com a cópula *di*. Estes nomes poderiam ter sido reanalisados em verbos conseqüentemente à perda do sentido existencial do morfema *di*.

- (36.a) Aibö **di**.  
 homem EXIST  
 ‘Há homens.’

- (36.b) Aibö **iré** hã  
 homem EXIST PE  
 ‘Há homens.’

Além disto, prefixos derivacionais nominais encontram-se ‘fossilizados’ dentro do radical de certos lexemas com sentido adjetival: rastros do aplicativo nominal *ñiP-*, morfema aumentador de valência dos nomes monovalentes, e do prefixo de derivação deverbal *ñimi-* ~ *simi-*, ambos construindo nomes divalentes, estão ilustrados respectivamente em (37.a) e (37.b).

(37.a) Wahã ñi-ñiptede.  
 PR.1<sup>a</sup> N+1<sup>a</sup>SG.ABS-ser.forte  
 ‘Eu sou forte.’

(37.b) Aiʔuté hã simizaʔrese di.  
 criança PE [3<sup>a</sup>ABS]ser.esperto IMP  
 ‘A criança é esperta.’

## Considerações finais

Portanto, podemos concluir sobre a natureza dos lexemas que expressam qualidades em Xavante que, uma vez analisadas as propriedades morfossintáticas das principais classes lexicais da língua, percebe-se que as noções tipicamente expressas por adjetivos nas línguas onde esta categoria existe estão lexicalizadas numa subclasse verbal<sup>17</sup>, e que esta tem possivelmente uma origem nominal. Na ausência de adjetivos, a atribuição de uma qualidade a um nome se faz por composição ou por relativização, sendo que a primeira operação sofre restrições semânticas enquanto a segunda é sempre produtiva.

## Abreviações

ABS	Absolutivo	INESS	Inessivo
APL.N	Aplicativo nominal	INSTR	Instrumental
AUX	Auxiliar	IRR	Irrealis
COL	Coletivo	N	Forma nominal
CONJ	Conjunção	NEG	Negação
DAT	Dativo	NGR	Nome genérico relacional
DEM	Demonstrativo	NMZ	Nominalizador

<sup>17</sup> Chegamos à mesma conclusão que Cunha de Oliveira (2003) sobre esta questão em Apinajé, língua também do tronco macro-jê.

DIM	Diminutivo	NOM	Nominativo
DISTR	Distributivo	PE	Partícula de ênfase
EGO	Egofórico	PFT	Perfeito
ERG	Ergativo	PI	Partícula interrogativa
EXIST	Existencial	PL	Plural
EXPL	Expletivo	PR	Pronome
FOC	Foco	PRO	Projetivo
GNQ	Genérico	PROG	Progressivo
H	Honorífico	PROSP	Prospectivo
HTO	Heterofórico	PVB	Prevérbio
IMP	Sujeito Impessoal	SG	Singular
INC	Incoativo		

## REFERÊNCIAS

- CUNHA DE OLIVEIRA, C. Lexical Categories and the Status of Descriptives in Apinajé. *International Journal of American Linguistics*, v.69, n.3, 2003. p.243-274.
- DIXON, R. *Where have all the adjectives gone?* Berlin: Mouton Publishers, 1982.
- HASPELMATH, M. Word-class-changing inflection and morphological theory. In: BOOIJ, G.; VAN MARLE, J. (Ed.). *Yearbook of Morphology 1995*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996. p.43-66.
- LACHNITT, G. *Damreme'uwaimramidzé: estudos sistemáticos e comparativos de gramática xavante*. 2. ed. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso Universidade Católica Dom Bosco, 1999.
- MCLEOD, R.; MITCHELL, V. *Aspectos da língua xavante*. Cuiabá: SIL, 2003. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/dictgram/xvgram.pdf>>.
- MEL'ČUK, I. *Cours de morphologie générale. Cinquième partie: signes morphologiques*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal; CNRS Éditions, 1997.
- OLIVEIRA, R. *Morfologia e sintaxe da língua xavante*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2007.

QUEIXALÓS, F. Posse em katukína e valência dos nomes. In: RODRIGUES, A.; CABRAL, A. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. p.177-202.

RIBEIRO, E. Subordinate Clauses in Karajá. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, v.1, n.1, p.17-47, 2006.

SALANOVA, A. Relative clauses in Mëbengokre. In: GIJN, R., HAUDE, K.; MUYSKEN, P. (Eds.). *Subordination in Native South American Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p.45-78.

TOURNADRE, N. Personne et médiatifs en tibétain. *Faits de langues*, v.2, n.3, 1994. p.149-158.

VAN TIEN NGUYEN, É. *Unité lexicale et morphologie en chinois mandarin : vers l'élaboration d'un dictionnaire explicatif et combinatoire du chinois*. Tese (Doutorado) Faculté des études supérieures. Université de Montréal, Montréal, 2006.ok

# Classificação nominal em línguas Tupi *Nominal classification in Tupian languages*

Luciana STORTO\*

Universidade de São Paulo (USP)

Jéssica Clementino da COSTA\*\*

Universidade de São Paulo (USP)

**RESUMO:** No presente trabalho, abordamos a classificação nominal em cinco línguas da família Tupi: Mekéns (ramo Tupari); Karitiana (ramo Arikém); Gavião (ramo Mondé); Karo (ramo Ramarama) e Munduruku (ramo Munduruku). Karo apresenta um sistema com 11 classificadores. Munduruku, de acordo com Gomes (2006, 2009), apresenta um sistema complexo de nomes inalienáveis classificadores de outros nomes, os quais se combinam também com adjetivos, verbos, numerais, entre outras categorias. Tendo em vista a complexidade desse sistema, analisamos esses nomes como classificadores que concordam com adjetivos, nomes e numerais, à semelhança do que ocorre com Karo entre nomes e adjetivos. Mekéns, Gavião e Karitiana não possuem classificadores e sim nomes (alienáveis e inalienáveis) que possuem uma semântica ligada à dos classificadores, já que eles estão presentes em contexto de posse e funcionam como modificadores de outros nomes. Utilizando-nos do método comparativo, identificamos cognatos entre os classificadores do Karo e do Munduruku e os nomes do Mekéns, Gavião e Karitiana. Quatro dessas formas foram reconstruídas como nomes por Rodrigues (2005, 2007), Rodrigues e Cabral (2012), e uma quinta forma foi reconstruída por nós. Os resultados da reconstrução das formas nominais em Proto-Tupi nos fizeram concluir que Karo e Munduruku inovaram ao criarem um sistema de classificadores não presente na protolíngua. No entanto, é altamente plausível que estes nomes tenham tido, já na proto-língua, uma função classificadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tupi. Classificação Nominal. Classificadores. Reconstrução

**ABSTRACT:** In this paper, we discuss nominal classification in five languages of the Tupian family: Mekéns (Tupari branch); Karitiana (Arikém branch); Gavião (Mondé branch); Karo (Ramarama branch) and Munduruku (Munduruku branch). Karo presents a system of classifiers consisting of eleven items. Munduruku, according to Gomes (2006, 2009) presents a complex system of inalienable nouns that classify other nouns and combine with adjectives, verbs, numerals, among other categories. Considering the complexity of this system, we analyzed these nouns as classifiers, similarly to what occurs with Karo. Mekéns, Gavião and Karitiana do not have classifiers proper, but they present instead alienable and inalienable nouns with a function similar to that of classifiers, which are present in the context of possession and modify other nouns. Using the comparative method, we identified cognates among Karo and Munduruku classifiers, on one side, and Mekéns, Gavião and Karitiana nouns, on the other side. Four of these forms were taken from Rodrigues (2005, 2007) Rodrigues e Cabral (2012) and one form was reconstructed by us. We conclude that Karo and Munduruku innovated by creating a system of classifiers which is not present in the proto language. However, the hypothesis that these nouns had a classifying function in the mother language is highly plausible.

**KEYWORDS:** Tupian. Nominal Classification. Classifiers. Reconstruction

## Introdução

Os 10 ramos em que se agrupam as línguas da família Tupi localizam-se quase que majoritariamente na área amazônica brasileira: ramos Tupi-Guarani, Puruborá, Awetí, Juruna, Mawé, Munduruku, Mondé, Ramarama, Arikém e Tupari. Geograficamente, há 5 ramos localizados hoje em Rondônia (Puruborá, Ramarama, Mondé, Tupari e Arikém) e 5 fora do estado

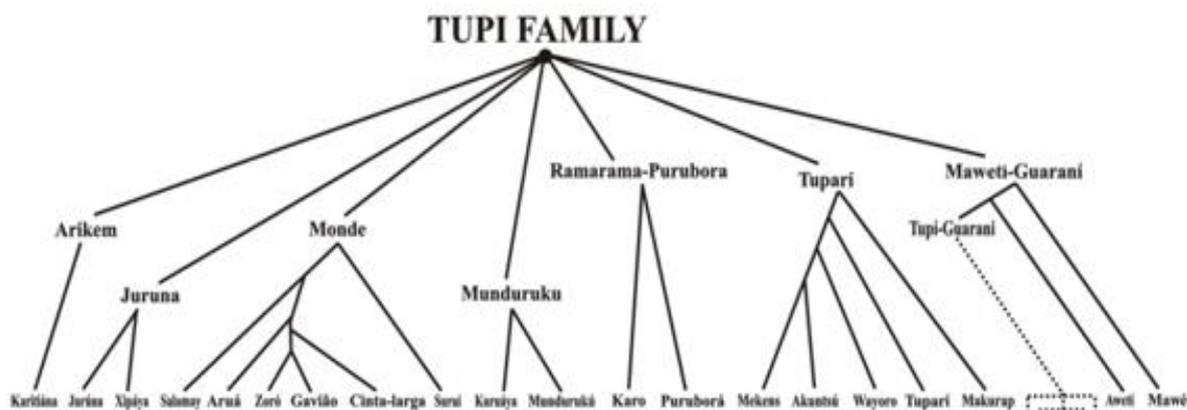
---

\* Professora do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. E-mail: storto@usp.br

\*\* Mestranda em Linguística Geral pelo Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo – DL-USP. Bolsista FAPESP. E-mail: jessica.cc@usp.br

(Juruna, Munduruku, Mawé, Aweti, Tupi-Guarani). Rodrigues (2007) propõe uma divisão genética da família em dois subgrupos principais, o que reflete esta divisão geográfica: ocidental (línguas de RO) e oriental (línguas de fora de RO). Escolhemos uma representação mais conservadora da divisão genética da família, apresentada na figura abaixo, que considera os subgrupos Mawé-Aweti-Tupi-Guarani e Puruborá-Ramarama, mas não chega a agrupar os outros ramos como mais próximos ou distantes entre si:

Figura 1: Classificação Genética da Família Tupi (Galúcio et. al, submetido a publicação)



Após analisar o sistema de classificação nominal em cinco línguas pertencentes a cinco famílias diferentes do Tronco Tupi – Mekéns (ramo Tupari); Karitiana (ramo Arikém); Gavião (ramo Mondé); Karo (rama Ramarama) e Munduruku (ramo Munduruku) – Costa (2011) constatou semelhanças e diferenças nos padrões relacionados à classificação nominal nessas línguas.

Segundo Gabas (1999), Karo é uma língua Tupi que possui um sistema de classificadores, porém pouco desenvolvido (com onze classificadores). Caso um adjetivo ocorra com um nome que possui um classificador, este último, por concordância, aparece marcando o adjetivo também.

Munduruku possui classificadores nominais segundo Crofts (1973, 1985) e Aikenvald (2012). Para Aikenvald (2012), em Munduruku há mais de cento e vinte classificadores que caracterizam o nome referente quanto à forma. Para Crofts (1973, 1985), esta língua possui em torno de cinquenta classificadores, que também são nomes inalienáveis. Gomes (2006, 2009), por outro lado, afirma que em Munduruku não há classificadores, mas um grupo, menos extenso daquele proposto por Crofts (1973, 1985), de nomes inalienáveis que desempenham função classificadora. Esses nomes são chamados de Nomes com Função Classificadora (doravante NFC). O autor afirma que os NFC não formam um sistema de classificadores, nem uma classe específica. Eles são nomes inalienáveis que podem classificar outros NPs. Nessa função, eles podem aparecer compostos com outros predicados, como verbos, adjetivos, numerais e outros nomes inalienáveis. No seu sentido primitivo, eles designam o nome de partes – animal (cabeça, dedo) ou vegetal (folha, semente) – e estabelecem uma relação de parte-todo com outro núcleo nominal.

Na presente pesquisa, analisamos os NFC do Munduruku como classificadores, uma vez que estes nomes: i) concordam com elementos dentro e fora do SN (adjetivos ou numerais e verbos, respectivamente); ii) classificam o nome quanto à sua forma; e iii) apesar de possuírem uma origem lexical clara, quando classificam um nome, são obrigatórios (não possuem autonomia lexical). Assim, Munduruku e Karo (conforme será mostrado mais adiante), gramaticalizaram alguns nomes, tornando-os classificadores, sendo que muitos desses nomes continuam sendo núcleos de sintagmas nominais e pronomes nas línguas.

Karitiana, Mekéns e Gavião, por sua vez, possuem um sistema de classificação nominal simples, no qual nomes livres e/ou presos, em contexto de posse, funcionam como

modificadores de outros nomes. Nessa função, eles classificam objetos de acordo com as características físicas, ou funcionais destes.

Segundo Aikenvald (2012), em muitas línguas Tupi há um tipo classificação nominal como o discutido nas quatro línguas acima citadas. De acordo com a autora, na família Tupi-Guarani, existiria um grupo de morfemas classificadores que categorizam, com semântica genérica, o nome possuído de construções possessivas. Em Urubu-Kaaapor (Tupi-Guarani), por exemplo, haveria alguns nomes de animais, como o nome cachorro (*jawar*), que não podem receber prefixos de posse diretamente. Nesses casos, o classificador de semântica genérica deve aparecer junto ao prefixo de posse, antes do nome possuído. Tal fato também é encontrado em Mekéns, conforme veremos adiante.

Observando que apenas duas línguas Tupi possuem um sistema de classificadores, levantamos duas hipóteses quanto à classificação nominal no Tronco Tupi: ou i) Karo e Munduruku são línguas inovadoras e adquiriram um sistema de classificadores próprio; ou ii) estas duas línguas são conservadoras e preservaram um sistema de classificadores já existente na protolíngua e perdido pelas outras línguas Tupi estudadas.

Para identificar a hipótese correta, buscamos possíveis cognatos entre os classificadores do Karo e do Munduruku com nomes (alienáveis e inalienáveis) das outras quatro línguas estudadas. Baseando-nos em Rodrigues (2005, 2007 e 2012), identificamos a existência de quatro dessas formas nominais no Proto-Tupi. Utilizando o método comparativo podemos identificar que todas as cinco formas reconstruídas em Proto-Tupi são nomes. Desse modo, Karo e Munduruku são línguas inovadoras por desenvolverem um sistema de classificadores próprio. Demonstraremos, ao longo do artigo, como esta hipótese foi comprovada por esta pesquisa.

## 1 O sistema de classificação nominal na Amazônia

De acordo com Grinevald (2000), os classificadores constituem um sistema aberto de categorização nominal, de clara origem lexical, usado em construções morfossintáticas específicas. Segundo a autora, os classificadores não são categorias completamente gramaticalizadas, como são as classes nominais das línguas Bantu. Eles possuem uma natureza lexical evidente e são usados em construções sintáticas específicas. Ademais, os classificadores se distinguem de sistemas puramente lexicais (isto é, nomes que modificam outros nomes), pois eles são morfemas, independentes ou afixais, que se prendem a elementos de uma oração.

Segundo Payne e Seifart (2007), os sistemas de classificação nominal do Noroeste da Amazônia foram descritos na literatura como “sistemas mistos”, por possuírem características tanto do sistema de classificadores quanto do sistema de classes nominais. Para os autores, as línguas Amazônicas possuem um sistema próprio de organização da sua gramática. Em Yagua (Peba-Yagua), por exemplo, os classificadores podem ter funções derivacionais, isto é, podem formar novos lexemas, assim como podem aparecer em funções flexionais, ou seja, podem concordar sintaticamente com os componentes de uma sentença, o que é característico do sistema de classes nominais da língua Bantu. No entanto, os mesmos classificadores são necessários com demonstrativos e numerais (concordância dentro do sintagma nominal), como ocorre com o sistema de classificadores do Chinês.

Nas línguas Karo e Munduruku, também podemos encontrar padrões mistos entre classificadores e classes nominais. Em ambas as línguas, há concordância do classificador com adjetivos (dentro do sintagma nominal) e em Munduruku há concordância, ainda, com verbos (concordância com predicado fora do sintagma nominal). Mas também há classificação do nome quanto à sua forma em ambos e concordância com numerais em Munduruku somente.

Para a presente pesquisa, consideramos que uma língua Tupi possui classificadores quando: i) há um grupo de partículas/nomes que, mesmo possuindo origem lexical clara, classificam um nome quanto à forma, função, classe; ii) enquanto classificadores, perdem sua autonomia lexical; iii) estabelecem algum tipo de concordância com outros elementos dentro do sintagma nominal ou da sentença (verbo, adjetivo, numeral, demonstrativo, etc.).

## 2 Análise diacrônica dos dados

Objetivando reconstruir a protoforma que originou alguns dos classificadores do Karo e do Munduruku e os nomes nas outras quatro línguas Tupi, levantamos os dados acerca da classificação nominal em Karo, Mekéns, Munduruku, Gavião e Karitiana. Buscamos correspondências regulares que pudessem evidenciar uma origem em comum entre os classificadores e os nomes estudados.

Observamos semelhanças fonológicas entre os classificadores do Karo e do Munduruku e outros nomes (alienáveis e inalienáveis) do Karitiana, Mekéns e Gavião. Quatro formas reconstruídas dos cognatos no Proto-Tupi foi identificada em Rodrigues (2005, 2007 e 2012). A última forma (*\*pap*) é uma proposta de reconstrução deste trabalho. Abaixo, segue tabela com os possíveis cognatos:

Tabela 1: Cognatos e formas reconstruídas na Família Tupi

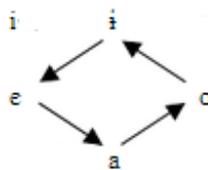
Proto-Tupi	Karo	Gavião	Karitiana	Munduruku	Mekéns
<b>*ep<sup>w</sup></b> Folha (RODRIGUES, 2007)	<b>peʔ</b> Achatado	<b>sep</b> Objeto como folha	<b>sap</b> Folha	<b>-sup/-tup</b> Objeto como folha	<b>-ep</b> Folha
<b>*kʔip</b> Árvore (RODRIGUES, 2007)	<b>ʔip</b> Cilíndrico e médio	<b>ʔiip</b> Objeto longo e fino	<b>ʔep</b> Árvore; Osso	<b>-ʔip</b> Em forma de pau/bastão; Árvore	<b>kip</b> Árvore
<b>*ʔa</b> Fruta/cabeça (RODRIGUES, 2007)	<b>ʔaʔ</b> Redondo	<b>káp/aá</b> Objeto redondo; fruta	<b>-ʔo</b> Fruta	<b>-ʔa</b> Objeto redondo	<b>ʔa</b> Fruta
<b>*ʔi</b> Água (RODRIGUES, 2007)	<b>ici</b> Água	<b>ci</b> Líquido	<b>-se</b> Líquido	<b>-di/-ti</b> Qualquer líquido	<b>iki</b> Água
<b>*pap<sup>2</sup></b> Objeto cilíndrico e grande	<b>pap</b> Cilíndrico e grande	<b>áp</b> Objeto longo e fino		<b>-ba/-pa</b> Cilíndrico e flexível; Braço	

De acordo com Rodrigues (2005, 2007 e 2012), as formas reconstruídas são nomes simples. O cognato para a forma reconstruída *\*ʔi* ‘água’ não corresponde a um classificador no sistema do Karo (sendo apenas um nome simples, *ici* ‘água’), mas corresponde a um classificador em Munduruku.

A mudança vocálica é uma correspondência sonora regular muito frequente nos cognatos encontrados. Este processo consiste em uma mudança regular das vogais do Proto-Tupi (PT) para o Proto-Arikém (PA). Essa mudança foi proposta por Rodrigues (1986) e corroborada por Storto e Baldi (1994), que afirmam que houve as seguintes mudanças vocálicas do PT para o PA:

Figura 2: Mudança vocálica do Proto-Arikem proposta por Storto e Baldi (1994)

<sup>2</sup> Segundo Rodrigues (2007), a forma *\*pap*, em Proto-Tupi, é a reconstrução do verbo ‘morrer’.



Conforme vemos no diagrama apresentado acima na figura 2, a sequência de mudança de mudança vocálica é:

PT e>PA> a, PT a > PA o, PT o >PA i, e PT i > PA e

Abaixo, comentaremos detalhadamente cada cognato e os termos reconstruídos.

- 1) **\*ep<sup>w</sup> ‘folha’ (Rodrigues):** em final de palavra, a oclusiva bilabial surda labializada *\*/p<sup>w</sup>/* realiza-se como oclusiva bilabial surda */p/* na maioria dos cognatos, exceto no cognato de Karo, no qual observamos a realização da oclusiva glotal */ʔ/*. Rodrigues (2007) propõe *\*/p<sup>w</sup>/* e *\*/p/* como fonemas diferentes em Proto-Tupi (PT) porque seus reflexos não são os mesmos nas línguas filhas. O caso do Karo, onde temos uma oclusiva glotal na posição do cognato em que temos um [p] nas outras línguas filhas é uma das correspondências que motivaram a proposta do fonema p labializado, juntamente com o fato de que em Proto-Tupi-Guarani (PTG) o reflexo de PT *\*/p<sup>w</sup>/* é PTG *\*/p<sup>w</sup>/*. Identificamos a mudança da vogal intermediária conforme visto em Storto e Baldi (1994): a vogal */e/* permanece nas línguas Gavião, Mekéns e Karo; realiza-se como */a/* em Karitiana. Nos cognatos do Karo, Gavião, Karitiana e Munduruku há um fonema consonantal no início da palavra: fricativa alveolar surda */s/* em Gavião, Karitiana e Munduruku. Moore e Galúcio (1994) reconstróem um fonema *\*D* em Proto-Tupari que corresponde a estes mesmos reflexos de */s/*.
- 2) ***k<sup>2</sup>ip* ‘árvore’:** o protofonema oclusivo velar glotalizado *\*/k<sup>2</sup>/* passa por um processo de anteriorização em Karo, Karitiana e Munduruku, realizando-se como uma oclusiva glotal */ʔ/*, processo comum encontrado na passagem do Proto-Tupi para as outras famílias (RODRIGUES, 2005, 2007, RODRIGUES; CABRAL 2012). Em Mekéns, o protofonema oclusivo velar glotalizado *\*/k<sup>2</sup>/* realiza-se como oclusiva velar simples */k/*. Percebe-se a ocorrência da mudança em cadeia das vogais orais do PT para o Proto-Arikém: Karo e Mekéns */i/* > Karitiana */e/*. Esta mesma mudança vocálica corresponde a */i/* em Mundurukú e Gavião (regra proposta por Rodrigues 2007 para as famílias Munduruku e Mondé). Em coda, a oclusiva bilabial surda *\*/p/* tem o mesmo reflexo em todos os cognatos.
- 3) ***\*ʔa* ‘fruta’, ‘cabeça’:** A vogal *\*/a/* conservou-se quase que majoritariamente em todas as línguas analisadas do Tronco Tupi, com exceção da língua Karitiana, que realiza a vogal */o/*. A oclusão glotal inicial permaneceu em todos os cognatos, com exceção do Gavião, que elidiu esse fonema.
- 4) ***\*ʔi* ‘água’:** A vogal alta central *\*/i/* mudou de qualidade para alta anterior */i/* nas línguas Munduruku e Gavião. Em Karitiana, a mudança gerou a vogal média-alta anterior */e/*.
- 5) ***\*pap:*** a vogal */a/* possui correspondentes nos três cognatos selecionados. Há elisão da oclusiva bilabial surda */p/* ora na posição de ataque silábico (Gavião), ora na posição de coda (Munduruku). Em Karo, a clusiva bilabial surda é preservada em ambas as posições.

As formas reconstruídas dos cognatos das cinco línguas estudadas são nomes simples, logo, não temos evidências de que em Proto-Tupi havia classificadores, o que corrobora a hipótese de que o sistema de classificadores do Karo e do Munduruku sejam inovadores.

A hipótese apresentada nesse trabalho vai ao encontro do trabalho mais recente de Rodrigues e Cabral (2012), no qual os autores afirmam que não é possível reconstruir em Proto-Tupi um sistema de classificação nominal. Todavia, de acordo com os autores, isso não implica que a protolíngua não tivesse condições morfossintáticas para desenvolver tal sistema semântico de classificação.

### 3 Apontamentos sobre a classificação nominal das línguas Tupi

Nessa seção, apresentamos dados que mostram o sistema de classificação nominal nas línguas Karo, Munduruku, Mekéns, Karitiana e Gavião.

#### 3.1 Karo

Os dados de Karo foram extraídos de Gabas (1999). Os classificadores do Karo são:

Tabela 2: Classificadores do Karo

Classificador	Significado	Classificador	Significado
pap	Cilíndrico, grande	ʔaʔ	Redondo
ʔip	Cilíndrico, médio	kaʔ	Côncavo ou convexo
piʔ	Cilíndrico, pequeno	kap	Grupo de mesma origem
peʔ	Achatado	maʔ	Grupo de origem diferente
ciʔ	Fino	ŋa	Feminino

Fonte: Gabas (1999)

Os onze classificadores são partículas funcionais livres, não são afixados ao nome e nem são obrigatórios. Eles podem ocorrer com o núcleo nominal do sintagma nominal (contexto prototípico de ocorrências); em construções genitivas (o classificador ocorre depois do sintagma nominal, porém ele segue o núcleo do sintagma, isto é, o nome possuído); em compostos (o classificador não segue o núcleo, mas o primeiro nome do NP, isto é, o modificador do nome composto). Quando um adjetivo ocorre em um desses três tipos de construção, o classificador aparece depois do adjetivo, concordando com ele. Exemplos<sup>3</sup>:

(1) **iu pap ci kãp pap**  
 açai CL água delicioso CL  
 ‘Delicioso vinho de açai’

(2) **karo nãk ʔaʔ pĩk ʔaʔ**  
 arara boca CL preto CL  
 ‘Boca preta da arara’

Em Karo, os classificadores classificam o nome ao qual se associam quanto à forma, à função, ao gênero e ao arranjo. Além disso, é possível identificar uma origem claramente lexical em dois

<sup>3</sup> Neste trabalho, usaremos as seguintes abreviaturas (a ordem está de acordo com o aparecimento nos exemplos): **CL**: classificador. **R1**: indicador de determinante contíguo. **NFC**: nome com função classificadora. **3S**: terceira pessoa do singular. **R2**: indicador de determinante não-contíguo. **PRF**: aspecto perfectivo. **1s**: primeira pessoa singular. **O.peq.red**: objeto pequeno e redondo.

desses classificadores, como é o caso do classificador *ʔaʔ*, que também é nome e significa ‘fruta’; e *ŋa*, que é um pronome de terceira pessoa do plural feminino.

Devido ao baixo número de classificadores existentes, podemos considerá-lo um sistema atípico, uma vez que línguas que possuem um sistema prototípico de classificadores (Chinês, por exemplo) apresentam mais de cem classificadores em seu sistema (DIXON,1986; GRINEVALD, 2000).

### 3.2 Munduruku

Os dados de Munduruku foram extraídos de Gomes (2006, 2009) e Crofts (1973, 1985). Gomes (2006, 2009) afirma que em Munduruku não há um sistema de classificadores, mas NFC, classe de nomes inalienáveis que desempenham uma função classificadora. Esses nomes não formam um grupo específico e não desempenham exclusivamente uma função classificadora. Abaixo, encontramos uma lista representativa desses nomes.

Tabela 3: NFC do Munduruku

NFC	Significado
<b>-bu</b>	Cilíndrico e flexível
<b>-´a</b>	Arredondado
<b>-´uk</b>	Oco
<b>-dup</b>	Foliforme
<b>-da/-ta</b>	Graniforme
<b>-´ip</b>	Em forma de pau/bastão

Fonte: Gomes (2006)

De acordo com Gomes (2006, 2009), a semântica dos NFC está relacionada à forma do objeto classificado. Eles possuem uma origem lexical bem clara e, quando desempenham a função classificadora (uso derivado do nome), não possuem autonomia lexical. Assim como observamos no Karo (*ʔaʔ* ‘fruta’; *ŋa* ‘elas’) muitos desses nomes continuam sendo sintagmas nominais na língua, todavia, em contextos específicos, desempenham função gramatical de classificador.

Nesse trabalho, assumimos a hipótese de que esses nomes, na função classificadora, são partículas gramaticalizadas. O fato de eles poderem concordar com verbos, adjetivos, numerais, e demonstrativos e de perderem a autonomia lexical (são obrigatórios nas construções de classificação), evidencia-nos um comportamento de partículas gramaticais.

(3) **Bekicat puy Ø-bu [o’=su-bu-aoka]**  
 Menino cobra R1-NFC 3S=R2-NFC-matar.PRF  
 ‘O menino matou a cobra’

(4) **Warepupu dup o’=tup-´at**  
 Borboleta R1.NFC 3S=R2.NFC-cair.PRF  
 ‘A borboleta caiu’

O fato de a ausência da concordância do classificador no predicado verbal gerar agramaticalidade<sup>4</sup> confirma a nossa hipótese de que esse fenômeno em Munduruku é concordância e não apenas incorporação por repetição, como discute Gomes (2006, 2009).

<sup>4</sup> Sentença (3) sem concordância com objeto gera agramaticalidade.

\*bekicat puy [o’=su-bu-aoka]

Menino cobra 3S=R2-NFC-matar.PRF

‘O menino matou a cobra’ (Gomes 2006)

### 3.3 Mekéns

Os dados de Mekéns foram extraídos de Galucio (2001). Em Mekéns, todos os cognatos encontrados são nomes simples que podem aparecer livremente na sentença. Todavia, em Mekéns, alguns nomes alienáveis, em construções genitivas, podem ser classificados por outros nomes com semântica genérica. Esses nomes são chamados por Galucio (2001) de *Classifier Stem*. Eles também podem aparecer como nomes livres.

- (5) **o-ŋo ameko**  
1s-animal cachorro  
'Meu [*animal*] cachorro'

- (6) **o-iko apara**  
1s-comida banana  
'Minha [*comida*] banana'

Esses nomes classificadores, isto é, *ŋo* 'animal' e *iko* 'comida', perdem sua autonomia lexical e categorizam o nome possuído da construção genitiva. Assim, os nomes *ameko* 'cachorro' e *apara* 'banana' pertencem, respectivamente, à categoria dos animais e das comidas.

### 3.4 Karitiana

Em Karitiana, nomes presos podem ser considerados inalienáveis. Em posição de núcleo em construções compostas, perdem parcialmente sua autonomia lexical ao formam um nome composto junto com outro nome. O nome-se 'líquido', por exemplo, é um nome inalienável. Quando composto com outros nomes, ele define um novo nome. Exemplos:

- (7) a) **-se**: 'líquido', 'rio'  
b) **e-se**: 'chuva'  
c) **'eete-se**: 'mel de abelha', onde **'eet** é abelha  
d) **goharara-se**: 'leite de borracha, seringa', onde **goharara** é borracha  
e) **nôm-se**: 'leite materno', onde **nom** é seio

### 3.5 Gavião

Os dados de Gavião foram extraídos de Moore (1984). Segundo o autor, na língua Gavião, nomes podem ser classificados por outros nomes. Esses nomes classificadores formam um composto de palavras complexas com a expressão nominal precedente.

Todos os cognatos do Gavião coletados neste trabalho são desse tipo. À semelhança do Mundurucu, esses nomes podem ter dois sentidos: um primitivo e um derivado, que origina a leitura classificadora. Assim, *káp* significa 'ovo' (sentido primitivo), mas pode ter um sentido derivado e significar 'objeto pequeno e redondo'.

- (8) **zoc káp**  
chuva o.peq.red  
'Granizo'

### Considerações finais

Por meio da análise dos cognatos e das cinco formas reconstruídas pudemos perceber que, em Proto-Tupi, os nomes reconstruídos eram provavelmente nomes simples. Desse fato, mostramos que não há evidências claras de que em Proto-Tupi havia classificadores. Assim, acreditamos que Karo e Munduruku tenham inovado na direção de criar um sistema de classificação nominal, pois não foi possível reconstruir classificadores na protolíngua.

A análise dos dados das línguas Mekéns, Karitiana e Gavião mostra que há, nessas línguas, um processo de classificação relacionado às construções compostas ou genitivas com nomes inalienáveis. A perda da autonomia lexical desses nomes nesses tipos de construções é um processo emergente que parece estar na origem dos sistemas de classificadores de modo geral. Graças a esta característica, hipotetizamos que os nomes reconstruídos neste artigo para o Proto-Tupi tinham uma função classificadora.

## Referências:

- AIKHENVALD, A.Y. *The languages of the Amazon*. New York: Oxford University Press, 2012.
- \_\_\_\_\_. CROFTS, M. *Aspectos da língua Mundurukú*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Gramática Munduruku*. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL), 1973.
- COSTA, J. C. *Classificação Nominal nas línguas do Tronco Tupi*: Relatório Final de Inicial Científica. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.
- GABAS JÚNIOR, N. A. *Grammar of Karo (Tupi, Brazil)*. Tese (Doutorado) - Universidade da Califórnia, Santa Barbara, 1999.
- GALUCIO, A. V. *The morphosyntax of Mekens (Tupi)*. Tese (Doutorado) - University of Chicago. Chicago, 2001.ok
- \_\_\_\_\_; et al. *Genetic relationship and degree of relatedness within the Tupi linguistic family: a lexicostatistical and phylogenetic approach*. (submetido a publicação).
- GOMES, D. M. Classificação Nominal em Mundurukú: forma, função e tipologia. *LIAMES 9: línguas indígenas americanas*, p. 7-25. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Estudo Morfológico e sintático da Língua Munduruku (Tupi)*. 2006. 300 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- GRINEVALD, C. A morphosyntactic of classifiers. In: SENFT, G. (Ed.). *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge: University Press. 2000.
- LANDIN, D. *Dicionário e Léxico Karitiana/Português*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística (SIL), 1983.NE
- MOORE, D. *Syntax of the Language of the Gavião Indians of Rondônia*. Brazil. Ph.D. (Dissertation), New York: City University of New York, C.U.N.Y., 1984.
- MOORE, D; GALUCIO, A. *Reconstruction of Proto-Tupari consonants and vowels*. *Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas, jul.,n. 2-4,1993 and the Hokan-Penutian Workshop July 3, 1993*, p. 119-37. 1994.
- RODRIGUES, A. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1986.
- \_\_\_\_\_. As vogais orais do Proto-Tupi. In: \_\_\_\_\_. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2005.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. As consoantes do Proto-Tupi. In: CABRAL ET. AL. (ORG.). *Línguas e Culturas Tupí*. Brasília: LALI/Curt Nimuendajú, 2007.
- \_\_\_\_\_. CABRAL, A. S. A. C. *Línguas e Culturas Tupí*. Brasília: LALI/Curt Nimuendajú. 2007.
- \_\_\_\_\_. Tupían. In: CAMPBELL, Lyle; Grondona, Verónica. (Org.). *The Indigenous Languages of South America: a comprehensive guide*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012, p. 495-573.
- STORTO, L. *Aspects of a Karitiana Grammar*. Ph.D. (Dissertation) - Massachusetts Institute of Technology. Massachusetts. 1999.

STORTO, L.; BALDI, P.. The Proto-Arikem Vowel Shift. In: CONFERÊNCIA ANUAL DA LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA, 1994. *Anais...*